

A C A C E I 0 9 6 2 2 / 7 6

C N F

4 / 4

O original deste documento (com 27 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

Se a mulher branca sofre em sua condição de mulher numa sociedade predominantemente patriarcal, a mulher negra tem um outro componente que a torna mais discriminada ainda: a cor. Duplamente rejeitada, a mulher negra aparece como a empregada doméstica, lavadeira, cozinheira, enfim, realizando os serviços que lhe eram típicos na escravidão, hoje, entretanto, tendo sua mais valia barbaramente explorada. Da ama de leite, da menina de recado, da mulher que o branco

da Casa Grande usava quando queria, da cozinheira de forno e fogão, quase 100 anos separaram a atual mulher negra daquela da senzala. No entanto, praticamente nada mudou; nem poderia mudar, uma vez que não se modificaram os modos e os meios de produção. Mas ela, individualmente, não aceitou assim tão passivamente esta condição, assim como os negros — ao contrário do que se pensa — se ensina na escola — não foram os eternos pretos dóceis que tanto se apregoa. No século XIX, sua coragem aparece numa Felipa Maria Aranha, que

266
chafiou o quilombo de Alcôbaga, no Pará. Na Bahia, outra negra participou de várias revoltas escravas, a insurreta africana Luiza Mahin. Esta é a mulher negra que conhecemos: oprimida racial, social e sexualmente, marcada sempre pela inferioridade. O que pensa esta mulher de tudo isto? TIÇÃO ouviu oito depoimentos de mulheres negras. Revolta, resignação, ressentimento, indignação, foram os sentimentos que pontuaram com mais frequência estas vozes negras, geralmente anônimas e inauditas.

MULHER NEGRA

DEPOIMENTOS A VERA DAISY BARCELLOS

Quando sinto
o preconceito branco,
fico agressiva
e me imponho
como negra

Elaine Collares de Mello, 22 anos, bancária

■ Não consigo separar os problemas enfrentados por uma mulher negra de um homem negro. Isto porque os dois sofrem a marginalização social, cultural e econômica. Para mim, um problema sério é quando o negro se abranquiza e passa a achar que tudo está bem. Não acredito que estamos prontos para uma aproximação maior com o branco. Nosso relacionamento não é real, o que existe é um mascaramento. Posso parecer preconceituosa, mas acho que não é hora de casamentos entre brancos e negros. Ainda não estamos de igual para igual. É preciso conscientizar o negro do seu valor. Agora, como fazer não sei. Não acho válido fazer uma Frente Ampla Negra, porque o máximo a que levaria seria uma cetada. A mulher negra está condicionada ao seu papel de doméstica e atrás disso tem toda uma história, mas aos poucos ela vai acordando. Acontece que o sistema tem que oferecer a ela oportunidades sócio-econômicas. Os homens me aceitam porque sou bonitinha. Para eles também sou negra cheia e boa de cama, o mito sexual sempre aparece, o pior de tudo é que os negros absorvendo o comportamento dos homens brancos passam a pensar da mesma maneira. Meus colegas de Faculdade me aceitam porque estou ali com eles, podendo evitar de me cumprir, eles evitam. No trabalho há a surpresa de me verem nesta função, como se o fato de ser bancária fosse uma grande coisa. Eu valho para eles pelo papel que desempenho, não pelo que sou. Mas graças a minha consciência, eu me imponho. E quando sinto o preconceito dos brancos fico agressiva, ruim e então me imponho como negra.

Nunca tive
problemas como negra,
sempre soube
qual era
o meu lugar

Aldina Mendes, 39 anos, casada, doméstica

■ A situação da mulher negra hoje está bem melhor do que antigamente. Hoje ela não enfrenta dificuldades, a mulher morena está em todos os lugares. Antigamente ela nem era convidada para uma festa de branco. Já vi várias amigas serem barradas, comigo nunca aconteceu porque eu sempre soube qual era o meu lugar. Nunca quis me sujeitar a essa situação, de forçar barreiras, enfrentar problemas só pra entrar num lugar de brancos. Hoje, tudo está mudado. A mulher negra não está só na cozinha, está trabalhando como uma branca. Tem negro até que é doutor. Eu tenho visto quando vou ao centro, que os bancos estão cheios de morenos. Olha, tem morenas, pretas bem arrumadas. Quando era pequena, eu era muito fechada, não me metia onde não era chamada, mas isto não tinha nada a ver com a cor.



Se for preciso
eu compro o preconceito
das pessoas
para conseguir
o que quero

Suzana Martins, 22 anos, secretária,
formada em Letras

■ Nunca questioneei antes se as zebrás que aconteciam comigo tinham a ver com minha cor, até que uma amiga me deu o toque. A situação aconteceu quando estava para conseguir uma vaga para lecionar num colégio particular. Como crédito eu tinha meus conceitos excelentes e o fato de estar no primeiro semestre de Letras. Apesar de tudo, não fui escolhida. Não entendi e não queria acreditar que tinha alguma relação com minha cor. Ai, essa amiga me disse que não me aceitaram porque eu era negra. Isso começou a me alertar. Claro, eu estava sabendo que, o que pensava não era o individual, mas sim o social. A estrutura do colégio não aceita professores negros, mas isto não me frustra. Estou sempre esbarrando com este problema. Outra vez, tinha como certo um cargo de chefia e eu reunia as melhores condições. O chefe disse que não me daria o cargo porque os clientes não aceitariam uma negra. Lutei e consegui, nunca houve problemas, ao contrário, os clientes chegavam até mais. Ele tentava projetar um preconceito que era só dele. Claro, naquele momento, estava comprando uma briga, além de mulher, eu era negra. Negro de alma branca, acho isso uma paradoxo, mas se preciso for eu compro o preconceito deles e consigo o que eu quero. A mulher negra é sempre vista como doméstica, vedete ou então é diferente, é exceção porque é universitária. Eu era a única recepcionista negra. Num ocasião fui jogar, o pessoal que estava lá era do Rio. Os comentários surgiram: sabe, você bem que dá para ser uma das mulatas do Sargentelli! Um elogio expressado profeticamente revelando preconceito. Os mais pobres não sentem o preconceito porque esta sempre foi a situação do negro.

Sempre lutei,
nunca encontrei
portas fechadas.

Eu até
nem me sinto negra...

Maria de Lourdes Nunes, 57 anos, casada,
dona de casa.

❑ Racismo? Não gosto de falar neste assunto. Pra' dizer a verdade, eu até sou neutra, nunca tive problemas. Onde eu vou sou sempre bem aceita, nunca encontrei portas fechadas. Mas também sempre lutei por um lugar melhor, pelo fato de ser negra nunca fiquei encarando ninguém. Não me sinto inferior e nunca me diminuí, e, depois não há diferenças entre o negro e o branco, tudo é igual. E vou dizer: as vezes eu até nem me sinto negra, é uma coisa que eu nem sei explicar, talvez porque nunca tenha encontrado alguém que me dissesse: o que essa negra quer aqui? Acho que nunca senti o racismo, ou problemas, porque nunca pensei no outro lado, não me preocupei em saber se gostavam ou não de mim, fiquei sempre na minha. Agora, uma coisa é preciso dizer: não é o branco que põe barreiras, é o próprio negro. Quando os brancos convidam para uma festa ele fica sempre naquela de inferior. Eu não, sempre fui a todas as festas. Nunca comprei roupa nova para chegar até lá. Mas se é um coquetel no Floresta eu vou na loja, porque no meio dos negros tu tens que estar bem vestida para ser valorizada. É uma competição mesquinha. Isto quer dizer que o pessoal não evoluiu. Este tipo de competição não ajuda em nada. Minha vida foi de muita luta para chegar onde estou e nunca me humilhei.

podemos fazer
tudo que o
branco faz

Mariza Correia Azevedo, 15 anos,
balconista

❑ O fato de ser negra não me impede que eu tenha um bom relacionamento com meus colegas de aula e serviço. Lá na loja somos duas negras e não tenho problemas. Acho que aqui não tem preconceito, precisa ver em Pelotas. Lá o negro não está no comércio ou nos bancos, a negra é quase sempre empregada doméstica e o negro pede. Aliás, todo mundo tem essa ideia de que a negra só serve para a cozinha. No meu colégio somos doze negros, mas eu me dou legal com meus amigos brancos, inclusive eles são mais meus amigos do que os pretos. A mulher negra tem que deixar de ser acomodada, ignorante se ela quiser alcançar um bom lugar na vida. Podemos fazer tudo que o branco faz. Acho que os negros e brancos devem se misturar, preconceito não deve existir. Lá na loja me chamam de Cinza da Silva, não vejo racismo nisso, acho até que estão me valorizando. Eu me assumo como negra, porque está a cor da gente, o sangue da gente, tenho orgulho de ser negra.



A grande
dificuldade
não está na cor,
mas na falta
de cultura

Ana Rosa, 22 anos, solteira, empregada
doméstica

❑ A grande dificuldade não está na cor, mas na falta de cultura. Com isso eu esbarrei, quando tentei ser modelo, aliás, por algum tempo eu fui. Eu tinha dificuldade para conversar, colocar meu pensamento. Eu era a única negra da turma de manecas, mas nunca tive qualquer preconceito. Desisti de ser modelo porque os caras disseram que para vencer, eu tinha que me entregar de corpo e alma. Ai não deu, não estava preparada para aguentar a barra. Agora, horrível é essa de ser doméstica, é humilhante. Estou nela porque não tenho condições de conseguir algo melhor. Não suporto. E depois em qualquer lugar que tu chegas a empregada é isolada. Posso estar bem vestida, mas não adianta, nunca vou passar de uma empregada doméstica. Eu cheguei do interior sem referências e logo percebi que é difícil achar um emprego. Foi mais fácil trabalhar numa casa de família. Agora estou estudando e quero fazer psiquiatria porque vai dar uma grana alta. É claro que existe racismo, mas eu nunca senti. Mas já vi uma minha prima passar por uma situação destas. A gente ia para a praia. No ônibus, eu e ela ficamos separadas. Quando ela sentou, a companheira do banco levantou. Quando o cobrador perguntou porque ela não sentava, respondeu: "não gosto de negros".

O negro
não deve
abrir mão
dos valores
de sua raça

267

Marisa Souza da Silva, 37 anos,
jornalista e professora

❑ Nunca me detive a examinar o problema especificamente da mulher negra, porque existe um nivelamento da mulher em geral. Aliás, o capitalismo reforça a dicotomia: velho/jovem, rico/pobre, negro/branco para manter as estruturas de classe. Não resta dúvida que a mulher negra enfrenta duplo problema: a cor e a sua marginalização social, cultural e econômica. E aqui tem muito de minha visão pessoal, em vários momentos me senti rejeitada pelo fato de ser negra. Tive que percorrer um longo caminho para me assumir como preta. Ser preta para mim causava um sofrimento, pesava muito. Foi um processo de crescimento, a fim de superar os problemas de convivência, que estava chegando a um ponto crítico. A medida que o negro assume sua inferioridade surge todo um conflito. O negro não deve abrir mão dos valores de sua raça. O racismo é uma realidade tão terrível que até o negro passa a fazer parte das regras do jogo, o de esquecer que é negro.

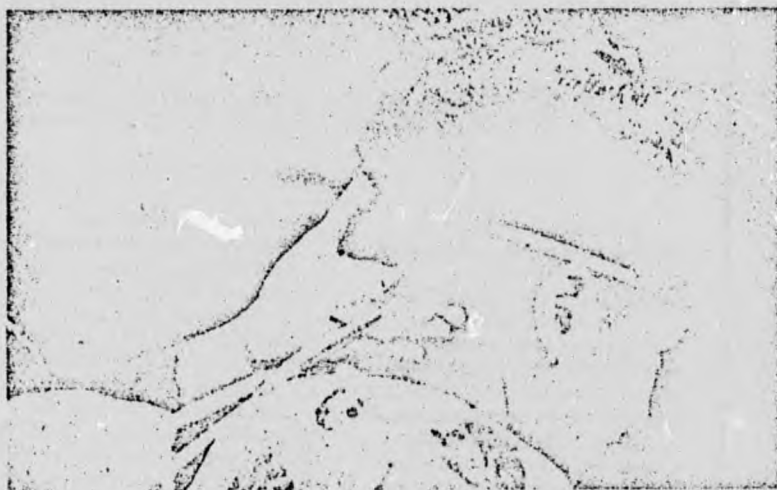
Racismo
é uma
manifestação
da ignorância
das pessoas

Iracema Santos, 49 anos, casada,
industrial

❑ Hoje a situação, tanto para a mulher negra como para a mulher branca, está melhor. Eu me lembro que antigamente éramos tratadas como seres inferiores e o negro era bastante marginalizado. A minha mãe trabalhava numa casa de família, eu só podia brincar um pouco com as filhas da dona da casa, isso no quintal, porque na sala eu não podia entrar. Nunca me senti na mesa deles. E, prato que a filha da empregada comia não era o mesmo da filha da senhora da casa. Mas o povo evoluiu e o preconceito não está mais como antigamente, já vemos negros e negras atuando nas mais diversas funções. Claro que tem negros marginalizados, precisamos combater esta situação. Aqui na fábrica a cor da minha pele nunca foi problema. E depois, eu acho que o racismo é uma manifestação de ignorância das pessoas. Vejam, a minha mãe é loira de origem alemã, meu pai é negro e ela tem um sentimento. Toda a minha vida eu percebi isto, esse recalcado de ver seus filhos saírem negros. Vê se isso não é ignorância?

Por que o negro ainda alisa seu cabelo?
As respostas que ouvimos foram muitas.
Houve até quem dissesse que
alisar o cabelo é mais *prático* para a mulher.
Outros simplesmente acham mais bonito.
Georgina, a proprietária do Salão que
entrevistamos, chega a dizer que é uma
questão de higiene. Quer dizer, o cabelo
natural do negro é anti-higiênico. Antes o
negro quase raspava sua cabeça para
esconder a carapinha e sentia-se humilhado
quando algum branco chamava seu cabelo de
pixaim. Hoje a grande maioria negra,
principalmente os mais jovens, assumiu
seu cabelo, deixando-o crescer naturalmente.

O
teu



Ferro quente na cabeça

cabelo não mega



Cabelo liso pela química

Era sempre uma festa com significado de tortura na vaidade feminina. O pente de ferro aquecido nas brasas do fogareiro embebido em vaselina e, quando esta faltava, a banha de coco era usada. Nada importava, o cheiro de cabelo queimado, ou o couro cabeludo ardendo numa queimadura. O importante era que no final o cabelo ficasse liso e o pente corresse da raiz até as pontas. Era uma festa. Uma festa que dependia muito das condições do tempo. Bastava chover para a vergonha surgir. A umidade do ar transformava os lisos cabelos novamente em carapinha. A moda lançou o cabelo afro, uma linha mais natural, bonita e prática, mas uma grande maioria de mulheres negras continua indo aos salões de beleza, buscando nos cabelos alisados uma maior semelhança com

o modelo de beleza já estabelecido — o da mulher branca. Os métodos mudaram, o pente de ferro já está quase esquecido, em seu lugar surgiram as pastas de alisamento a frio, as chapinhas balanas que alisam os cabelos com vapor e os hennés. Os cabelos estão lisos, longos e sem cheiro de gordura de coco. O uso constante dessas pastas causa a eliminação das glândulas sebáceas, enfraquecendo a raiz do cabelo e provocando sua queda. Muitas mulheres já ficaram calvas. Mas este sinal de perigo é secundário, o que é importante para muitas negras é ter no cabelo liso a resposta para aquela indagação racista: "nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?" Embora muitas desconheçam que toda beleza negra está também no seu cabelo pixaim, engruvilhado ou carapinha.

com o chamado cabelo afro.
 No entanto, o alisamento ainda continua.
 A vergonha do platin permaneceu.
 Durante anos o negro ouviu dizer que o seu
 cabelo era ruim e feio. E, através do
 alisamento, tentou reproduzir o padrão de
 beleza branca, perdendo a sua originalidade e
 se descaracterizando. Isto reflete um
 fenômeno típico do racismo:
 humilhado, discriminado e alienado
 da sua própria história, o negro passou a
 ter sentimentos de rejeição da sua cor.
 O alisamento, sem dúvida, é mais um produto
 deste comportamento.

Higiene ou branqueamento?



Dona há 23 anos do
 Instituto de Beleza *Colored*,
 nome escolhido porque dizer,
 "negro em inglês é bem mais
 suave e não agressivo",
 Georgina é uma das especialistas
 em alisar cabelo em Porto Alegre.
 Em suas indas e vindas do
 Rio de Janeiro, sempre uma
 novidade no método de alisamento.
 Seu salão de beleza chega a ter nos
 fins de semana uma frequência de
 100 a 120 mulheres que buscam
 ali o embelezamento de seus
 cabelos.

Afirmando que não considera
 o alisamento como um processo
 de branqueamento do negro,
 mas sim uma questão de higiene,

Georgina reforça:

— Eu sou pelo embelezamento
 do cabelo. Entra uma pessoa
 branca no salão e eu sei que ela
 está com o cabelo alisado, então,
 pra mim ela é negra.

O branco mesmo tem o cabelo
 bom, liso. Toda pessoa que
 se considera branca, mas tem o
 cabelo crespo, tem negros na
 família.

A maioria da clientela do
Colored considera o cabelo
 carapinha feio, opinião também
 partilhada por Georgina. Ela acha
 que ir ao salão de beleza
 "é um dever de todas, já que o
 salão é o segundo lar da mulher".

Das viagens ao Rio, ela traz
 suas pastas, seus hennés,
 as chapinhas baianas e o
 método Marcel, que é o
 enrolamento com uma tesourinha
 quente. A beleza é fundamental.

Os médicos são contra o
 alisamento, porque é prejudicial
 — dizem —,

mas Georgina fala dos cuidados
 que se deve ter:

— Não prejudica desde que
 se conheça o cabelo. Há pessoas
 que fazem horrores com o cabelo.
 E isto acontece porque as clientes
 não avisam que já haviam
 passado um outro produto
 anteriormente. Então, quando
 a gente começa a alisar, o
 cabelo cai.

Para ela ninguém mais
 aceita o cabelo crespo, mesmo
 que depois de alisar, tenham
 que enrolar o cabelo. E com isso
 nem as meninas escapam:

— Tenho uma clientela de
 20 crianças. Elas não querem,
 nem gostam de alisar os cabelos.
 Mas a maioria que chega aqui
 vem obrigada pelas mães.

A criação do Instituto de Beleza
Colored surgiu quando Georgina
 era pequena, motivada por
 um preconceito, em Porto Alegre
 ninguém sabia cortar cabelos de
 negros:

— Minha mãe me levou num salão
 de beleza e ninguém quis me
 atender, porque não sabiam cortar
 cabelo de *moreno*. Eu acabei indo
 a um barbeiro, para cortar minhas
 tranças. Daí eu jurei que seria,
 mais tarde, cabelereira só de
moreno. E é o que eu sou.
 Se vier uma branca, eu penteio,
 mas de preferência, eu atendo
morens. Eu sou muito orgulhosa
 em ter o salão para atender
morenos.

Conversamos durante quatro horas com Escurinho.

Ou com Luiz Carlos Machado, 27 anos, casado dois filhos. Um deles chama-se Cassius. Homenagem à Clay. Ou Muhammad Ali. Quando chegamos Escuro estava ensaiando com amigos as músicas que pretende gravar no seu primeiro elepê, em 1978. O sambista Escurinho pede passagem, mas os dirigentes do seu clube não estão nem um pouco interessados em dá-la.

Escurinho diz que não perde esta.

Na sala sua mulher e os filhos assistem televisão.

Vêm a gravata do Cid Moreira exageradamente colorida, mas não prestam muita atenção no que ele diz. Uma casa simples, como todas as casas da classe média. A televisão ligada, as crianças gritando, a janta sendo feita. Nada de ostentações como era de se esperar de um negro em ascensão que já passou fome e foi menino de recados. Escurinho aparece, pede que fiquemos à vontade. Sua mulher serve uísque. JB. Escurinho diz que já volta.

cabeça que faz

Daisy — Escuro, como é que tu vês a relação negro/futebol?

Escuro — Futebol é a força negra mais forte que existe no Brasil porque em nenhum outro esporte, em nenhuma outra profissão, o negro se destaca tanto pela qualidade individual dele, sua origem e criação. Então eu acho que o futebol está totalmente com o negro. No Brasil eu coloco nestes termos: é o futebol que dá base, colocação ao negro, numa posição social talvez até melhor do que muitas profissões.

Emílio — O Pelé disse que nunca sentiu discriminação racial. Isto não se deve exclusivamente pelo status que ele atingiu com o futebol?

Escuro — Não gosto de dar minha opinião sobre o Pelé porque penso contrariamente do homem Pelé-Edson Arantes do Nascimento. Ele visa muito o pseudônimo dele, procurando manter aquilo que conseguiu e querendo ainda mais. Ele é individual na raça negra, não pensa nunca no conjunto, na raça, no povo, em quem se ele tivesse um pouco mais de interesse, poderia colocar em termos mais elevados. Neste sentido eu discordo totalmente dele. Eu acho que a gente devia — como eu estou tentando fazer alguma coisinha — elevar um pouco o nível da raça negra.

Daisy — O que é elevar o nível? Como é que se dá isso?

Escuro — Prá elevar o nível da raça negra acho que aqueles negros têm possibilidade, e posso estar no círculo porque tenho facilidades: o futebol hoje no Brasil é uma grande arma, então, com a força que a gente tem poderíamos ajudar os outros que têm inteligência, força de criação, talvez até mais do que a gente, só não têm oportunidade, em diversos setores onde possam manter uma associação de ajuda àqueles que não possuem condições de manter pelo menos uma facilidade. Seria um passo.

Emílio — É o preconceito?

Escuro — A gente sabe quem sente somos nós mesmos. Eu, por exemplo, poderia estar numa posição tranquila, me portar como o Pelé se porta, mas eu evito isto porque procuro exercer tudo aquilo que tem de Escurinho e viver o Luiz Carlos. Em qualquer momento, em qualquer situação eu procuro sempre ser o Luiz Carlos, porque o Luiz Carlos nunca



Meia hora depois a entrevista começa. Escurinho fala com muita cautela, exagerada até. Diz coisas ingênuas e simples, a respeito do negro e suas questões. Tem idéias filantrópicas, como por exemplo, fundar uma associação para manter negros na Universidade. Conversamos sobre a situação do negro, caímos em futebol. Várias vezes o jogador pede que o gravador seja desligado. Não está acostumado com perguntas assim, não responde algumas. No fim, uma certeza:

Escrinho não usa a cabeça apenas para fazer gols. Ela também pensa, com suas limitações e equívocos. De qualquer forma, ele tem claro algumas questões que ainda estão muito distantes da grande maioria dos jogadores negros no Brasil, que cada vez mais se torna submissa para continuar sonhando com a ascensão social, com a glória efêmera, e com outras ilusões do futebol. Escurinho, se não tem posições firmes ou mais profundas, ao menos está consciente disto tudo. E a bola está com ele.

gol também pensa

consegue o que o Escurinho consegue. Daisy — A música seria a tua segunda atividade?

Escrinho — Bom, é claro que o futebol está em evidência no momento e eu aceito a música em segundo plano, mas se fosse possível, e vai ser possível, colocá-la em primeiro plano, aí a coisa vai mudar totalmente. Em futebol o único momento de comunicação que a gente tem é o gol. Quando perguntam, a gente tem que responder em termos técnicos, não tem nada a ver com aquilo que a gente sente. Na música não. Nela a gente fala aquilo que está sentindo interiormente, os problemas que temos, sociais. Inclusive vou fazer um comercial do meu disco aqui (risos). Tenho músicas onde eu falo muita coisa que está passando despercebida, mas quando notarem vão ver que eu estou dizendo coisas importantíssimas.

Jorge — O Jorge Ben sempre fala muito em futebol nas suas músicas. O teu trabalho como músico tem alguma coisa a ver com futebol?

Escrinho — São duas coisas paralelas e procuro colocá-las em horários diferentes (risos), porque eu acho que aquilo que faço em música não tem nada a ver com futebol. O Jorge Ben fala muito em futebol porque ele não conseguiu ser um profissional. Ele foi juvenil do Flamengo. Em música ele tem inspirações sonhadoras de jogador de futebol, mas quem vive o dia-a-dia do futebol profissional não tem condições de se inspirar em nada, ou fazer uma música assim. O Jorge Ben fala aquilo que nunca aconteceu em futebol (risos). Então pra falar de música e futebol eu teria que falar uma coisa muito séria e o pessoal não quer pensar nada sério do futebol.

— O JORGE BEN FALA
AQUILO QUE NUNCA
ACONTECE NO FUTEBOL

Daisy — E a tua música fala de quê?

Escrinho — Fala de qualquer sentimento, pessoas, acontecimentos. Procuro fazer

uma análise profunda do que posso colocar numa música, falando coisas que todo mundo pode entender sem precisar de um dicionário. Todo mundo fala, mas as palavras às vezes não tocam onde devem tocar porque a maioria ganha mais do ritmo. Isto está acontecendo muito no Brasil. Não fosse isso a música americana não teria influência no Brasil, nem teria entrado aqui.

Enílio — No Brasil quais são os compositores que te gostam?

Escrinho — Milton, não por estar em evidência, o Chico. Jorge Ben eu gosto pra descontrair, tem horas que a gente não quer ouvir nada, encher ou se preocupar com nada. Então o Jorge Ben é a melhor coisa (risos), não, é verdade mesmo (mais risos).

Enílio — É o Black-Rio, agora o Black-Porto, como é isso?

Escrinho — O Black-Rio eu gosto pela novidade. O nome não me interfere, não muito. Acho que o negro em si não é o negro americano e o negro brasileiro é o negro brasileiro, o negro africano é outra coisa, apesar de tudo sair da mesma origem.

Tanto o negro como o branco americano possuem uma posição superior, o negro brasileiro está numa situação em que não pode criar e impor nada. Essa onda black me deixa totalmente fora porque a gente vai tentar assimilar o que não é nosso. Temos que fazer coisas com base, com origens.

Enílio — O Black-Rio deveria, então, buscar raízes mais brasileiras?

Escrinho — Totalmente. Negro Porto, Negro Paz, qualquer coisa que fosse pelo menos com origens nossas. Negro do Rio, qualquer coisa assim. Quer dizer: fica num sistema fora do nosso. Queremos assimilar o que não é nosso, fugindo das nossas origens. O Black-Porto eu assisti e acho que foi ótimo, desculpe a crítica, uma festa de aniversário de alguém, sem base, sem conhecimento do que estamos fazendo. Poderiam deixar uma visão da imagem do negro no Rio Grande do Sul porque ninguém acreditava que havia negro aqui. Acham que aqui é uma terra de imigrantes e que o negro não tem possibilidades de viver aqui. Essa é a posição de qualquer estado do Brasil,



tenha conhecimento disto porque viço e visto. Eles acham até o negro do Rio Grande diferente, com influência européia. O negro brasileiro não pode assumir o negro americano como assumiu no Rio. Dávy — Coloca melhor esta história do Black Porto ser uma festa.

Escurto — Quando aconteceu a intenção talvez fosse séria, mas o pessoal que estava integrando não estava pensando desta maneira. Deram uma entrevista para a televisão e ficou um negócio ridículo. Escolheram dois ou três, por isso que eu acho que foi festa, para a entrevista no Fantástico e não foi nada profundo, pelo menos no sentido de colocar alguma coisa mais forte do negro do Rio Grande do Sul.

Emílio — Entre os jogadores de futebol, negros, há alguma conscientização? Escurto — Tem muita coisa que um jogador de futebol evita de falar. Entre jogadores de futebol não existe, mais ou menos, um preconceito. Jogador de futebol tem uma certa liberdade nessas coisas. Então, não existe num clube preconceito. Quando existe uma proibição ela é totalitária, não exclui ninguém e o jogador negro também está inserido e, então aí não há preconceito. Qualquer coisa que ele quiser falar tem que pensar antes porque sua possibilidade pode acabar. Muitos pensam desta forma. Poucos jogadores negros têm a personalidade de falar alguma coisa que aconteça com ele, e tanto o negro como o branco.

— O FUTEBOL CASA TOTALMENTE COM O NEGRO

Emílio — O negro quando adquire um certo status, através do futebol, passa a sofrer um processo de branqueamento, consumindo padrões brancos, esquecendo os problemas raciais, até que ele seja diretamente discriminado. O que eu tinha perguntado é se os jogadores negros têm esta consciência, conhecem sua raça. Escurto — Poucos, muito poucos têm consciência disto, por causa do círculo em que estão envolvidos. É uma coisa tão envolvente que a mente dele, se não for um pouco esclarecida, pode até se perturbar.

Jorge — Como é o Caçapava?

Escurto — O Caçapava simplesmente é um cara puro demais. Pela sua pureza às vezes ele se prejudica profissionalmente. Talvez ele esteja esperando o momento para mostrar o que ele é.

Jorge — O Caçapava é um cara muito importante no sistema do Inter, que joga um estilo de futebol forte, fazendo o trabalho do operário, vamos dizer assim, e ao mesmo tempo é humilde demais. Chorou na hora de assinar o contrato. Quando se fala que o futebol é uma arma, de ascensão social do negro, Pelé, pra ti mesmo. O Caçapava é um cara usado, utilizável. Em dois anos estouraram os meniscos dele. Eu queria que tu falasse um pouco sobre isso.

Emílio — Gostaria de complementar a pergunta, colorando mais um caso, o mais típico, nacional inclusive, que é o caso do Garrincha. Era um jogador extremamente ingênuo e foi profundamente destruído.

Escurto — Bom, eu não posso falar muito porque só conheço histórias sobre o Garrincha, mas acho também que ele foi muito envolvido pelo Rio de Janeiro, onde tudo é mais fácil ainda que aqui. Por exemplo, aqui a gente por uma mão de amigos que precisam abrir nossos olhos e

acabam nos protegendo. Agora, no Rio é realmente muito difícil encontrar um amigo que possa nos proteger. Realmente, ele te protege enquanto você proteger ele. Carioca é um cara assim que "fararei" (risos), como diz um amigo meu, tudo aquilo por você, enquanto você "farará" tudo que puder por mim. Então eu resumo o Caçapava numa palavra só: ele é humilde demais. Eu tenho certeza que ele tem coisas que poderia expor, tem idéias, mas se contém demais. Ele vem de origens mais fortes porque é um negro que veio do interior, então ele sofreu muito mais do que um negro da capital.

— NO FUTEBOL O ÚNICO MOMENTO DE COMUNICAÇÃO É O GOL

Jorge — É um cara que em dois anos teve que operar o menisco, que é uma coisa fundamental para o jogador.

Escurto — Eu opo, também, com um ano de futebol. Isso eu considero natural. O que eu não considero natural é tirar um órgão do teu corpo e ficar com o mesmo problema. Aí já existe algum erro, alguma coisa, como no caso do falecido Geraldo. Eu não posso dar uma opinião porque eu não tenho condições de analisar um médico. Se você vai se operar é para melhorar, se não não tem sentido. No momento que tu consegues tirar o troço e não melhorar é porque não foi muito bem feito.

Jorge — Então, seria mais ou menos natural o jogador de futebol operar o menisco?

Escurto — Olha, eu não sou grande

conhecedor do problema. E bem relativo o negócio, não tem uma condição, um prazo de dizer: o menisco estourou com certo tempo de atividade. As vezes passa dez anos...

Jorge — Eu não quero me deter no caso do menisco, é como um exemplo. Eu fiz uma matéria com o Tarciso e ele tem problemas numa perna por causa do futebol. Ele joga porque desenvolve todo um trabalho. Então o futebol pode debilitar também... Escurto — Perfeitamente.

Jorge — ... é como chupar a laranja e jogar fora o bagaço. Um jogador é mais ou menos isso.

Escurto — É isso aí (risos). Vamos tirar enquanto tiver condições, depois que não tiver, acaba e pronto... (risos). Então a gente usa da mesma força: vamos tirar deles enquanto a gente tem condições. A consciência profissional, pelo menos no Internacional, é muito grande. Todo mundo sabe que tem que tirar o máximo que puder. Prova está que a gente nunca aceita qualquer gratificação por partilha sem discutir. Geralmente eles impõem alguma coisa e nós não aceitamos.

Transformamos sempre num diálogo franco, aberto, para tentar uma possibilidade maior. Eu ainda não tive o problema de ter acalado minha carreira. Acredito que a prova maior que a gente está se organizando seja a criação da Associação que estamos criando para criar um sindicato e ajudar aqueles que tiveram problemas, que não conseguiram segurança.

Emílio — Eu ouvi uma entrevista um tanto dramática do Cláudio, pedindo ao pessoal aparecer numa reunião da Associação.

Escurto — Desde 1945, 46, estão tentando criar este sindicato. Hoje o Cláudio conseguiu mobilizar todos os profissionais do Internacional, do Grêmio e do Cruzeiro, que são da Capital, para fazer parte do sindicato, eleger uma diretoria, um

grupo de trabalho. O pessoal do interior só acredita vendo. Nós já fizemos duas coisas importantíssimas que foi defender dois jogadores que tiveram problemas em clubes. O Cláudio é o baliarte da coisa, ele é quem encara, que vai, e por isto ele faz estes apelos dramáticos (risos).

Jorge — Acho melhor retomar a discussão sobre o negro, não é?

Daisy — Por que o apelido de "Escrutinho", quando é que começou?

Escuro — Tenho este apelido por causa do Escutinho, que era jogador do Fluminense. É coisa do futebol, não fica bem posicionado se é preconceito.

Agora, a razão do Escutinho do Fluminense ter este apelido, aí talvez seja racismo. O Fluminense não tinha negros, aquele negócio do pó de arroz (risos). Eu teria que fazer uma análise. Claro que poderia ser racismo (risos e confusão).

Emílio — Eu tenho impressão que o Clay influenciou muito os negros no Brasil, não?

Escuro — Ele tem uma força tremenda pela capacidade de impor as coisas que ele deseja criar em benefício do negro, mas eu acho que a gente não deve se excluir. Eu gosto demais dele, é um cara que tudo que quer consegue e eu penso que o negro brasileiro deveria ser assim também, mas o negro brasileiro foi para os Estados Unidos ganhar o dinheiro dele (risos).

— O NEGRO TEM QUE EVOLUIR NO SENTIDO POLÍTICO

Emílio — Ao longo da história o negro sempre apareceu como um animal que lutava dentro da arena, pronto para morrer, como se fosse um espetáculo. Isso também se estende ao

futebol e ao boxe.

Escuro — É claro, o Joe Louis foi um ... Emílio — O Joe Louis foi lutar na Coreia, divertiu os soldados e o Clay se recusou a ir para o Vietnã.

Escuro — ... então, pois é: aí que entra a responsabilidade e o caráter que muitos acreditavam que pudessem existir numa pessoa negra. O Clay luta para conseguir muitas coisas que ele deseja, mas a gente não deve fazer disso mais do que um exemplo, porque no Brasil existem poucos jogadores negros que poderiam fazer isto.

Daisy — São poucos os jogadores também que procuram uma atividade paralela.

Escuro — É o que estou tentando fazer com a música. Eles acham que não pode, mas eu acho que pode, a prova está que estou continuando e espero ser um grande vencedor desta luta. Eles acham que não é possível um jogador-compositor, porque eu não teria condições de conjugar uma noite de show com um treinamento pela manhã. Eu coloquei pra eles nos seguintes termos: já que eu assumiria as duas atividades paralelas, daria um jeito de levar as coisas de modo que não prejudicasse o futebol, mas não admito isto. Isso está sendo a minha maior briga atualmente e acho que vou vencer tranquilamente.

Daisy — A maioria dos jogadores negros casei com brancas. Como é que tu vêes isto é o que representa este fator para a comunidade negra?

Escuro — Eu não posso falar sobre isto, não tenho base social. Pelo menos eu sou casado com uma negra, ela é um pouco mais clara do que eu, mas é negra. Passou do dia (risos) tá tudo bem, tá mais pra noite do que pra dia (risos). Mas acho que seja por causa da necessidade de afirmação. O negro em ascensão procura os melhores lugares, procura curtir tudo aquilo que ele nunca pode curtir. Eu, por exemplo, procuro curtir tudo aquilo que não pude curtir, quando não tinha muitas condições: o meu carro, o meu som, o meu violão. Agora, tem outros que procuram curtir loiras, olhos azuis (risos) e coisas assim. Isso talvez seja reflexo dos problemas que a gente teve na infância, de ter tido dificuldades,

como todo negro tem.

Emílio — Por causa também do sentimento de rejeição, não é?

Escuro — Acredito que sim. Então, ao casar com uma branca ele acha que está fazendo grande coisa. Ele quer dar uma condição social a ela e também quer a sua própria condição perante a sociedade. Acho que é isso.

— POLÍTICAMENTE O MEU PARTIDO É ALTO

Jorge — Acho correto, mas também muito polêmico. Quando a gente coloca a questão nestes termos, tendemos a radicalizar e fechar no seguinte: negro com negro e branco com branco. Eu acho que a gente não pode tomar esta atitude. Escuro — Não, eu estou respondendo só o que ela perguntou ...

Jorge — E, eu peguei na metade, mas em todo caso é uma das questões do casamento inter-racial. Eu acho que não deveria ter problemas. Tem toda esta conotação social, mas eu acho também perfeitamente normal uma pessoa negra andar com uma branca.

Escuro — Eu sei, mas eu estou colocando em termos de jogador de futebol porque ele economicamente é um cara muito visado. Ela fez a pergunta neste sentido. Talvez o interesse do casamento seja isto: ele é negro, mas tem dinheiro e é casado com uma branca, quer dizer, já são duas vantagens.

Jorge — Outro dia eu estava falando com o Romeu Rodrigues da Cruz e ele me disse o seguinte: agora até que está bem, daqui mais alguns anos nós vai mais ter negro (risos), vai ter a raça brasileira (risos). A raça brasileira dele é mais branca do que negra, tira o negro fora. ... Escuro — Eu concordo com ele, sabe por quê? ... tem que reconhecer que ele teve que passar por problemas gravíssimos. Ele analisa os problemas que teve na época de jovem, puxa vida, em 1935 o negrinho não podia nem chegar perto do portão, nem conversar com branco. 1976: ele janta na casa de uma branca amiga dele, considerada. Mas nós mais jovens não queremos (frisa palavra por palavra) o que os velhos conseguiram. A abolição foi em mil oitocentos e não sei quantos.

Em 1978 o negro tem que evoluir no sentido político. Nós pensamos assim porque é a nossa época. Nós não vamos parar no tempo, pensar em Princesa. Isabel; simplesmente nós temos a base que foi Princesa Isabel que fez isso e aquilo, bem ou mal, a gente só tem que saber porque é história, saber da onde a gente surgiu. Mas nós temos que partir dos problemas que nós sentimos.

Emílio — A história teria a função de elucidar o nosso presente, através do conhecimento do passado, no caso.

Escuro — Exatamente, exatamente.

Emílio — Em 1910 o negro não podia nem chegar no portão, mas também aconteceram resistências históricas muito importantes, como Quilombos e outras rebeliões.

Escuro — Concorro. Acho que hoje a resistência que a gente encontra ... por exemplo, um negro numa faculdade de medicina é um problema, um negro se tornar um jornalista, outro. Então este é um trabalho nosso, temos a base, conhecemos a nossa história, vamos evoluir, vamos criar uma história.

Jeanice — Politicamente, Escutinho, tens algum partido?

Escuro — Politicamente o meu partido é alto (risos).



O Carro do Êxito, de onde este conto foi extraído, é o livro que marca a estréia de Oswaldo de Camargo como contista, despontando como "o primeiro intérprete da nova sociedade e da burguesia negra paulista", como observou Jane McDivitt. Nascido em Bragança, interior de São Paulo, Oswaldo de Camargo fez uma longa peregrinação até ganhar a capital paulista,

através dos colégios religiosos internos, onde aprendeu música, tornando-se um apaixonado pelo canto Gregoriano, até o Seminário, onde se iniciou na poesia, depois de muita leitura. Uma forte depressão nervosa acaba desviando o do Seminário, e, já na capital paulista, Oswaldo de Camargo passa a ser organista da Igreja Senhora do Rosário dos Homens Pretos e

colabora em várias publicações, recebendo apoio de intelectuais como Sérgio Milliet. Aprofunda seus estudos de piano e trabalha como revisor em O Estado de São Paulo e como redator de publicidade. Em 1959 viria o seu primeiro livro de poemas. Um homem tenta ser anjo, bastante elogiado. Dois anos mais tarde, novo livro Quinze Poemas Negros,

Esperando o Embaixador

(CONTO DE
OSWALDO DE CAMARGO)

O poeta Teobaldo Luiz me convidou. Vesti o melhor terno, a gravata fininha, de seda, tirei do cabide, pra solenidade, o sapato, engraxei, o bico do, de que eu gosto e reservo na caixa, esperando um evento. É este merecia e eu estava feliz de sair, de olhar satisfeito, esperando um táxi.

— Volta cedo — me pediu tia Luiza — e eu disse: Volto quando acabar, titia, o embaixador da Nigéria está lá, antes dele não saio... Tomei a bênção de titia, rodei para a homenagem a Teobaldo.

— Vou a uma reunião importante — expliquei ao chofer — vou ver o embaixador da Nigéria.

— Ah!

Rodamos em silêncio até o Viaduto Pacaembu. Afí interroguei o chofer, de repente:

— Você é preto, não é?

— Tá na cara, não vê?

— Acha importante relações entre nós e a Nigéria?

— Que nós? Você diz o Brasil?

— Não... nós, os das associações, as associações negras... Você não sabe?

— Eu trabalho, moço, só sei dos problemas desse carro e da porcentagem do patrão. Por que me perguntou se sou preto?

— Surgiu, entende? Vou me encontrar com gente boa, um poeta da raça, Teobaldo Luiz.

— Teobaldo é o nome do meu menorzinho.

— E o deputado Antônio Olavo é mais gente interessada na raça.

— Não vejo porque o interesse, nunca pensei que fosse preto, sou chofer, tenho dois filhos... O Teobaldinho... Esse Teobaldo Luiz não conheço, não.

— Fala da raça e fala bem, publicado até na Europa.

— Não li, não.

— Quer dizer que você não conhece as associações negras? Não conhece, por exemplo, a "Negros Contemporâneos" ou a "Casa de Cultura Luiza Mahin"?

— Trabalho neste carro, moço, eu não sei.

— Ele viu lindamente, exibindo dentes brilhantes e maiúsculos, invejáveis demais.

— Não sei nada, moço, mas o patrão me pede cinquenta por cento... Mas você vai ver o embaixador da Nigéria, naturalmente um negro chique. Você vai sentar-se em poltrona de curvin, e vão lhe dar uísque e cigarros. E umas pretas bonitas estarão à frente de você, falando difícil, o copo na mão, pra ouvir o embaixador. Eu trabalho nesse carro...

— É aqui — disse o chofer. Paguei, desci, sem nem me despedir dele, que gritou já rodando:

— Boa sorte, moço, lembranças ao embaixador!

A sala era espaçosa. Negros muitos, em terno de fino tecido e corte na moda encontrei lá. Sorrisos largos e abraços poderosos, os peitos se tocavam, as mãos davam nas costas a pancadinha amiga e formal. A sala era espaçosa, discreta, decente e cheirava a loção que emanava dos corpos bem tratados, uns negros luzidios, a cara vasta e gorda, os bigodes fartos, belos.

Ajeitei a gravata de seda, contemplei o bico do sapato (limpinhos, um espelho, graças a Deus!), amassei meus cabelos, com ambas as mãos, pois detesto cabelos altos, entrei.

Teobaldo posava entre a declamadora Luiza Neves e o pianista Ozório Tuna, gesticulava, coisa importante seria, via-se pelo fogo dos olhos do poeta:

— "Negritude" é a alma de tudo uma atitude... Séculos de servidão...

Entrei de manso, cumprimentando, com um nudo, compenetrado, muito dentro de mim, muito esguio e elevado.

— Este é o rapaz de que lhe falei — apresentou-me Teobaldo — tem muita "negritude", falta lapidar, mas vai ser coisa, ouçam bem, vai ser coisa.

Cumprimentei os circunstantes, indicaram-me o lugar pra assento, assentei-me e ali, fiquei quieto, tranquilo, como ao lado de mamãe, após longa viagem.

apresentado por Florestan Fernandes, muito bem acolhido pela crítica e já representando o amadurecimento poético de Oswaldo. Em 1968, seria publicado em Paris, na antologia *Nouvelle Somme de Poésie du Monde Noire*, organizada pelo poeta de língua Francesa Léon Damas, da Guiana. O *Carro do Êxito* reúne contos bastante interligados, ainda marcados

pela linguagem poética do autor, em seus passeios pelo universo negro paulista, onde habitam poetas negros, políticos e profissionais liberais, embaixadores, sentimentos de Negritude, meninos pobres, adolescentes inquietos. É Luiz Santa Cruz quem escreve: "...Oswaldo Camargo é, entre os poetas negros da negritude sartreana, talvez

o mais típico e recente a registrar. Encontramos em Oswaldo de Camargo os mesmos princípios e a mesma sublimação pela arte que inspirou a música da negritude americana dos blues e do rag-time, reagindo pela música do jazz à violência do racismo norte-americano."



Oswaldo de Camargo, em outubro passado, no Sateélite Profundidão

Serviram-me, de fato, uísque, em como de cristal facetado e por longo tempo fiquei a contemplar o líquido escocês que o chofer comentou que me iriam dar. Depois vaguei o olhar, abarcando os convivas detendo-me a decifrar umas esculturas assombrosas, arte africana ou malaia, que não cheguei à conclusão.

Muito gostoso estar ali, sobre almofada alta e caríssima, meu traseiro jamais se sentiu tão contente, apoiado em tão boa maciez. Muito gostoso ouvir burburinho, fapos de conversas, os copos brindando, tudo muito alto e pra Teobaldo, amigo meu. Como se demorasse o embaixador da Nigéria, fui-me aquietando e deu-me sono. E eu já olhava, através da cinza do ar, os presentes: aquela dona de seios quais montículos, e que fazia questão de estar eternamente com o copo cheio na mão esquerda, desmilinguava-se, ia virando menina, engraçado, uma menina gordinha e boboca e ria-se na minha direção, a tonta. Muito vesgo me vi, muito mudadas as coisas senti. Teobaldo esqueceu-se de mim-resignei-me-e essa gente espera de fato o embaixador da Nigéria.

Forcei erguer as pálpebras e, atravessada a cinza, andar pela sala, mas desanimei e achei gostoso esperar sentado o



embaixador.

Súbito, ao meu lado, ela sentou-se. Assustei-me, pois esbarrou em mim e quase me empurrou para o canto. E um perfume contido me acordou e me deu aviso dela. Olhei-a e ri sem graça:

— Quase me derrubou.
— De quem é a festa?, perguntou.
— Teobaldo Luiz publica mais um livro... Agora esperam o embaixador da Nigéria.
— Quem é o Teobaldo?
— Aquele — e, aponteí meu amigo, luzindo entre mulatas, uma trajando verde-oliva, vestido bastante conhecido nos coquetéis da "Associação Negros Contemporâneos", que freqüento.
— Simpático, esse Teobaldo.
— Publicado até em Paris, linha sartreana na poesia, não entendo: ouvi dizer que é sartreano, mas não sei explicar o sentido da linha sartreana.
— É, passei lá fora e vi logo que era festa de preto... — eu gosto de festa de preto...
— Hoje vem o embaixador da Nigéria.

— Ótimo.
— Você gosta de poemas?
— Nada. Gosto é de música.
— Eu também. Eu toco órgão.
— Você conhece "Londoderry Air"?
— Acho que não.
Olhou em torno, suspirou depois:
— Você está tão quieto, o que há?
— Nada. Mas hoje não estou batendo com eles. Teobaldo me convidou, mas lá está. E eu vim contente e orgulhoso dele. Gosto da poesia dele.
— É bom ter um amigo.
— Mas eu quero também conhecer o embaixador da Nigéria...
— Você joga dama?
— Jogo.
Sain, trouxe um tabuleiro, o que me assustou, pois ela invadiu as dependências da casa, sumindo de minhas vistas.
— Mas como você fez isso?
— Fez o quê?
— Invadiu lá em cima.
— Bobagem... não é festa?
Ali no canto, iniciamos o jogo. Eu resvalava os olhos para o lado de Teobaldo, mas ele não me procurava. Bem cercado pelas

"coloreds" bonitas: Iracema Benjoin e Dulcinha Sampaio, ria muito gostoso. Minha mão arrastava as pedras do jogo de damas, mas meu coração arrastava as pedras do jogo de amargura, bem no fundo. Teobaldo Luiz não me liga, pensei.
— Já te "soprei" duas pedras...
— Hei, seu nome, você nem me contou seu nome!
— Gabriela. O seu?
— Lúcio.
Ficamos silenciosos, jogando com pouca vontade. Como o embaixador não chegasse, expliquei a Gabriela:
— Vim pelo embaixador, Teobaldo me convidou. O embaixador quis homenagear Teobaldo, prometeu vir. Minha tia fez questão que eu viesse, mas eu sei porquê... Você advinha porquê?
— Não.
Ela estava séria e me olhava freme, como cavando dentro de mim. A mão detida sobre o tabuleiro, imóvel, parecia dizer: esse jogo não vai mais, foi pretexto para ouvir você falar do seu mundo

negro, da insuficiência do seu mundo negro, que, afinal, que diferença tem do meu?

— Amanhã minha tia vai falar à vizinhança que eu estive com o embaixador da Nigéria, que eu sou amigo dele... Ela quer me promover.

Gabriela parecia hesitar. Olhou-me reto e, vendo-me na tentativa de recomençar o jogo, abriu-se:

— Eu moro aqui. Teobaldo Luiz é conhecido de papai...

— Ah! E você nem me falou — queixei-me desapontado.

Concentrei-me na jogada, mas meus dedos tremiam.

— A mãe de Teobaldo cozinhou para nós...

A jogada não saía, empedrados meus dedos.

— Entendo. Seu pai, Gabriela, é o dr. Antero, veja que memória tenho, Dr. Antero Azevedo...

— Adivinhou...

— Levantou-se, trouxe outro cinzeiro para a mesinha, chegou — e a meu ouvido, segredou:

— Bobo, o embaixador da Nigéria não vem... está com papai na fazenda...

— Mas ele prometeu, não? — redargui com ânsia dolorosa — não prometeu? E o Teobaldo, com que cara fica o Teobaldo? E eu?

"Eu que esperei o embaixador toda a semana.

Eu que passei "Pretext" nos cabelos.

E embrulhei-me com "nigger hair pomade", importada, e, consultando "Ebony", a minha coleção de "Ebonies", atei nó de gravata igualzinho ao de Sidney Poitier, à página 21 do número de setembro... Eu..."

— Ora, se o livro tem valor...

— Mas aconteceu que vim pelo embaixador de um país irmão...

Você não entende... Depositamos nele toda a nossa carga de emoções negras. É o único embaixador africano que podemos cheirar de perto...

As nuvens trouxeram muita chuva. Saí debaixo de chuva. Gritei: Bem-vinda seja, chuva! Vaguei os olhos pela casa: pelas janelas abertas desfilavam os negros sustendo o copo, Teobaldo Luiz rindo gostoso, as caras luzidas dos pretos. O suor deles, de longe, invadiu minhas narinas, resmunguei: Nossal! Na primeira poça d'água afundei meu sapato, o bico, de que eu gosto, como alienação legítima, só para os dias altos. A pasta "Pretext" (nojental) sujou minha camisa, sujou, borrou o colarinho,

escorrendo o caldo até o sovaco e eu xinguei — droga, isso é demais, mas no fundo mal liguei.

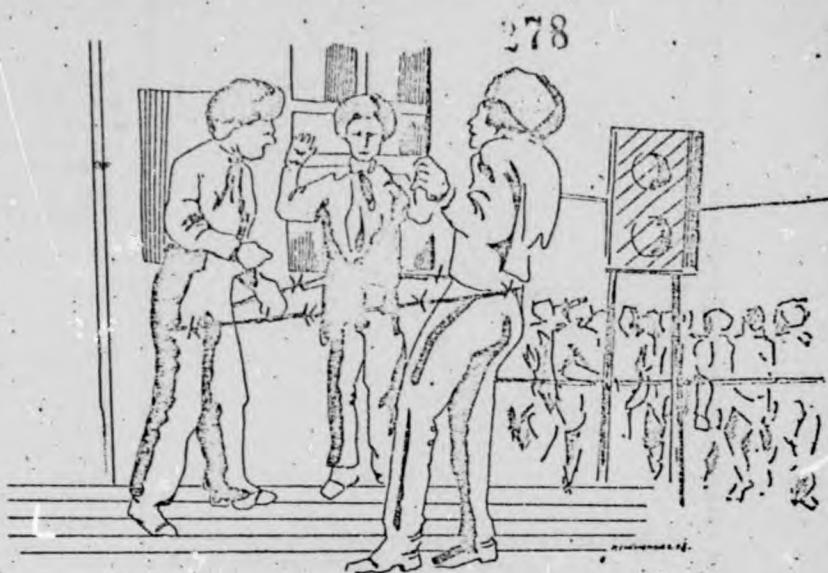
Cheguei em casa, dormi como uma pedra. Quando acordei, sem que titia visse, corri à rua, resolvido a saber quando o acharia na casa do Dr. Antero, em São Paulo, aí então...

Desaniinei, porém, de rastrear o embaixador.

Lembrei-me de que ele estava na fazenda descansando, pescando, etc. Talvez, naquele momento, Dr. Antero o interrogasse sobre as abelhas africanas, ou folheando "Afrikan Masks", lhe rogasse origens, simbolismos das mesmas, respectivas tribos e usanças. Sentei-me, então, na escadinha do quintal e comeci a polir meus sapatos.



Sem barcos, o Marcílio Dias ficou sem sócios.
Longe do Rio Guaíba, restam os bailes.



Navegar é preciso?

A festa do Marcílio começa sempre depois das onze da noite de sexta-feira. O salão não é dos maiores, até pelo contrário, é pequeno demais para tanta gente, que dança com entusiasmo e beleza, mesmo que os associados reclamem, e que a música das caixas de som dos conjuntos sejam ruins: sambão, jôia ou música importada de má qualidade. E, tampouco quem dança não se preocupa com o pessoal da segurança ou com os problemas que o presidente do clube, José Carlos Soares, tenta solucionar: — "Os sócios abandonaram o clube, deixaram de pagar mensalidades e reclamam que o clube virou boate, mas se não fosse o dinheiro das rodas de samba, da sexta-feira, e dos bailes, o Marcílio não estaria sem dívidas como está hoje. Assumi com 300 mil cruzeiros de dívidas."

Quando foi fundado em 1949, o Marcílio recebeu um outro nome: José do Patrocínio. Mais tarde, quando descobriram que havia um marinheiro negro herói brasileiro, os fundadores resolveram adotar outro patrono. Morto na Batalha do Riachuelo, na Guerra do Paraguai, o menino que a mãe internou na Marinha, por mau comportamento passou a ser nome de clube: Náutico Marcílio Dias, que na fundação já encontrava problemas. As famílias negras sonhavam com seus filhos navegando pelas águas do Guaíba e nem pensavam que para realizar tais desejos era necessário dinheiro. Como o negro não se encontrava

nunca nas melhores posições financeiras, o clube náutico Marcílio Dias nasceu recebendo presentes. Sua flotilha com cinco barcos foi organizada através de doações dos clubes náuticos da cidade, que cederam seus barcos mais antigos. Além disso, antes de receber os presentes, o Marcílio Dias encontrou problema para se filiar na Federação Aquática do Rio Grande do Sul, que se negava a ter como filiado um clube formado apenas de negros. A reação contra a discriminação racial mais uma vez não soube distinguir e equivocou-se vergonhosamente, acreditando ou fazendo pensar que os negros que quisessem praticar navegação poderiam se associar nos clubes que se dedicavam a este esporte, mas que eram de brancos.

Na porta de entrada do Marcílio Dias, está o que sobrou dos barcos, depois do temporal de 1958, quando o barracão caiu depois de um temporal. A flotilha foi destruída, e dela só restam os remos. Cruzados na porta da frente do clube, os dois remos sobre o aquário, são as únicas lembranças de um sonho, que terminou com um vendaval e determinou que o clube mudasse de esporte.

A equipe de basquete do Marcílio, na década de 60, conseguiu se tornar famosa na cidade. Seus jogadores acabavam sempre sendo contratados pelos "grândes da época". Embora alguns títulos, o basquete do Marcílio também acabou e deu lugar novamente às reuniões dançantes, aos

bailes, e às rodas de som.

O Marcílio Dias talvez tenha feito apenas uma tentativa para programar outras promoções que não fossem ligadas a esportes e a reuniões dançantes.

Em 1964, quando o presidente do clube era o jovem Flói Dias dos Anjos, o Marcílio publicou uma série de jornais, entre eles "O Ebanho", e se preocupou com a educação das crianças negras. No entanto, as novas idéias do jovem presidente acabaram num carnaval: quem era do bloco do clube preferia que o assaio da sede fosse construído com parquet, enquanto a direção do clube insistia em gastar menos dinheiro e utilizar madeira.

Para manter a receita do clube e talvez recuperá-la definitivamente, José Carlos Soares, atualmente conta apenas com as rendas dos bailes e das rodas de samba, que continuarão sendo realizadas por muito tempo ainda. Isto, embora Soares sonhe em comprar um outro terreno para o clube construir uma sede mais ampla e com piscina. Assim o Clube Náutico Marcílio Dias repete a história dos clubes negros da cidade. Criado para que o negro praticasse um dos esportes mais caros, e certamente, mais agradáveis, o clube é igual a todos os outros: pobre porque associa descendentes de escravos que ainda não teve tempo de ascender na escala social ou que, se o teve não conseguiu vencer a barreira como a concorrência branca, que se mascara através do racismo

Clementina falou

DESCOBERTA

Hermínio Bello de Carvalho foi quem me descobriu, na Glória. Todo mês de agosto eu ia pra lá, com meu marido e ficava bebendo cerveja, comendo coisas que eu levava, aquela coisa toda. Aí o Hermínio passou do banho de mar, acabou voltando e me conheceu. Antes eu cantava em escolas de samba, em pagodes, aí me chamavam eu lá, isso aí por 1958/60, não?

DA MÚSICA BRASILEIRA

Acho a nossa música importantíssima, ainda mais com tantos compositores como temos agora. Tem os antigos, mas os novos também são muito bons. O Finguiinha foi o maior músico brasileiro, uma sumidade. Era um homem que tinha até cadeira cativa, naquele bar da Travessa do Ouvidor. Ali tinha uma placa de ouro com o nome dele. O samba hoje está muito comercializado, mas tem muita gente boa por aí ainda, como esse menino da Mangueira, o Mano Xangô.

CARNAVAL, DESENGANO

Morci no Morro do Sampaio. Lá tinha duas escolas. Mas carnaval eu nem cogito mais. A princípio gosto de ouvir todas as escolas porque todas são dignas de elogio. Fazem sacrifício pra se vestir e eu aprecio elas todas. Agora, não tenho preferência por nenhuma, pra mim é tudo uma coisa só. Pertencço à Quilombo, me convidaram, o Candeias, o pessoal. Mas estou lá apenas pra sair com eles, como sai no primeiro ano da escola em carro aberto, essas coisas boas. Eu frequentava muito a Mangueira. Primeiro a Portela (eu sou Portelense) gosto de todas as escolas, mas a primeira em que sai foi a Portela. A minha opinião a respeito da Quilombo é esta: as escolas todas já estão feitas, e muito bem feitas, não digo que será fracasso para eles, mas chegar ao objetivos que eles querem, não sei... pode ser. Fugir do esquema que foi monta-



do no carnaval carioca eu acho muito difícil. Já disse a eles mesmo, mas pode ser que consigam.

NEGRA, SIM SENHOR

Sempre tive muito prazer em ser negra. Sou uma negra que respeita muito a minha cor, quero muito bem a ela e tenho muito orgulho disto, um orgulho grande mesmo. Nunca tive problemas com isso em lugar nenhum. Minha mãe era filha de africanos. Sabia muita coisa, cantava também, e aprendi muito com ela. Minha mãe cantava alguma coisa de candomblé, mas eu sou católica. Respeito muito, mas não acredito em macumba. Canto música de macumba porque tem muita coisa bonita, mas não que seja crença. Já fui três vezes à Bahia, conheço Mãe Menininha, todo aquele pessoal. Se não mozer quero ir a quarta vez pra lá.

ÁFRICA

Estive no Festival de Arte Negra de Dakar, na África. Aquilo lá é um espetáculo. Só são muito desconfiados, pessoas desconfiadíssimas. Fui muito aplaudida lá, muito bem recebida. A dança lá é completamente diferente daqui, sabe? Parece mais bonita, é um sapateado maravilhoso. As mulheres trazem uma espécie de chocalho nas pernas e quando sapateiam aquilo cria um ritmo extraordinário. Conheci muito bem o presidente do Senegal, o Senghor. É muito bom homem, educadíssimo, trata a gente com toda a diplomacia. Fui muito bem tratada lá. Respeito muito a África, sabe?

MORRO COM O SAMBA

Acho que esses meninos do Black Rio estão na deles. Se eles estão deixando o samba de lado, isso eu não sei, o problema é deles. Eu é que não deixo o meu samba e morro com ele. Quero cantar enquanto viver, enquanto houver vida, houver fôlego.

Palmares: a guerra dos escravos

280

Morto a traição, o rei de Palmares, Zumbi, é um dos mais significativos heróis brasileiros: lutou pela liberdade dos escravos e o dia da sua morte, 20 de novembro, atualmente é festejado em todo o país, como a data máxima do negro e também por aqueles que acreditam que Liberdade se conquista, não se ganha

... "O drama foi rápido. Cerca do lugar por Furtado de Mendonça encaminhou-se Soares para o chefe, que o acolheu confiadamente. Então, bruscamente, Soares enterrou-lhe um punhal no estômago e deu sinal para os paulistas. Acudido logo pelos companheiros e apesar de mortalmente ferido, Zumbi ainda lutou com bravura."

Aconteceu no dia 20 de novembro de 1695, quando o mulato Antônio Soares, lugar tenente de Zumbi, depois de torturado por Furtado de Mendonça, aceitou a proposta dos portugueses: matou Zumbi e ganhou a liberdade para morrer velho e rico em Recife, como um dos grandes beneméritos da história de Pernambuco.

Com Zumbi as honrarias não poderiam existir, mas os portugueses fizeram questão de exibir seu feito. Depois de morto, o rei de Palmares teve a cabeça decapada e exposta em praça pública. O governador de Pernambuco Mello e Franco mandou ainda que as luzes das cidades de Recife e Olinda

permanecessem acesas por seis dias e distribuiu dinheiro para a população que se postava ante a janela de seu palácio.

ENGENHO PARADO

Tanta festa se justificava, afinal os portugueses quando mataram Zumbi e destruíram a capital de Palmares, Macaco, estavam obtendo realmente uma vitória muito importante — derrotavam a primeira manifestação de libertação escrava no Brasil. E isto significava muito para eles. Os portugueses precisavam de quem movimentasse os engenhos de açúcar e a presença do negro era fundamental para isto. Não que apenas o negro soubesse mexer nos engenhos, pelo contrário, a atividade na cultura da cana-de-açúcar e na produção de açúcar necessitava de quem fizesse força, e o negro como escravo, fora trazido ao Brasil, justamente para isto.

As relações comerciais no século XVII eram realizadas através da troca dos produtos extraídos da América pelos escravos africanos. Quem mandava no comércio eram as duas grandes potências da época, a Holanda e a Inglaterra, e Portugal, evidentemente, dependia delas. Com a insurreição negra, os engenhos ficaram parados e os portugueses não tinham como produzir açúcar para cumprir seus compromissos com a Holanda e a Inglaterra. Era preciso escravo para produzir açúcar e precisava açúcar para comprar escravos e manter e equilibrar os privilégios dos senhores de engenho.

DERROTAS DO OPRESSOR

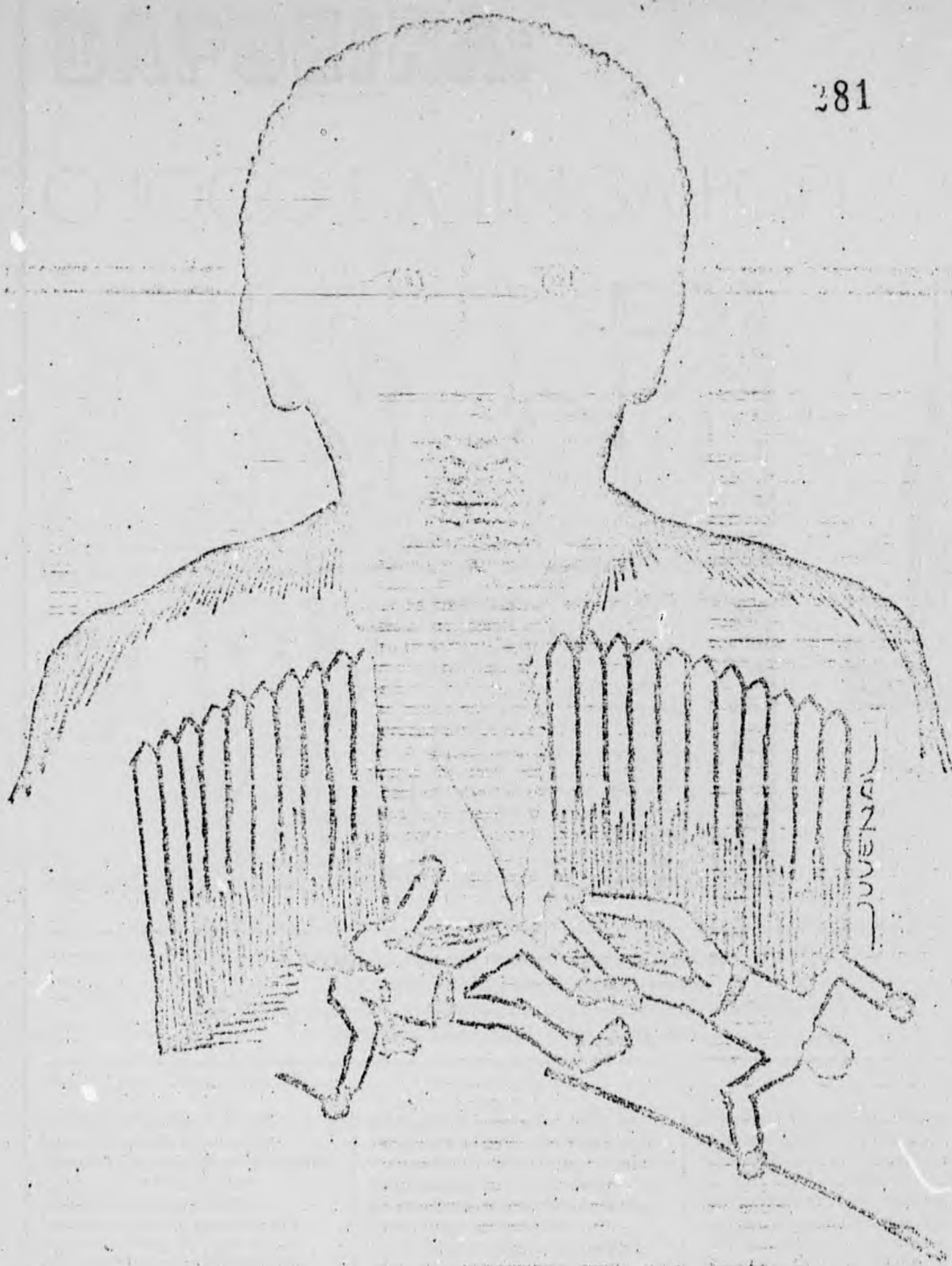
O quilombo de Palmares ficava em Pernambuco e era formado por dez cidades, entre as quais as mais importantes era Macaco, sua capital, onde morava o rei Zumbi. Já no século XVI, os portugueses

tentaram invadir e destruir o estado negro independente, mas não conseguiram. Tiveram mais dificuldades ainda a partir do ano de 1630, quando a Holanda resolveu explorar diretamente a cultura e o comércio de açúcar. Portugal reagiu, mas a prepotência holandesa unida a farta distribuição de favores fez com que os colonizadores se aliassem aos invasores: portugueses e holandeses passaram a combater Palmares, que teve uma população de cerca de 50 mil pessoas nesta época. Nem o negro, nem o índio aceitavam participar da luta entre os invasores. Com exceção de alguns poucos, os negros e os índios fugiram para Palmares.

Para invadir o quilombo e matar seu rei, os portugueses gastaram 60 anos. Durante este tempo, mais de 30 expedições foram enviadas a Palmares, e, nem mesmo a colaboração de negros como Henrique Dias adiantou muito. Nas expedições contra Palmares, Henrique Dias comandava um terço formado de negros e mulatos, que se destacou na luta contra os holandeses e terminou sua vida rico e com título de nobreza.

Antes de assassinar Zumbi, os portugueses haviam obtido uma vitória parcial — o rei de Palmares, Ganga-Zumba, aceitou abandonar a região para receber carta de alforria e terras para cultivar. Zumbi, no entanto, não aceitou a negociação do rei e permaneceu em Palmares, derrotando as expedições comandadas pelos mais competentes mercenários da época.

Depois da morte de Zumbi, os sobreviventes de Palmares se refugiaram na Paraíba e fundaram o quilombo de Cumb, destruído em 1713. Outros quilombos existiram até mesmo no Rio Grande do Sul, mas a história oficial não admite a importância destes fatos. A afirmação de que o negro aceitou sem resistência a escravidão brasileira,



portanto, não se justifica, assim como também não procede reduzir a existência de Palmares a uma manifestação tribal e criminosa. Estes argumentos pretendem apenas obscurecer a verdade.

Para entender o presente é necessário que se conheça o passado.

Palmares é um dos fatos mais importantes da História do Brasil e o dia da morte de Zumbi, 20 de Novembro, atualmente é festejado em várias cidades brasileiras como a data máxima do negro. Para o 13 de maio, o negro guarda apenas restrições: é uma data que

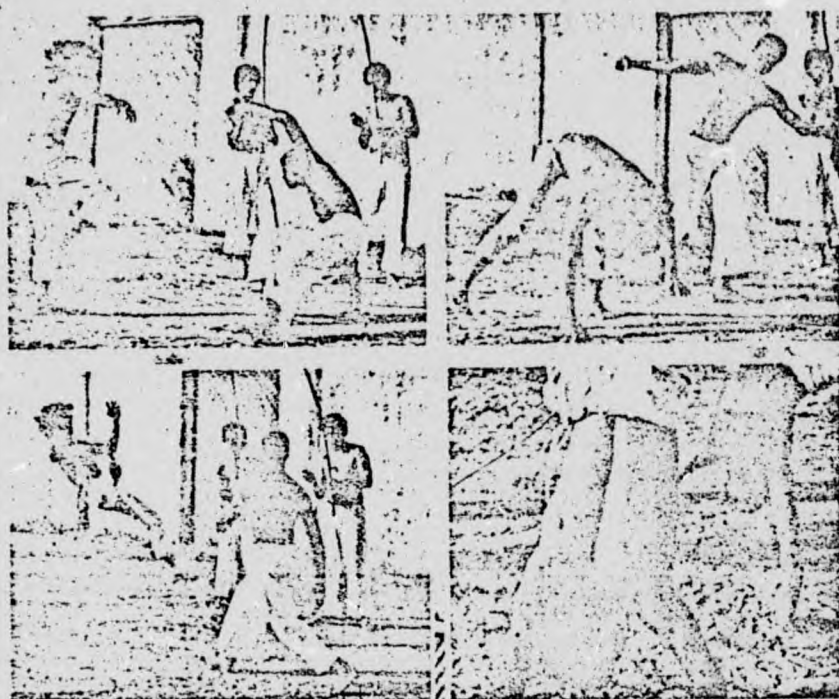
marca a fragilidade da monarquia brasileira, pressionada pelos interesses da Inglaterra, antes dona do tráfico negreiro, que no final do século XIX fazia sua revolução industrial e precisava não mais do braço escravo, mas da mão de obra proletária, muito mais lucrativa.

FONTE: Palmares, a Guerra dos Escravos, de Décio Freitas, Editora Movimento.

CAPOEIRA:

282

O JOGO E A JINGA POPULAR



A Capoeira é baseada na alegria e ânsia de liberdade.

É a única arte marcial genuinamente brasileira.

Tem dois tipos: a de Angola (folclore, dança) e a regional (luta e defesa pessoal)

A Capoeira nasceu para a defesa da liberdade.

Os escravos vindos de Angola introduziram no Brasil o jogo chamado Capoeira: dois adversários lutam ao som de cantigas e instrumentos de percussão — berimbau, ganzá e pandeiro que marcam o ritmo do jogo. Era a chamada Dança das Marradas ou Dança das Zebras na sua forma original, que não era luta, não era ofensiva nem defensiva, apenas festividade, distração e folguedo. Assim se conserva até os dias de hoje na África, seu local de origem. Recebeu o nome de Capoeira e começou a desenvolver-se como instrumento de defesa na época do Quilombo de Palmares, por intermédio de Ganga Zumba. O Quilombo, entre Alagoas e Pernambuco, abrigava cerca de trinta

mil fugitivos negros. Pra combater os capitães de mato que perseguiram os escravos Zumbi achou que poderia transformar a complexa dança africana em instrumentos de defesa. Produz-se giros mediante movimentos circulares do corpo e velocidade nos membros. Várias expedições investiram contra a fortificação dos Palmares sendo todas derrotadas. É desta época que ficaram famosos muitos dos movimentos como rabo-de-arraia, rasteira, bônção, corta-capim, tesoura, vôo de morcego, chulipa, baú, pião, chuncha, queixada, espada, balão, tranco, passo-a-dois, lambida-de-sardinha, tronco, meia-lua, vassourada, chibata e encruzilhada.

Domingos Jorge Velho, depois de inúmeras derrotas, destruiu a civilização e a cultura palmarinas, o que dificultou o estudo de algumas partes da história da capoeira. A derrota, como uma das tantas medidas repressivas contra os negros, seguiu-se a proibição oficial de uso. Mas nem os bandeirantes, nem as proibições conseguiram terminar com a capoeiragem, que transmitida de pai para filho, continuou se desenvolvendo e se aperfeiçoando. Desde Zumbi, mesmo com o fim do Quilombo de Palmares, a capoeira faz parte da nossa cultura. A partir daí, o jogo passou a ser praticado pelos marginalizados, que se defendiam já jogando capoeira, usando também já



as armas brancas.

Há 60 anos atrás, Mestre Bimba, o patrono da Capoeira, levou-a ao Palácio Presidencial da Bahia. Havia passado 30 anos de abolição, porém o processo de integração do negro como pessoa livre na sociedade era muito lento e por isso a capoeira só era praticada por "vadios". Ainda hoje encontramos o preconceito e a discriminação com a capoeira. Na primeira década do século a capoeira foi liberada graças aos esforços de Mestre Bimba. Os órgãos oficiais queriam que ele ensinasse aquela luta misteriosa com ares de dança aos soldados dos seus quartéis. Mestre Bimba recusou-se com relutância: "Como vou ensinar à Polícia a prender meus amigos?" Atualmente os instrumentos de repressão em

alguns lugares fazem uso da capoeira como meio de defesa pessoal, como se já não bastassem os meios de que dispõe.

Mestre Bimba foi quem criou a primeira Academia Regional de Capoeira. Regional porque era diferente da capoeira original trazida de Angola, a Dança da Marradas(1), ou Dança das Zebras, que ainda conserva as mesmas características de séculos atrás. Denominou regional porque fora criada e desenvolvida em nosso território. A capoeira é luta, desde Zumbi.

Hoje ela é vista como um esporte, inclusive regulamentada pelo Ministério de Educação e reconhecida até como "arte marcial" genuinamente brasileira. Ela é muito

praticada na Bahia, em seu estado mais puro, e no Rio, mas, seu maior centro atualmente é São Paulo, curiosamente. No Rio Grande é pouco conhecida. Somente há dois anos é que Mestre Vadinho começou o movimento aqui no Sul. Houve muita aceitação, em princípio. Fala-se em jogar capoeira porque é um jogo. Ela é balanceada, obedecendo a um compasso. Possui uma coreografia com mímicas e cantorias marcadas com palmas ou instrumentos que determinam o compasso e o aceleramento do jogo. A Capoeira é por natureza alegre e, apesar das deturpações, ainda permanece como uma das grandes contribuições negras à nossa cultura popular.

1. Marrada: Cabeça de carneiro bravo.

CONTINENTAL,

rádio em frequência liberal

SOM PURO NOS

120

Porque a escola colabora para a manutenção do racismo? A resposta que **Tição** recebeu das professoras Tereza Carvalho, presidente da Confederação Brasileira dos Professores e vice-presidente do Conselho Mundial de Professores; Geraldina da Silva, delegada do Centro de Professores do Estado junto à Confederação; Cecília Cardoso, orientadora Pedagógica do Colégio Anchieta e professora da Unisinos; Elizabeth Rosa e Silva e Oscarlinda Krüger, professoras primárias está logo abaixo.

284

Racismo na educação

TIÇÃO — A educação, como vem sendo ministrada, não tendo trazido benefícios para o negro. Talvez não traga nem mesmo para o branco, mas o negro tem sido muito prejudicado, porque o processo de educação não admite sua existência. Além disso, é ainda, pequeno o número de negros que conseguem vencer as barreiras da pobreza e da discriminação para estudarem.

GERALDINA — A educação é a mola-mestra de tudo. O negro só vai sair desta situação se aceitar a realidade. Então, ele vai crescer e a única forma para que isto aconteça é esta: pela cultura, pela educação.

TIÇÃO — Justamente, queríamos que a senhora, como professora, nos falasse de sua experiência com a educação de crianças negras.

GERALDINA — O negro não pode crescer, se educar se a linha do sistema educacional for fechada, dedicada apenas a ele, negro. A educação no Brasil é para todos, então o negro tem que aceitar, saber que a solução é entrar nas escolas, competir com todo mundo, negro e branco — e, lá de dentro, reclamar contra o que estiver errado. Não podemos dizer que este é um problema só do negro.

TIÇÃO — Quando a criança negra vai para a escola, ela sofre um processo talvez mais violento do que aquele por que passa a criança branca: os livros, as cartilhas, a história do país, os valores de beleza, a religião, tudo é branco. Não existem heróis negros. Isto significa que a educação, embora teoricamente, tenha o objetivo de ajudar o crescimento do ser humano, está sendo utilizada apenas para manter um falso sistema de valores.

GERALDINA — Eu acho que a educação é para todos, mas se não está sendo cumprida isto é assunto de se combater, debater. Temos que modificar a situação. Eu não concordo é que se isole o negro: nós precisamos

Oscarlinda: discriminada pelos cabelos

nas unir e não separar. Se o negro se isolou, não muda nada. Pensamos em mostrar as coisas para uma criança negra, podemos cometer um engano e ela ficará pensando que tem que imitar seu avô que veio escravo da África.

Vivemos numa sociedade global e temos que nos integrar, senão a situação só tende a piorar.

Principalmente, em termos de Brasil, um país com forte incidência de população negra, onde não existe negro em cargo importante.

Veja só o exército, o negro é a tropa, quando muito um sargento. Não tem general negro.

ELIZABETH — A realidade é esta: o problema racial envolvido num contexto mais amplo. A educação é deficiente para toda a população. Só os ricos têm privilégios, porque os pobres, brancos ou negros, sofrem discriminações e recebem uma educação que só pretende manter o sistema tal como está.

GERALDINA — Exato, então temos que sentir isso. Se além do problema de classe, existe o de ser negro, ele tem que ser combatido. Se o negro achar que não tem condições por causa da cor, temos que esclarecê-lo. E isto é muito comum. Nas próprias famílias negras, por exemplo, quando um filho diz que vai ser doutor, logo é reprimido. "Onde já se viu filho de negro ser isto", dizem os mais velhos, quase envergonhados pelo sonho do filho. A gente que é professora cansa de assistir estas cenas.

TIÇAO — Justamente: a educação teria a função de acabar com este complexo de inferioridade do negro.

GERALDINA — Sim, mas uma educação aberta, porque com uma educação dirigida apenas ao negro, criamos um problema muito sério de isolamento. Não podemos tratar do negro com exclusividade, temos que falar de brasileiros. No Bônio da Colonização, fui ferrenha defensora da criação de um centro cultural, onde o negro pudesse aprender, desenvolver, mas seria um trabalho conjunto e o branco também poderia se matricular. Muita gente não aderiu à ideia, justamente porque ela era aberta. O negro tem que viver, ser educado com a mesma liberdade do brasileiro. Ele não vai crescer como negro, mas como brasileiro. Um dos motivos pelos quais o negro não se desenvolve é ele mesmo, não podemos botar as culpas só no branco. O negro assim que melhora de vida, deixa de curupimentar o próprio irmão.

ELIZABETH — É uma outra falha da educação este fato. Se o negro, quando sobe na vida, desconhece o próprio irmão, de onde foi que ele tirou este espírito? Não foi da escola?

GERALDINA — Para mim, ele traz da própria comunidade.

ELIZABETH — Mas a educação teria função de discutir este valor que veio da família da comunidade, que cultua a concorrência, o individualismo.

TEREZA — Isso aí é uma questão de mentalidade que se criou em torno do sistema educacional e a educação deveria compreender estes aspectos e discutí-los para que desaparecessem do negro e do branco. Mudança de mentalidade se adquire através da educação.

CECILIA — Seria importante nós pensarmos o que realmente o capitalismo gera no sistema educacional, isto é um fenômeno básico. Não tenho formação sociológica, e não tenho condições de fazer uma análise mais



Geraldina: pais negros reclamando de perseguição

profunda de um dado concreto: o negro não tem vez no sistema capitalista. Não existem muitas estatísticas sobre o assunto, mas já li, numa publicação da Diocese de São Paulo, chamada São Paulo 75, um quadro estatístico sobre a falta de oportunidades que o negro e o mulato têm no Estado de São Paulo. Os números são constrangedores. O capitalismo é que leva as pessoas realmente ao individualismo e isto que a Geraldina contou é normal: o negro, como qualquer branco, ascende na escala social e, tranqüilo, vai pisando em cima de quem está por perto.

TIÇAO — É o negro tem um apelo mais forte: ele supera o problema da pobreza e depois tenta superar, negando, o problema racial, pelo qual ele ainda é discriminado. Mas voltando à educação: embora o negro seja grande parte da população brasileira e a cultura popular do país tenha muitas influências negras, a escola desconhece estes dados, para se fixar apenas no modelo importado.

GERALDINA — Exatamente, a falha maior, é do sistema educacional. Há de se fazer uma total reformulação no sistema educacional. O negro também ajudou a construir este país e não é agora que ele vai se separar, vamos resolver os problemas juntos. A Educação tem que servir ao povo brasileiro e não só ao negro ou ao branco.

TIÇAO — Todos estes problemas vistos por nós teriam solução? O que os professores estão propondo para que esta situação se altere?

CECILIA — A legislação possui muitos espaços vazios, que poderiam ser aproveitados por nós. Os princípios de educação são universais, nada impede que nos utilizemos de algumas coisas americanas, europeias ou africanas, mas o mais importante é que estas coisas tenham a ver com a nossa realidade.

TEREZA — O nosso professor já é alienado pela formação deficiente que recebe, então é preciso que se faça um trabalho de instrumentação. Estamos desenvolvendo um trabalho

em termos de todo o Brasil para que os professores pensem mais na sua função social e deixem de tratar da criança isoladamente, sem conhecer sequer o mundo em que vive esta criança. Estamos formando 90 professores que serão multiplicadores dessa experiência. Em relação ao negro, já foi dito, no dia em que a educação estiver a serviço do crescimento humano, o negro não terá do que reclamar, porque em termos de Brasil ele é fundamentalmente importante, assim como os outros tipos raciais, que hoje são educados apenas para se integrarem ao sistema de competição.

CECÍLIA — É basicamente um problema cultural. A nossa educação tem que girar em torno da nossa cultura, nós só conseguiremos uma educação verdadeira quando ela for educação brasileira e não quando ela for americana ou europeia. Importação não resolve. O problema é nossa cultura, que deve ser defendida, e quando isto acontecer, o negro receberá o destaque merecido, porque afinal ele está nesta terra há 400 anos e sua presença não pode passar despercebida.

TIÇAO — Uma grande falha da educação é a questão da consciência do que realmente foi a Abolição da Escravatura no Brasil. A escola não ensina o que foi o quilombo de Palmares, mas ensina o 13 de Maio e faz da princesa Isabel uma heroína, quando a verdade é bem outra. A abolição foi um gesto paternalista que servia ao branco. A escola não distingue libertação de favor.

GERALDINA — Sim, mas não é paternalista, é só um registro histórico da pátria. Se houver uma honestidade da educação de contar para a criança do curso primário o que é realmente um movimento de libertação, ela vai ter condições, mais tarde, de determinar qual a melhor data para o negro. O problema não é só o negro, mas todo um contexto: se a educação for bem dirigida, a criança vai chegar, automaticamente, à verdade e poderá ter opinião própria. A educação tem que ser aberta.

ELIZABETH — A educação está intimamente ligada ao sistema que rege a sociedade. A educação tem por objetivo a reprodução do sistema e, por isso, já na escola primária, a concorrência é promovida como um valor fundamental.

CECÍLIA — Eu acho que poucas pessoas têm consciência disso: a educação não deve servir de instrumento que promova a competição e reproduza o sistema capitalista em seus valores mais desumanos. O problema da concorrência tem sido discutido, mas não há promoção da Secretaria de Educação que não distribua prêmios para o primeiro colocado.

OSCARLINDA — Eu fiz um estágio numa escola onde eles chegaram para mim e disseram para explorar mais jogos, porque as crianças estavam numa fase de concorrência, e isto seria positivo.

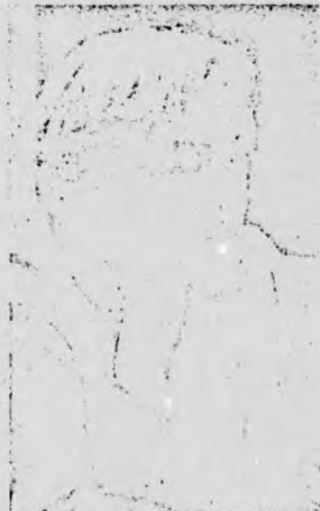
TEREZA — Todo o sistema educacional reflete o político, o econômico, o social. A educação está em função dos interesses de quem domina, mas nós temos que fazer uma distinção entre a educação na escola e a educação que a criança recebe da comunidade. Atualmente, a criança é mais influenciada pela televisão do que pela



Cecília: a falta de trabalho para negros e mulatos



Elizabeth: educação reproduz o sistema social



Tereza: professor é alienado pela educação que recebe

escola. A educação reforça os valores do sistema como racismo, machismo, individualismo.

TIÇAO — Sim, a educação reforça

tudo o tipo de preconceito: negro-branco; homem-mulher; pobre-rico; bonito-feio, etc. ...

CECÍLIA — Eu concordo plenamente que a educação reproduz o sistema global, mas parece também que educadores preocupados em fazer um trabalho mais sério e aprofundado devem tornar a educação mais independente e crítica. Só assim a situação poderá se alterar.

ELIZABETH — Qual é a mentalidade geral dos professores, dos técnicos em educação? Eles aceitam passivamente ou reagem?

TEREZA — Em termos gerais o que acontece é que as decisões são tomadas sempre pelas cúpulas e não chegam nunca à realidade de cada escola. O que a organização de professores vem fazendo é solicitar que os professores sejam ouvidos antes das decisões. A educação brasileira é importada: a própria lei da reforma do ensino foi feita pela UNESCO, e é igual para todos os países subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento. Nosso sistema educacional não levou em consideração a nossa realidade.

TEREZA — Geralda, acho que seria muito bom a tua experiência de Nigéria, tu fazer referência pra ver que o problema é muito complexo: você se sentiu discriminada na África como negra no meio de outros negros?

GERALDINA — Cheguei chorando na Nigéria, emocionada de pisar o solo africano, mas assim que entrei em contato com quem deveria nos receber fiquei decepcionada. Me atenderam mal, era a primeira da fila no aeroporto mas fui a última a ser atendida. No hotel também foi uma dificuldade enorme. Quanto à educação, o que acontece lá é o mesmo que nós falamos do Brasil: tem negro no poder e tem negro que continua como há séculos atrás. A educação segue modelos europeus.

TIÇAO — É sobre o relacionamento de professora negra com criança negra, em sala de aula?

GERALDINA — Não tem diferença do aluno branco. Tive problemas com os pais, porque sempre que a gente exige um pouco mais de uma criança negra, os pais vêm reclamar que é perseguição.

TIÇAO — É a relação da professora branca com aluno negro?

TEREZA — Pela minha experiência, na escola primária a criança chega mais pura, mas assim mesmo dá para se notar, o negro é normalmente mais tímido.

OSCARLINDA — Eu sinto que aconteceu de crianças e de seus pais ficarem preocupados com meus cabelos crespos. É bastante comum eles perguntarem meu sobrenome.

GERALDINA — Para mim não precisaria perguntar ...

TIÇAO — A educação brasileira, pelo menos, a alfabetização, está nas mãos da mulher. E sabe-se que a mulher também sofre determinado tipo de discriminação.

TEREZA — Nós vamos cair num velho problema: o das profissões masculinas e femininas. O magistério é exercido pela mulher, porque ela não é chefe de família. Existe uma escala discriminatória no Brasil: da primeira até a quarta série, nós temos cerca de 95% de mulheres; da quarta série em diante, temos 68% de professoras; no ensino superior, temos apenas 12%. Veja aí que quanto mais sobe o salário, menor o número de mulheres.



preto no branco

287

LICÍNIO Azevedo e Maria da Paz Rodrigues, repórteres do Versus, passaram 6 meses na Guiné-Bissau, trabalhando na reconstrução do país, libertado do colonialismo português, depois de muitos anos de luta. Licínio e Maria da Paz editavam o único jornal do país, o *No Pátio*, onde faziam praticamente tudo. De volta ao Brasil escreveram *Diário de Libertação*, livro que faz parte da Coleção Testemunhos, da Editora Versus, e onde apresentam relatos, reportagens e entrevistas sobre a revolução.

O livro, que também descreve hábitos e costumes da população negra da Guiné, é prefaciado por Florestan Fernandes, custa 50 cruzeiros e pode ser encontrado nas livrarias, ou encomendado pelo reembolso postal. Pedidos à Editora Versus, rua Capote Valente, 37, CEP 05409, Pinheiros, São Paulo.

PÊLO ESCURO é o último livro de poemas de Oliveira Silveira, lançado em setembro passado, e onde o autor procura, com rara sensibilidade, uma linguagem afro-gaúcha. Quase nada escapa ao autor: estão presentes os lanceiros negros da Revolução Farroupilha (a cada lanceiro estendido é uma noite pisoteada), as charqueadas, o quilombo de Rio Pardo e outros elementos que compõem a presença negra escrava no estado, vistos através de um perfil trágico, melancólico e, não raras vezes, evocativo.

Já no primeiro poema, *Gaúcho Negro Mateando*, sente-se o encontro do autor com a linguagem afro-gaúcha que procura:

Meu requemado porongo
preto acônchego do amargo
sinto em mim quando te afago
velhas raízes do Congo.

Ou ainda:

São águas xueiras de sangue
troncos de árvore boiando;
são as verdes de mar
navio negroito surgindo.

Oliveira vem há alguns anos dedicando-se à pesquisa de assuntos negros, tendo fundado em 1971 o

Oliveira Silveira

PÊLO ESCURO

Poemas Afro-gaúchos



Grupo Palmares. Tem cinco livros de poesias publicados antes de *Pêlo Escuro*. O primeiro surgiu em 1962, *Germinou*, o segundo só apareceu em 1968, *Poemas Regionais*. Em 1970 seria lançado, talvez, o seu livro mais conhecido, *Banzo, Saudade Negra*. Em 1974 é *Décima do Negro Peão*, e de 1976, *Praça da Palavra*.

DURANTE 3 dias de agosto passado, em Cali, Colômbia, os negros do Novo Mundo se encontraram. Estados Unidos, Antilhas, países da América Central, Colômbia, Panamá, Venezuela e Peru se fizeram presentes. A grande ausência foi do Brasil, país que possui a maior comunidade negra do mundo. A delegação brasileira não compareceu, porque não conseguiu a isenção dos 16 mil cruzeiros que todo brasileiro é obrigado a depositar para sair do País.

Patrocinado pela UNESCO e OEA, tendo como observadores os governos da Nigéria, Angola, Senegal, Egito e Espanha, o I Congresso das Culturas Negras da América tentou pela primeira vez a identidade do negro que

chegado da África à força, base da mão-de-obra da colonização da América, constitui hoje a classe dos cidadãos de segunda categoria. Uma categoria de cidadãos que lutam por uma libertação política, social, psicológica e cultural. Tudo isso foi discutido num congresso que teve a presença de aproximadamente 200 sociólogos, antropólogos, pesquisadores, professores e artistas que buscaram traçar um panorama da atual situação dos descendentes dos escravos nas Américas. Um dos temas mais discutidos foi, por exemplo, a frustração psicológica do negro, afastado do seu mundo, dos seus valores, vivendo numa sociedade branca. Pressionado por esta cultura, que o considera incapaz, marginal, derrotado, ele acaba se comportando como tal.

As recomendações do Congresso estão sendo levadas a cada país para que se faça a refeitura da história do negro na América e onde também se esclareça a real participação do negro na formação de cada país.

O segundo congresso será realizado no Brasil, e sua preparação e organização estão a cargo do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, de São Paulo.

África o continente negro

Para o negro brasileiro, falar da África parece o mesmo que falar da Ásia, da Polinésia ou de qualquer confim desconhecido do Brasil. E não deixam de existir aqueles que simplesmente a associam com colares brilhantes em seios nus, densos, selvas habitadas por animais selvagens e tribos praticando caça e uma agricultura primitiva. A visão mais concreta da África não chega a ultrapassar os contornos do mapa geográfico. Passado quatro séculos da vinda dos negros para o Brasil, o Continente africano se dilui na indolência e na singularidade do negro brasileiro. Este desconhecimento e esse vazio quase intransponível entre a África, mãe de nossos ancestrais, e a brasilidade do jovem negro, corresponde ao processo de transformação do escravo negro social e economicamente marginalizado ou parcialmente integrado numa sociedade branca. Sua alienação resultou num modelo de negro descompromissado com a pressuposta problemática que possui. Embora passados quase 90 anos de sua "libertação", não houve tempo suficiente para o negro transformar-se em agente de seus próprios interesses históricos, sociais e culturais. Como sua libertação não foi conquistada, ele permanece como produto de uma abominável escravidão, cujos tentáculos e repercussões continuam promovendo danos.

As nações colonialistas e mesmo as modernas potências econômicas ocidentais (Inglaterra, Estados Unidos, França...) difundiram aos povos a imagem da África selvagem tribal, eternamente mergulhada na pré-história. Essa visão justifica o ar de indiferença que sua lembrança traz à massa negra desinformada. Tal condicionamento, atingindo o espírito do negro brasileiro em suas ligações ideológicas com o Continente-berço, contribuiu, ao mesmo tempo, para a evocação de uma cultura negra com valores estáticos e inofensivos à sociedade branca ocidental. Assim, a assimilação por parte do próprio negro de uma idéia negativista da África, seguramente foi acelerada pelas mãos do racismo e para ação das mãos dilacerantes formas estereotipadas que a figura



Samora Machel, presidente moçambicano

do negro assumiu. É compreensível que a essas alturas do desenvolvimento da "vocaçã anti-racista" e paternalista da sociedade brasileira, os negros se incrustem sobremaneira no caráter falacioso deste "anti-racismo" e nos paliativos das alternativas paternalistas.

Façamos um esforço e lancemos nossos olhos ao Continente Africano. Refiro-me não à África paleo de barbarismos e de saques humanos imperdoáveis, mas a África de civilizações majestosas, que sucumbiram diante do poderio e dos interesses brancos. Não a África Continente-Geográfico, mas a África Continente-Humano, portadora de ideais tão nobres como os que as civilizações brancas se auto-auferira. Refiro-me não a África completamente subjugada, mas àquela que se debate contra o colonialismo e a opressão. Refiro-me a África na qual os poetas negros retiraram de sua essência pulsátil, um valor chamado "negritude", algo extremamente indecifrável, porém suficientemente capaz de fazer com que a poesia negra não apenas evocasse o forte e o belo que o negro possui, mas que servisse como unidade de rejeição àquelas que a chamam de "vencedores oniscientes e ingênuos".

Parece ser uma manifestação de falsa sensibilidade o fato do negro brasileiro procurar em solo tão distante e estranho, em uma imagem tão heterogênea, suporte para sua concepção, talvez alternativa

aos valores e padrões do mundo monopolizado pelo branco, em cujo ângulo encontramos as relações de exploração entre opressores e oprimidos, ricos e pobres, letrados e ignorantes. Todavia, essa proposta não se esgota com a busca desta "negritude", ao contrário, dispõe-se a clarear as tendências que a ofuscam.

Os relatos vindos da África, trazem implícito algo verdadeiramente alucinante, mas que se esvazia na "ocidentalização" do jovem negro brasileiro. Daí, a pouca receptividade e quase nula sincronia de propósitos. Neste sentido, tomamos o termo "ocidentalização" como sinônimo de "americanização" do negro brasileiro, que ao mesmo tempo, como vítima de sua desinformação é um frágil tragado pelo pseudo modernismo oferecido pela nação hegemônica do capitalismo internacional. Nada mais natural para o imperialismo cultural oferecer ao negro brasileiro e estereótipo de seu próprio negro, destituído, é claro, de sua essência positiva e consciente. Como o negro brasileiro tem mostrado-se incapaz, enquanto ser alienado, de avaliar e compreender a problemática do negro contestador norte-americano, resta-lhe apenas copiar a indumentária, a aparência e som black de seu irmão do Norte.

Portanto, trazer a África atual ao conhecimento e a simpatia do negro brasileiro, é um esforço que evidentemente, por si só, não será capaz de remover de seu condicionamento a tendência de ver o mundo branco como algo infinitamente inabalável e definitivamente acabado. Tampouco tal propósito acha-se implícito no comportamento coletivo da comunidade negra. Pode transparecer que uma proposta de evocação do Continente Africano poderia levar o jovem negro brasileiro a um processo de africanização do ponto de vista existencial, porém, este alvo não apenas mostra-se inconquistável, mas simboliza uma arma no sentido de conter o processo de desespecificação do negro enquanto negro, portador de valores étnicos, culturais e históricos próprios e específicos da raça negra. A africanização de que se fala constitui-se numa alternativa na qual o negro obtinha condições de conhecer o Continente Afro de uma forma desmistificadora, bem como de trazer paralelos com a sua problemática, que num certo sentido, se transforma em uma tensão universal, fundada na Opressão e no racismo.



Durante quinze anos a guerrilha angolana liderada pelo poeta e revolucionário Agostinho Neto, resistiu ao imperialismo e ao colonialismo que ainda agredem a África. Depois de meio século de dominação colonial, o povo de Angola libertou-se, vencendo a sombra do salazarismo e também negros angolanos mercenários como Jonas Savimbi e Holden Roberto, traidores a serviço de Portugal e África do Sul. Mas o MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola, resistiu e expulsou o fascismo de Angola. Agostinho Neto nasceu em 1922, formou-se médico em Lisboa, onde durante muito tempo liderou teoricamente o MPLA. Desde cedo começou a escrever, participando de movimentos literários de sua geração. No começo da década de 50 ele aparece no Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, em Luanda. No Brasil, Agostinho Neto foi publicado através da Editora Codreco, em seu livro Poemas de Angola, com apresentação de Jorge Amado. Diz o popular escritor baiano logo no início: "Na LUTA pela independência de Angola, a poesia foi arma poderosa manejada por Agostinho Neto. Na selva, tanto quanto a metralhadora, o fuzil, o facão, a poesia sustentou o ânimo e alimentou a esperança dos guerrilheiros."

Camboio Africano

Um camboio
subindo de difícil vale africano
chã que chã

Grita e grita
quem esforçou não perdeu
mas ainda não ganhou.

Muitas vidas
ensoparam a terra
onde assentaram os rails
e se esmagam sob o peso da máquina
e no barulho da terceira classe.

Grita e grita
quem esforçou não perdeu
mas ainda não ganhou.

Lento, caricato e cruel
o camboio africano

Havemos de Voltar

Às casas, às nossas lavras
às praias, aos nossos campos
havemos de voltar

Às nossas terras
vermelhas de café
brancas de algodão
verde dos milharais
havemos de voltar

AGOSTINHO NETO

POEMAS DE ANGOLA



Às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar

À frescura da mulemba
às nossas tradições

aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar

À marimba e ao quissange
ao nosso carnaval
havemos de voltar

Havemos de voltar
à Angola libertada
Angola independente.

Carnaval é a festa do brasileiro. Ou melhor, de alguns brasileiros, porque atualmente só aproveita os quatro dias de folia quem tem muito dinheiro. Ou então, quem está disposto a vestir a fantasia luxuosa para impressionar turistas que superlotam as avenidas e os clubes das grandes capitais brasileiras. O carnaval já não é uma festa popular. Justamente por este motivo, os sambas Paulinho da Viola, Elton Medeiros, Martinho da Vila e Candeias fundaram o Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, no Rio de Janeiro. Sem compromisso de ganhar prêmio ou apresentar fantasias lusoas, o Quilombo desfilou pelos subúrbios cariocas no ano passado. A descaracterização da maior festa popular brasileira é o tema da entrevista que o compositor Candeias deu à Revista José, em maio passado, e que Tição reproduz parcialmente.

Quilombo: o samba na realidade nacional

(...) "A Escola de Samba tem uma cultura própria, uma linguagem própria que se manifesta na sua gíria, na sua vestimenta, na sua maneira de comer, na sua culinária. Todo esse processo foi violentado. (...) Diante disso eu senti a necessidade de fazer alguma coisa. Não cabia apenas ficar na parte teórica. O samba não era nada. Não tinha finalidade lucrativa, não rendia. Quando o samba cresceu, quando passou a render, entraram figurinistas, desenhistas, aí entraram os Clóvis Bornay, Mauro Rosas, Evandro Castro Lima, gente que até então não tinha nada a ver com os nossos costumes. (...)

(...) De uma hora para a outra começou a pintar coreógrafos, cenógrafos, e com isso, nós fizemos um deslize a nós mesmos. Eu sozinho não faria nada. É muito fácil destruir pela palavra. Eu quero mostrar as coisas pelo lado positivo. O lado válido. (...)

(...) As escolas se distanciaram de tal maneira que é necessário que este movimento modifique as escolas de fora para dentro. Quilombo não é um movimento contra nenhuma escola de samba. Eu sou portelense, sou fiel a minha escola. (...)

(...) Nós não temos compromisso nenhum com a Riotur. Somos autônomos, vamos desfilar ano que vem de acordo com nossas conveniências, onde quisermos, não recebemos dinheiro da Riotur. (...)

(...) Não interessa receber dinheiro porque eles oferecem com a obrigação do contrato e nós queremos liberdade total para fazer o que quiser. A minha posição é de cortesia com quem nos trata bem. Isso não quer dizer que esteja dentro do esquema deles. (...)

(...) Então enquanto as outras recebiam subvenção, caminhão, Quilombo não recebeu nada disso. (...)

(...) Quilombo não vai competir; nem esquema, nem nada. (...)

(...) A fonte de renda é a doação, temos sócios proprietários, títulos vendidos bem dentro do poder aquisitivo do povo, 500 cruzeiros pagos em 25 cruzeirinhos





mensais, menos de um cruzeiro por dia. Negócio bem acessível ao homem do salário mínimo. (...)

(...) Nós já vínhamos falando sobre isso, sobre esse processo de descaracterização. Eu dei uma noite e amanheci com a idéia de fazer alguma coisa. Sinceramente eu nunca pensei que essa idéia viesse a me dar tanta responsabilidade. (...) O meu compadre apareceu em boa hora e veio pedir instrumento para um bloco que queria fazer na rua dele. Tinha violão, tamborim. Eu disse: "tu leva". Mas eu estou com idéia de fazer uma escola de samba e a gente já pode fazer a ligação. A gente marca reunião aqui em casa, chama outros amigos. (...) Muitos vieram e muitos desertaram porque queriam adotar posições radicais. Eu precisava ir na Administração Regional. E se eu vou falar com a Administração Regional, eles jamais poderão me aceitar se eu adotar uma filosofia fechada. Numa favela tem gente de baixo poder aquisitivo que não é somente negro, são brancos também. Eu posso cruzar as pernas e dar uma de Pelé. Eu tô na minha, tenho meus filhos, minha mulher e não sou um homem rico. Não tenho ambições de ter piscinas, boi, fazenda, mas tomo minha cervejinha com meus amigos e canto meu samba. Venci uma série de dificuldades. Uma de aspecto interior: um homem numa cadeia de todas foi obrigado a sobrepujar preconceitos, imposições, para poder assumir uma série de outras posições. Então as pessoas que não entenderam, abandonaram e voltaram. Ontem vários

deles estiveram lá. Quando viram a realidade, viram a capoeira, o maculelê, então... Não foi mole. A gente tinha de descobrir quem dança Jongo? Ah, a dona fulana que mora na Serrinha, vovó Maria Joana, vovó Tereza, que está com 116 anos, então a gente foi buscar, até aprendeu, até os mais novos. A minha filha aprendeu o jongo. (...)

(...) E não aconteceu só na Portela, aconteceu de uma maneira geral. Na Portela eu vi o concreto, quando eu tinha saúde. Virando massa, para fazer a Portelinha, não o Portelão. Eu trepava no telhado, o trabalho lá era duro. Nós pagávamos lá as 9 da manhã, até a meia noite. Pegava de cabo a rabo. Então de uma hora para a outra nós chegamos lá e somos desconhecidos, porque houve inversão de valores. (...)

(...) Os caras chegavam e porque tinham uma posição acadêmica, assumiam logo uma posição de mando. Então o poder de comando ficou logo na mão do cara. Passou a ser presidente, secretário, tesoureiro e por aí afora. Dentro desse processo todo o criolão ficou de fora. (...)

(...) Nós temos elementos para bater, mas faltam peças da bateria. Foi isso que eu quis dizer: em vez de tamborim trouxeram calota de carro, uma panela, uma frigideira. (...)

(...) Não importa que objeto esteja na mão de quem saiba bater. Olha esse ano nós saímos com 8 ou 10 atabaques. Foi um sucesso. Aqui nunca houve atabaque, isto é, antigamente havia. O samba de toda

é atabaque, quando não tinha instrumentos de lata. Hoje se substitui o couro pelo plástico. Quando saímos com as panelas, tiramos um som maravilhoso. Um som metálico. O atabaque dá aquele tom de samba. (...)

(...) Uma fantasia do Beija-Flor talvez fosse todo o gasto das fantasias do Quilombo, juntas. A verdade é essa. Então o pessoal olhou assim, numa espécie de desânimo e eu lá querendo dar moral, estava naquela de forte, mas estava arrasado. Peraí, cara, tava ruço. Mas meu irmão, meu irmão, falei, tem isso, peraí, eu não vou nem pedir ao santo pra se meter na briga. Nós mesmo é que vamos brigar, o santo vai ficar lá, na dele, olhando só. Vamos pra lá pro pau, cantar samba, e sambar no pé. Ai passamos pelas alas: "vocês já sabem que eu quero que cantem, sambem". Quando viram as fantasias do Beija-Flor, as pessoas da Beija-Flor são nossas amigas... Você sabe, todo mundo se conhece, né? Eu sou ligado há muito tempo ao samba, sou um cara conhecido, então muitos deles vieram onde eu estava, onde estava concentrado o Quilombo. E as fantasias deles eram realmente espetaculares, muita pluma, ostentação. E então, a rapaziada toda ficava, pô... eu querendo bancar o forte, mas... dando moral a eles e também precisando que alguém me desse moral, mas eu não podia deixar a peteca cair. Todo mundo com medo. Paulinho, Martinho, Elton. Puxa vida — Todo mundo com medo? (...)



ente
mea





SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

293

AGÊNCIA CENTRAL

INFORMAÇÃO Nº 0448 /19/AC/78



DATA : 30 MAI 78
ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
ORIGEM : AC/SNI
DIFUSÃO : SG/CSN-DSI/MJ-CIE-CISA-CENIMAR-CI/DPF
ANEXO : Cópia xerox de reportagem.

1. A revista "ISTO É", de 17 Mai 78, aproveitando a comemoração do Dia da Abolição da Escravatura, no BRASIL, publicou a matéria "ABOLIÇÃO", versando sobre o suposto preconceito racial existente no BRASIL.

Na parte inicial "QUAL É O LUGAR DO NEGRO", a apresenta opiniões emitidas em um debate promovido pela revista, da qual participaram: Dep Fed MDB/SP ADALBERTO CAMARGO, JOSÉ MARIA NUNES PEREIRA, do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, da Faculdade Cândido Mendes, do RIO DE JANEIRO; CLÓVIS MOURA, Sociólogo e Presidente do Instituto Brasileiros de Estudos Africanistas (IBEA); ODACYR GOMES, Presidente do Centro de Estudos de Cultura e Artes Negras (CECAN); NILTON BARBOSA, também do CECAN; ALBÉRIO MENDES FILHO e NEUZA MARIA PEREIRA, do Grupo Afro-Latino-Americano (Convergência Socialista); RAIMUNDO RODRIGUES FILHO, Arquiteto; MARILDA de tal, secretária; ZÓZIMO (ZÓZIMO BRÁULIO BARROSO AMARAL); BULBUL, ator; LÉLIA GONZALES, da Escola



SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

293

AGÊNCIA CENTRAL

INFORMAÇÃO Nº 0448 /19/AC/78



DATA : 30 MAI 78
ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
ORIGEM : AC/SNI
DIFUSÃO : SG/CSN-DSI/MJ-CIE-CISA-CENIMAR-CI/DPF
ANEXO : Cópia xerox de reportagem.

1. A revista "ISTO É", de 17 Mai 78, aproveitando a comemoração do Dia da Abolição da Escravatura, no BRASIL, publicou a matéria "ABOLIÇÃO", versando sobre o suposto preconceito racial existente no BRASIL.

Na parte inicial "QUAL É O LUGAR DO NEGRO", a apresenta opiniões emitidas em um debate promovido pela revista, da qual participaram: Dep Fed MDR/SP ADALBERTO CANABO, JOSÉ MARIA NUNES PEREIRA, do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, da Faculdade Cândido Mendes, do RIO DE JANEIRO; CLÓVIS MOURA, Sociólogo e Presidente do Instituto Brasileiros de Estudos Africanistas (IBEA); ODACYR GOMES, Presidente do Centro de Estudos de Cultura e Artes Negras (CECAN); MILTON BARROSA, também do CECAN; ALBÉRIO MENDES FILHO e NEUZA MARIA PEREIRA, do Grupo Afro-Latino-Americano (Convergência Socialista); RAIMUNDO RODRIGUES FILHO, Arquiteto; MARILDA de tal, secretária; ZÓZIMO (ZÓZIMO BRÁULIO BARROSO AMARAL); BUBUL, ator; LÉLIA GONZALES, da Escola

de artes Visuais, do RIO DE JANEIRO; PAULO CÉSAR LIMA, jogador de futebol; e AEDIAS NASCIMENTO, professor universitário, marxista, residindo nos ESTADOS UNIDOS e que respondeu por telefone.

A seguir, publica duas reportagens "MUKANDA SOBRE CAFUNDO", versando sobre uma pequena comunidade negra de SÃO PAULO e "ZEZÉ, A VOZ DA RAÇA", exaltando a figura da cantora e atriz negra ZEZÉ MOTA.

2. ~~A matéria em questão, insere-se na campanha, já caracterizada, de criar antagonismos raciais no BRASIL e que vem sendo desenvolvida com o apoio de vários órgãos da imprensa.~~

As principais idéias nela contida, revelando inclusive tendências ideológicas de esquerda, podem ser assim resumidas:

- ~~- a democracia racial no BRASIL é "um dos grandes blefes da estrutura dominante";~~
- ~~- a abolição da escravatura, visou a evitar que os negros tomassem o poder, como ocorreu no HAITI;~~
- ~~- a sociedade dominante permite que o negro suba "individualmente", não "massivamente";~~
- ~~- a separação da "grande camada negra" em pardos, mulatos e negros faz parte do "mecanismo de defesa das classes dominantes";~~
- ~~- na "chamada democracia racial" quem lucra é apenas a classe dominante;~~
- ~~- sempre que o negro tenta se organizar e "fazer frente" à situação é tachado de racista;~~
- ~~- o que está acontecendo no BRASIL é um "genocídio não institucionalizado";~~
- ~~- mesmo nos Estados socialistas, como os da ÁFRICA negra, as minorias, têm que continuar lutando, porque se não "são passados para traz";~~

de artes Visuais, do RIO DE JANEIRO; PAULO CÉSAR LIMA, jogador de futebol; e ~~ABDIAS NASCIMENTO~~, professor universitário, marxista, residindo nos ESTADOS UNIDOS e que respondeu por telefone.

A seguir, publica duas reportagens "MUKANDA SOBRE CAFUNDO", versando sobre uma pequena comunidade negra de SÃO PAULO e "ZEZÉ, A VOZ DA RAÇA", exaltando a figura da cantora e atriz negra ZEZÉ MOTA.

2. A matéria em questão, insere-se na campanha, já caracterizada, de criar antagonismos raciais no BRASIL e que vem sendo desenvolvida com o apoio de vários órgãos da imprensa.

As principais idéias nela contida, revelando inclusive tendências ideológicas de esquerda, podem ser assim resumidas:

- a democracia racial no BRASIL é "um dos grandes blefes da estrutura dominante";
- a abolição da escravatura, visou a evitar que os negros tomassem o poder, como ocorreu no HAITI;
- a sociedade dominante permite que o negro suba "individualmente", não "massivamente";
- a separação da "grande camada negra" em pardos, mulatos e negros faz parte do "mecanismo de defesa das classes dominantes";
- na "chamada democracia racial" quem lucra é apenas a classe dominante;
- sempre que o negro tenta se organizar e "fazer frente" à situação é tachado de racista;
- o que está acontecendo no BRASIL é um "genocídio não institucionalizado";
- mesmo nos Estados socialistas, como os da ÁFRICA negra, as minorias, têm que continuar lutando, porque se não "são passados para trás";

- os negros, no BRASIL, estão pressionados por dois lados. Por um lado a classe dominante dizendo que no País se vive em harmonia; de outro, a esquerda dizendo que o problema é de "classe", não racial;

- o Itamaraty é culpado de transmitir uma imagem distorcida do negro brasileiro, apresentado como favelado, sambista ou futebolista;

- a nível individual pode haver exemplos de abertura para o negro, mas não com a grande maioria da população negra, que não consegue emprego por causa da cor;

- há um movimento muito grande no BRASIL para valorizar o negro;

- PELE é um exemplo de negro que ascendeu na vida, foi envolvido pelo sistema e passou por um processo de alienação. PAULO CÉSAR, por não ter aceitado as mesmas regras impostas a PELE passou a ter problemas;

- o negro tem que ser "débil, gênio ou revolucionário". Entretanto, a exigência das esquerdas para que seja revolucionário ou contestador é falsa;

- o negro é submetido a um controle ideológico, que acontece em todos os setores da vida nacional. Há necessidade de que os negros se preocupem com a educação, que é alienante, com a imprensa e com as "entidades aglutinadoras";

- enquanto os brancos podem frequentar livremente as discotecas de "rock", o "BLACK-RIO" é perseguido pela Polícia;

- ZUMBY DOS PALMARES foi o primeiro negro brasileiro que "tentou estabelecer uma forma de regime político, social, econômico, cultural onde não apenas o negro participava, mas o índio, o branco, o pobre, o mestiço;

- ZUMBY representou as idéias não do negro, mas de uma nacionalidade brasileira;

- o genocídio existe a partir da "segregação urbana racial", onde o índice de morte dos favelados é astronômico, e deve ser anterior ao "Esquadrão da Morte";

- o povo brasileiro não possui identidade em si mesmo, porque não tem consciência de suas origens no que se refere à presença negra e indígena;

- a cultura negra, brasileira ou afro-brasileira é aproveitada e manipulada, transformada numa espécie de mito;

- as religiões africanas quando foram trazidas para o BRASIL se transformaram em religião de resistência do negro no sistema escravagista;

- a quimbanda é freqüentada pela classe mais oprimida, o subproletariado, o marginal, representando um processo de resistência;

~~- há duas tendências para a solução do problema do negro: uma de transformação dentro do sistema capitalista e outra de mudanças básicas na estrutura da sociedade. O "negócio" é partir para a ação e abandonar toda discussão que parece divisionista;~~

- os negros brasileiros têm que se aproximar da ÁFRICA por seus próprios canais e não a nível oficial. A inspiração das forças culturais do negro brasileiro com a da autodeterminação dos povos vai reforçar o movimento que é internacional;

- o movimento negro autêntico tem que ter instrumentos de definição e de criação de suas próprias instituições;

- IDI AMIN é aproveitado pela imprensa para denegrir a liderança africana e mostrá-la como incapaz de governar;

- o genocídio existe a partir da "segregação urbana racial", onde o índice de morte dos favelados é astronômico, e deve ser anterior ao "Esquadrão da Morte";

- o povo brasileiro não possui identidade em si mesmo, porque não tem consciência de suas origens no que se refere à presença negra e indígena;

- a cultura negra, brasileira ou afro-brasileira é aproveitada e manipulada, transformada numa espécie de mito;

- as religiões africanas quando foram trazidas para o BRASIL se transformaram em religião de resistência do negro no sistema escravagista;

- a quimbanda é freqüentada pela classe mais oprimida, o subproletariado, o marginal, representando um processo de resistência;

- há duas tendências para a solução do problema do negro: uma de transformação dentro do sistema capitalista e outra de mudanças básicas na estrutura da sociedade. O "negócio" é partir para a ação e abandonar toda discussão que parece divisionista;

- os negros brasileiros têm que se aproximar da ÁFRICA por seus próprios canais e não a nível oficial. A inspiração das forças culturais do negro brasileiro com a da autodeterminação dos povos vai reforçar o movimento que é internacional;

- o movimento negro autêntico tem que ter instrumentos de definição e de criação de suas próprias instituições;

- IDI AMIN é aproveitado pela imprensa para negrir a liderança africana e mostrá-la como incapaz de governar;

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0448 /19/AC/78.....Fls. 05)

- o racismo é um instrumento de dominação ideológica, de base racial, é um instrumento moderno, não um instrumento histórico, como a ideologia oficial pretende fazer crer;

- contra o racismo é necessário uma luta política que se deve traduzir pela transformação das instituições que o produzem e a outras ideologias de dominação, como o machismo e o consumismo. Essa luta política deve ser articulada a uma luta social ou a uma luta de classes, embora com cuidado;

- o racismo é fundamentalmente uma "questão de capitalismo", que não dá oportunidade ao negro;

- a solução para o negro brasileiro não precisa ser buscada em modelos estrangeiros; na própria história do BRASIL há exemplos de focos de resistência política, social e econômica, focos de tentativa de criação de afirmação de si mesmo.

* * *

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0448 /19/AC/78.....⁹⁷Fls. 05)

- o racismo é um instrumento de dominação ideológica, de base racial, é um instrumento moderno, não um instrumento histórico, como a ideologia oficial pretende fazer crer;

- contra o racismo é necessário uma luta política que se deve traduzir pela transformação das instituições que o produzem e a outras ideologias de dominação, como o machismo e o consumismo. Essa luta política deve ser articulada a uma luta social ou a uma luta de classes, embora com cuidado;

- o racismo é fundamentalmente uma "questão de capitalismo", que não dá oportunidade ao negro;

- a solução para o negro brasileiro não precisa ser buscada em modelos estrangeiros; na própria história do BRASIL há exemplos de focos de resistência política, social e econômica, focos de tentativa de criação de afirmação de si mesmo.

* * *

CONFIDENCIAL

NEGRETO

Um decreto da monarquia concedeu, 90 anos atrás, a liberdade ampla e irrestrita aos escravos negros. É uma data significativa, conta redonda, mas, entre o alarido de uma solenidade aqui, outra ali, há quem esteja se indagando se existe realmente algo para se comemorar. A democracia racial cabocla, *ethos* de um decantado povo cordial, ordiro, ensina que vivemos num éden de confraternização entre etnias. Preconceitos? Barreiras? Jamais. Sabe-se que não é bem isso. De escravo a marginal, a trajetória do negro brasileiro não é brilhante. Foi o espaço que a sociedade nacional lhe deixou. Fora do futebol, do samba e da cadeia, o lugar tem de ser conquistado. Mas os negros começam a se articular. ISTOE ouviu suas principais lideranças.

299

QUAL É O LUGAR DO NEGRO?

MIRNA GRZICH.

Em debate o "SOL" e Santa Paula Black Rio e o dialeto

ISTOÉ. O que vocês pensam da democracia racial brasileira?

Clóvis Moura. O problema da democracia racial é um dos grandes blefes da estrutura dominante no Brasil, é um mecanismo que, para entendê-lo, temos que entrar na História. Do início até a metade do século XIX, a população negra no Brasil era maioria, e nos Estados Unidos era apenas uma faixa; a escravidão nos EUA era regional, e, no Brasil, nacional. Havia o perigo permanente de uma revolta, de um confronto racial no Brasil, que significaria o esmagamento da minoria branca pela maioria negra desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul. No Brasil, em determinados momentos, houve, portanto, necessidade de se criar dobradiças amortecedoras para o não-aparecimento de uma consciência étnica e de classe do negro. Se isto acontecesse, os negros tomariam o poder, como tomaram no Haiti. Então se cria uma ideologia racial que diz o seguinte: além do negro, tem o mulato (um termo pejorativo que vem de *mulo*, que é o cruzamento do jumento com a égua), tem o moreno claro, tem o moreno escuro, tem o moreno-jambo. O negro nos EUA era negro, porque ele não tinha sequer a possibilidade de opção, então ele sabe que é negro ou mulato, mas ele é. O chamado mulato no Brasil é negro nos EUA. O tipo de ideologia seguinte: o negro é considerado igual ao branco, mas apenas na medida em que

o branco considera que ele possa partir de um degrau da escada, e só sobe na medida em que o processo de peneiramento da sociedade dominante permite que ele suba. Ele só sobe individualmente, não sobe massivamente.

Adalberto. Eu gostaria de narrar alguma coisa que o Clóvis comentou, essencialmente é isso que acontece. Mas para mim a formulação ideológica da democracia racial vem num processo posterior à questão escravagista. Ou seja, ela surge como arma realmente, que se materializa enquanto função, a partir do momento em que o negro deixa de ser um simples objeto de troca para se incorporar dentro de um processo de formação econômica. Ele teria que se empenhar nisso, disputar esse mercado de trabalho com o branco. É essa formulação ideológica que vai encontrar em Gilberto Freyre seu grande ideólogo e formalizador.

Zózimo. O Brasil era o segundo país do mundo em revoltas de escravos. Primeiro era o Haiti, segundo, o Brasil. Então você encontra todo um mecanismo de defesa das classes senhoriais e do colonialismo, no sentido de impedir que essa grande massa negra se revolte.

ISTOÉ. Esse mecanismo de defesa por parte das classes dominantes se estabeleceu de que forma, de que maneira?

Clóvis. Vai desde o sistema repressivo até a abertura, a possibilidade de separar a grande camada negra em pardos, mulatos e negros.

Odacyr. Nesse mecanismo parece que foi muito importante o sistema de importação de imigrantes. Em 13 de maio de 1888 foram "abolidos" pela princesa Isabel menos de 700 mil escravos. A maioria já era "livre", pelos decretos anteriores. Nessa época já tinham entrado, justamente em São Paulo, muito mais imigrantes. O centro de produção foi ocupado pelos imigrantes, e o negro ex-escravo foi expulso do esquema.

Clóvis. O que deve ficar bem claro é que, na realidade, quem lucrava com essa chamada democracia racial e quem lucrava é apenas a classe dominante, porque é uma forma de ela manter o poder e preservar seus privilégios. Na medida em que o negro não consegue se organizar, realmente ele não consegue nunca pôr em xeque a situação do país. O outro detalhe: toda vez que o negro tenta fazer frente a esta situação ele é tachado de racista.

Participaram do debate:
o deputado federal
Adalberto Camargo, do MDB;
José Maria Nunes Pereira,
do Centro de Estudos
Afro-Asiáticos, da
Cândido Mendes, Rio; Clóvis
Moura, sociólogo e presidente
do IBEA (Instituto Brasileiro
de Estudos Africanistas); Odacyr
Gomes, presidente
do Centro de Estudos de
Cultura e Artes
Negras (CECAN);
Milton Barbosa, também
do CECAN; Albino Mendes
Filho e Naura Maria
Pereira, do Grupo
Afro-Latino-Americano



AIE



"Quando a princesa Isabel assinou a Abolição, quase já não havia a quem libertar"

ISTOÉ. Luta de classe ou de raça?

Clóvis. Eu acho que tem que ficar bem claro o seguinte: todos os grupos que desenvolvem um trabalho ligado ao povo brasileiro, na medida em que eles negam essa questão do negro, do elemento inferiorizado pela sociedade branca, estão de pleno acordo com a classe dominante. Porque, na realidade, o negro nunca vai se sentir seguro de participar deste movimento enquanto

não for colocada a sua situação.

Neusa. Um genocídio não-institucionalizado, e o que está acontecendo com o negro no Brasil.

ISTOÉ. E, então, o que fazer, já?

Zózimo. Aconteceu um fenômeno comigo, estritamente ligado ao problema pessoal. Eu passei quatro anos fora do Brasil, eu queria realmente viver e conhecer, porque realmente chegou um momento no Brasil em que eu não tinha mais elementos para estudar. A primeira escola que fiz foi em Nova York, tive contato com Abdias Nascimento, assim no terceiro e no quarto dia, e todas as portas me foram abertas, inclusive a televisão e o rádio — entrevistas e conferências. Eu queria realmente saber como o negro americano tinha chegado, onde ele tinha chegado. Depois, na Europa, na tão decantada Europa, de todo esse esquema de colonização, eu comecei a sentir que a França, a Inglaterra, a Suíça são terríveis para o elemento negro. Eles colonizaram toda a África, toda a América Central, do Norte, do Sul, quer dizer, roubaram, usurpam todas as nossas potencialidades, e no momento em que você chega como visitante eles te fecham todas

as portas. Inclusive eu saí daqui com um curta-metragem que fiz. Cada vez que eu o apresentava para uma plateia que normalmente tinha 90% de brancos, e como o filme situava o problema do negro, a primeira coisa antes de começar o debate era perguntar o que eu, negro, estava fazendo em cima da raça negra. Então, era o susto. Pessoas como Jean Rott, que é toda a enciclopédia de cinema do mundo, etnólogo, quando terminou o filme disse que eu era realmente um negro muito pernóstico...

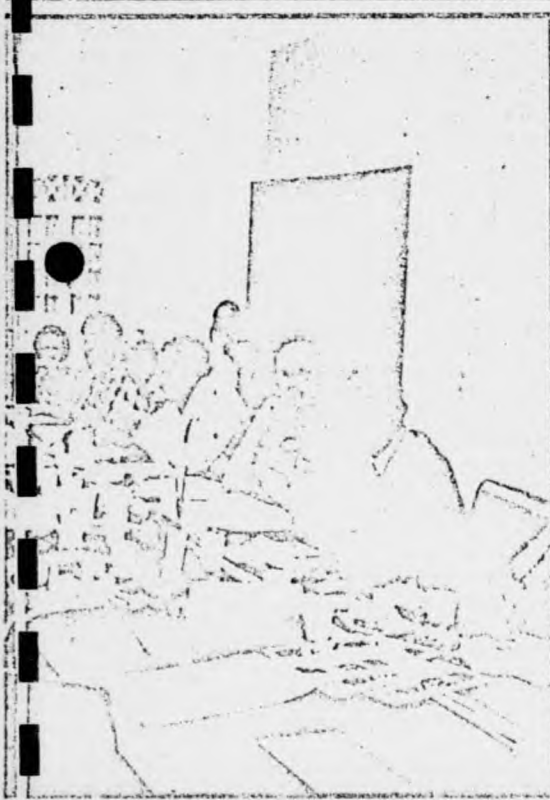
ISTOÉ. Ele falou isso?

Zózimo. Falou. Me chamou de pernóstico. Eu adorei essa palavra, e daí iniciamos um debate de seis horas, maravilhoso. Eu senti também que botar o negro dentro dessas universidades européias é fazer uma lavagem cerebral. Eu fiquei realmente apavorado de, de repente, me confrontar com esse tipo de coisa, negros africanos realmente, quer dizer, os negros da África, que estavam no período de luta, eles tinham realmente uma posição muito mais firme. Já com universitários desse tipo eu realmente não tinha diálogo. A coisa vem desde o primeiro branco que botou o pé na África, que chegou com a cruz e a espada e pôs sua cultura que até hoje está perdurando, e ele não remove o pé dessa cultura, não aceita o confronto de outra cultura.

Zé Maria. Eu gostaria de fazer uma intervenção. Eu acho muito simplório pensar que só uma mudança de regime econômico mudaria tudo isso. Eu só vou citar experiências de informações que tive através de conversas com moçambicanos, angolanos e guineenses, que têm tido contato com russos e cubanos. Eles têm queixas, reclamam da mesma visão etnocêntrica da parte deles.

Clóvis. Mesmo num Estado socialista todas as minorias têm que continuar lutando, porque senão elas são colocadas para trás tranquilamente. Agora, o problema não é um paternalismo dizer assim, "bom, tem um Estado socialista, então tá tudo resolvido, agora nós vamos esperar os benefícios..." Tem que se lutar por eles, porque o espaço é maior. Como a mulher — ela também tem que ter um problema próprio dentro de um sistema de Estado socialista para ganhar essa distância que foi roubada.

Raimundo. A colocação do Clóvis eu acho importantíssima, e vejam vocês realmente a situação em que nós estamos no Brasil. Por um lado, a classe



(Convergência Socialista): Raimundo Rodrigues Filho, arquiteto; Marilda, secretária e universitária; Zózimo Bulbul, ator; Lúcia Gonzales, da Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro, pelo telefone; Abdias Nascimento, professor universitário, residindo compulsoriamente nos Estados Unidos; e Paulo César Lima, jogador de futebol.



dominante diz que nós vivemos em grande harmonia. Por outro lado, a esquerda diz que o problema de raça não existe, o problema é de classe. Imaginem vocês a situação em que vivemos, pressionados pelos dois lados.

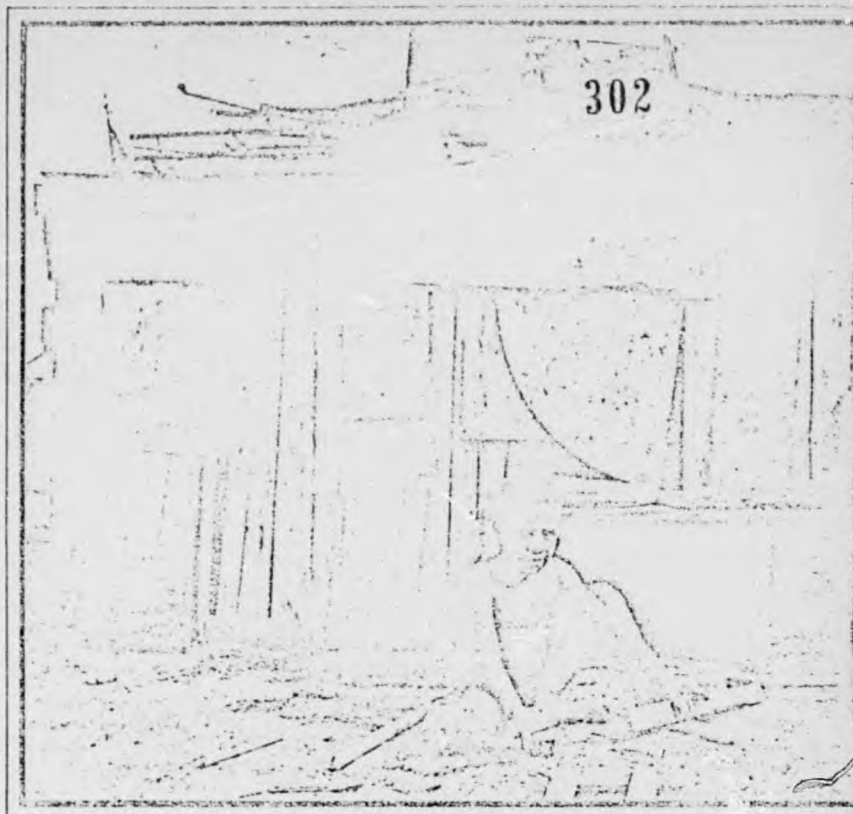
Marilda. Eu fiquei um tempo em Portugal. Infelizmente, o Itamaraty transmitiu somente o Brasil assim, onde o negro é futebol, samba, favela, eles mandam cartazes das favelas nas embaixadas. E, nas embaixadas, eles fazem questão de pôr nas portas de entrada que o negro é semi-alfabetizado ou não-alfabetizado, e insinuar que mulheres negras são consideradas prostitutas. Agora, eu pessoalmente não posso dizer que já sofri realmente na minha vida pressão racial, nunca, nunca mesmo, em nenhum instante, em nenhum lugar em que eu estive, fui assim pressionada ou barrada por questão de preconceito. Agora, os meus amigos negros vivem me colocando na parede, dizendo "você está se embotanquecendo, você está aderindo ao comportamento branco". Eu não sei o que vocês entendem por comportamento branco, e até hoje não consegui definir, eu não estou aceitando e não aceitando esse comportamento.

Neza. Só uma perguntinha: por que você alisa o seu cabelo?

Marilda. Eu sabia que vinha esta pergunta, eu sabia. O meu cabelo não vai ficar nem igual ao seu nem igual ao dele, não vai. Eu gosto de tratar do meu cabelo. Nós somos raças mistas, eu sou descendente meio africano, meio índio, meio idêntico. Tenho longas raízes, sou descendente também de africanos, não nego minhas raízes nem um pouco.

Lélia. Mas eu acho que você obviamente descende de africanos pela cor da sua pele, e alguns aspectos seus nos lembram o índio. Mas quando eu falo de índio, estou falando de índio oprimido. O índio que eu faço questão de ressaltar é o indígena que foi liquidado, certo, que foi dizimado, que nem teve a oportunidade que nós estamos tendo aqui de falar, certo?

Marilda. Ai que está, você está me colocando na parede agora...



Lélia. Estou, claro que estou, estou mesmo. Sabe, minha irmã, eu acho que nós estamos aqui numa abertura mesmo. Não estou sendo agressiva com você. Estou sendo veemente, e não agressiva. Então acontece o seguinte: me parece que aí a gente vai cair na questão da ideologia da mulata, você está entendendo? Durante muito tempo eu achei que, por exemplo, eu subi na vida por minha conta, que nunca houve preconceito racial em cima de mim, que nunca ninguém me pressionou em nada.

Marilda. Eu estou fazendo papel de cobaia.

Lélia. Não é cobaia não, por favor, não se coloque assim, eu estou abrindo meu coração com você. Eu não a conheço, estou conhecendo agora, eu espero que você leve tudo isso, e você leve a ênfase que eu estou colocando nisso. Talvez esteja até me projetando ao dizer tudo isso, mas me parece importante que a gente perceba o seguinte: o teu processo, minha querida, não é teu, não!

Milton. Ela colocou o aspecto aí que nunca sofreu pressão.

Marilda. Eu posso vir a sofrer, depois

que eu me formar, quando eu me formar.

Milton. Ela colocou também que nunca sofreu problema nenhuma no trabalho. Agora, isso a nível individual, na sua experiência sei lá eu, talvez por circunstâncias especiais nunca tenha sofrido. Eu acho que é hora de começar a se preocupar com o grande contingente, com a grande maioria da população negra, que não consegue trabalho pelo fato de ser negro.

Marilda. Eu sei disso, eu tenho uma irmã como espelho, que é estudiosa. Não só pelo fato de ser mulher, mas por ser negra, ela não arruma emprego...

Milton. Então já é hora de você começar a pensar sobre o problema de sua irmã.

ISTOÉ. A Marilda representa uma parcela grande da população brasileira, não é verdade? Agora, queria discutir o papel do negro que detém algum tipo de popularidade, de poder. Pelé e Paulo César, por exemplo. Nós temos, aqui na ISTOÉ, um exemplo: o Sebastian, que é garçom, "atleta adotado" por um clube paulista, ele pode falar de sua situação.

O original deste documento (com 1 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.



Sebastian. Eu acho que desde que me conheço por gente sinto que o negro é mantido assim como folclore, sempre conhecido através do esporte, através do carnaval. Eu treino num clube onde o negro não pode entrar na piscina, não pode curtir o salão social do clube. Um dia desses mesmo eu pensei que o único país onde existe espetáculo de graça na rua é no Brasil, porque tem o carnaval, que é representado pela maioria negra...

Clóvis. Quando o Brasil perdeu a Copa do Mundo, em 1950, na inauguração do Maracanã, jogaram a culpa em dois negros: o Bigode, e o Barbosa, que era o goleiro. Quando perde, foram os dois negros que deram a derrota ao Brasil. Quando o atleta negro ganha, o Brasil ganhou, o clube ganhou.

Sebastian. Concluindo, eu sou um grande admirador do Paulo César, pelas idéias dele. Não do Pelé, que eu sei, registrou sua filha como branca. Ele fugiu, dipamos assim, da raça, da nossa raça. A filha do Pelé não pode ser branca.

ISTOÉ. O Paulo César não está aqui, mas podemos telefonar.

Lélia. Alô, alô, é Lélia falando, está me ouvindo, Paulo?

Paulo César. Eu quero falar.

Lélia. Então, diga, nós estávamos falando de você, pode dizer, Paulo César...

Paulo César. Tudo bem, gostaria que transmitisse minhas desculpas por eu não ter podido ir a São Paulo, por circunstâncias que pintaram, todo mundo está sabendo de uma barra muito forte. Eu creio que já fico satisfeito por realmente ter um movimento muito grande, sabe, em São Paulo e Rio de Janeiro, no Brasil inteiro, para ver se nós conseguimos alguma coisa para o negro brasileiro. Eu acho que nós temos que fazer as coisas com os pés no chão, eu quero participar, eu quero ajudar. Não houve a oportunidade de ir a São Paulo, por motivos particulares, mas eu quero estar junto, eu quero estar presente, eu transmito aquele voto de confiança de que nós venceremos esta batalha de sacrifícios do negro no Brasil.

ISTOÉ. E o Pelé, como fica?

Neuza. O problema Pelé não é como Pelé pensa, mas como se vê Pelé. Lie

foi envolvido pelo sistema. Enquanto o Pelé jogava futebol e falava besteiras, todo mundo amava Pelé, agora que ganhou dinheiro e foi para o mundo dos negócios, e ameaça fazer o que todo mundo diz todos os dias por aí, a coisa engrossa. Paulo César faz o que todo mundo faz, só que Paulo César não pode fazer o que todo mundo faz. O Marinho faz igual. Agora, o Marinho é branco, ninguém fala, do Paulo César o povo fala, então Paulo César vai para Paris e pega uma loura. Agora, diz-se que o Black-Rio é uma alienação cultural. Mas, em termos de música, o que é que nós temos? A música erudita de toda Europa ninguém vai dizer que é alienação cultural, porque é européia. Daí volta o problema do aniquilamento e europeização, alega-se que essa música erudita é de valor universal.

Clóvis. Acho que Pelé realmente é irrecuperável. Já foi dito. Aonde eu quero chegar é que o Pelé é uma figura que está presente em qualquer lugar que se fala do negro.

ISTOÉ. Inclusive, agora ele é o garoto-propaganda da Interbrás, que lançou na África uma marca de eletrodomésticos.

Lélia. A tendência, a partir da assimilação de uma ideologia dominante, é que nós acabamos assumindo uma posição exatamente que eles querem que nós assumamos em relação a Pelé. Se ele diz uma besteira, todo mundo cai em cima, esquerda, direita ou centro. "Tá vendo que cretino alienado, não sabe de nada a respeito da realidade brasileira." Pelé passou por um processo que qualquer negro que ascende passa, um processo de distanciamento de suas raízes, um processo de alienação. Parece que o que nós temos que discutir é isso, não é discutir Pelé, mas este processo de envolvimento e desenraizamento pelo qual passa o negro que ascende. Pelé é um bode expiatório negro, nós estamos fazendo um jogo exatamente que querem que façamos.

Clóvis. Não é este o problema. Você acabou de falar com o Paulo César, então vê a diferença, ele é negro e também joga futebol e está enfrentando problemas apenas porque não entrou no jogo que o Pelé entrou.

Adalberto. Porque é um valor negro. Quando um elemento negro passa a representar um fato econômico, passa a ser envolvido por uma estrutura política, econômica e social que pode manipular os valores. Mas não é só o Pelé que passa por esse processo de envolvimento. Em todas as faixas, na



área da posição política da sociedade do país, aí é diferente.

Clóvis. Quando eu falei sobre Pelé, eu quero deixar bem claro o seguinte: o que nós estávamos discutindo era o Pelé em relação à etnia negra, mas quando o senhor coloca o Pelé como um valor negro para ser projetado dentro de uma sociedade que se julga branca, o problema muda.

Zé Maria. O negro tem que ser ou débil ou gênio ou revolucionário. A colocação falsa é a exigência de que todo negro tem que ser revolucionário, todo negro teria que assumir uma posição de contestador das condições de dominação da sua raça; esta colocação é paternalista, é a exigência que uma esquerda coloca aos artistas, aos mitos, às grandes figuras.

Milton. O negócio é o seguinte: acho que a gente deve se preocupar, e muito, com a questão do controle ideológico, a forma com que ele se processa. Não é apenas no futebol, acontece na música, acontece no mundo das artes em geral, e mais — ela acontece em todo setor da vida nacional. A gente tem que começar a se preocupar com a questão da educação, que é um processo de alienação tremendamente útil, ela tem o seu papel. A questão da imprensa, a questão de entidades aglutinadoras, a questão dos sindicatos racistas, que fazem com que os negros não participem, não reivindicuem, isso é uma questão de liberdade, mesmo.

Lélia. Eu gostaria de botar pra fora as nossas mágoas, o muro das lamentações, a nossa dor de povo que sofre este processo, este povo que é dizimado em termos de Grande Rio — nós temos estatísticas que podem demonstrar isso. Quer dizer, os marginais que são mortos pelo Esquadrão da Morte, a imensa maioria é negra. Há uma preocupação, assim, quase que sistemática no sentido de liquidar com a população negra, quer dizer, o problema que ocorre com o índio em Mato Grosso, Goiás, Amazonas, nós temos também, em termos de Grande Rio. Também a questão do Black-Rio, porque nós vamos perceber o seguinte: enquanto a sociedade pequeno-burguesa pode frequentar livremente

as suas discotecas de rock e ter o maior estímulo por parte da imprensa, por parte de todos os meios de comunicação etc. e tal, nós vamos perceber que nos bailes do Black-Rio estão os camburões, os policiais dando cocada. Você sabe o que é cocada? Um tipo de provocação, exigindo documentação etc. e tal. São jovens negros que foram marginalizados, porque essa sociedade não lhes ofereceu qualquer perspectiva de uma participação efetiva no modelo de produção vigente.

Clóvis. Um dia desses, aquele senhor que faz parte do júri do Silvio Santos, aquele que sempre dá nota zero, o José Fernandes, acusou o Black-Rio, comparou o Black-Rio à guerrilha urbana e pediu que a polícia liquide com o Black-Rio.

Lélia. Eu tive a oportunidade de observar isso. Quer dizer, o jovem do Black-Rio, nós observamos, nós tivemos esta experiência, esteve presente nos eventos que nós realizamos, com relação à figura de Zumbi dos Palmares, que foi efetivamente o primeiro negro brasileiro que tentou estabelecer uma forma de regime político, social, econômico, cultural onde não apenas o negro participava, mas o índio, o branco, o pobre, o mestiço, fosse ele de índio com branco ou negro ou de branco com negro. Todos participaram e todos eram respeitados. A História do Brasil o encobre, recalca todos estes aspectos. Zumbi representou os ideais não do negro, única e exclusivamente, mas de uma nacionalidade brasileira. Zumbi dos Palmares representou isso. Então um grupo do Black-Rio representou isso numa linguagem tão simples, tão despojada, mas com uma consciência tão grande, que foi uma lição para nós. Gostaria de chamar a atenção para o seguinte aspecto: uma semana antes eu assisti o filme do Zé Celso Martinez, o 25, então percebi elementos, assim, incriveis. A gente percebe que a dança que os guerrilheiros de Moçambique, não, não era dança, era treinamento, em termos de guerrilha, isto eu vi num show do Black-Rio, o mesmo tipo de movimento, ele se perpetua até os nossos dias e, no entanto, o Black-Rio é encarado como movimento de alienação.

ISTOÉ. Mas não são as multinacionais que estão colocando estes discos aqui?

Milton. As multinacionais dominam o samba também.

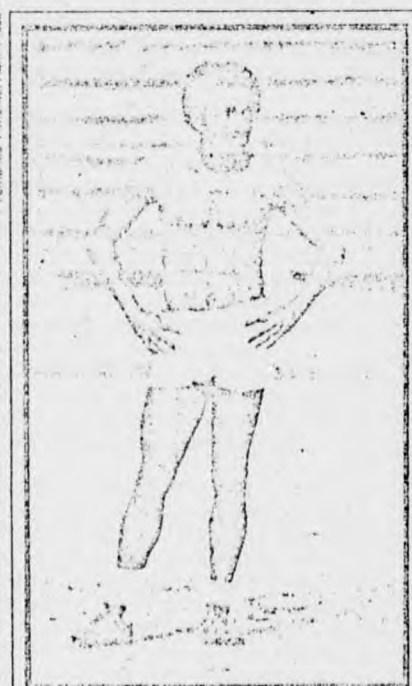
Zóthao. Olha, grave é o problema do genocídio. Porque existe uma coisa

que se chama até hoje de Esquadrão da Morte, e cada vez que o negro, a partir das 22 horas ou 24 horas, está na rua, empregado ou não, ele é considerado marginal.

Odacyr. O problema do genocídio já existe a partir de um negócio chamado segregação urbana racial, e onde o índice de morte dos favelados é astronômico, também deve ser anterior ao Esquadrão da Morte. Concordo com tudo que você colocou, porque o problema é muito mais complexo do que o Esquadrão da Morte. O que a gente percebe é que uma das brigas fundamentais é brigar por educação, não essa educação que aí está, mas é fundamental que a gente lute por empregos para o negro, porque o negro do nosso país, apesar de ser maioria, é o grande contingente de desempregados crônicos. Desempregado crônico significa um cara que nunca teve carteira assinada de trabalho.

Milton. Estamos discutindo o problema político, econômico. Sugiro discutirmos o problema da estratégia cultural.

Lélia. Eu achava bom a gente discutir isso, porque existe um dado muito importante, em termos de comunidade negra brasileira, que é a presença da



"Paulo César está enfrentando tantos problemas porque não entrou na mesma do Pelé"

sua contribuição, no que diz respeito não só à formação de uma nacionalidade brasileira, mas de uma cultura brasileira. Nós vamos analisar que, a nível lingüístico, a nível de práticas econômicas, a nível de práticas sociais, a presença do negro se faz de maneira marcante, mas existe todo um processo de alienação. O povo brasileiro é um povo que não possui uma identidade de si mesmo, exatamente porque não tem consciência das suas fundações ou fundamentações de si mesmo no que se refere à presença negra e indígena. Então me parece importante nós chamarmos a atenção para desmistificar certas idéias que andam por aí. Como nós vamos ver, por exemplo, a nível de pensamento religioso. Vamos perceber que o negro traz uma contribuição sua, que se transforma num objeto de folclorização. Tive a oportunidade de me deparar, numa casa de

por falta de condições sociais. Eu estive outro dia numa associação que reúne chefes de umbanda; antigamente Pai João era preto, barbado, barba branca. Vi italiano, judeu, japonês, eu fiquei impressionado. Se nós retrogrirmos na História, as nossas mulheres eram as melhores cozinheiras, quituteiras, e nós nem somos donos de restaurante... Mas isso só será possível na medida em que nós nos preocuparmos, o homem é um ser eminentemente político. Temos que aprender a fazer política, porque política é um veículo para qualquer tipo de coisa, no sentido de buscar autoafirmação.

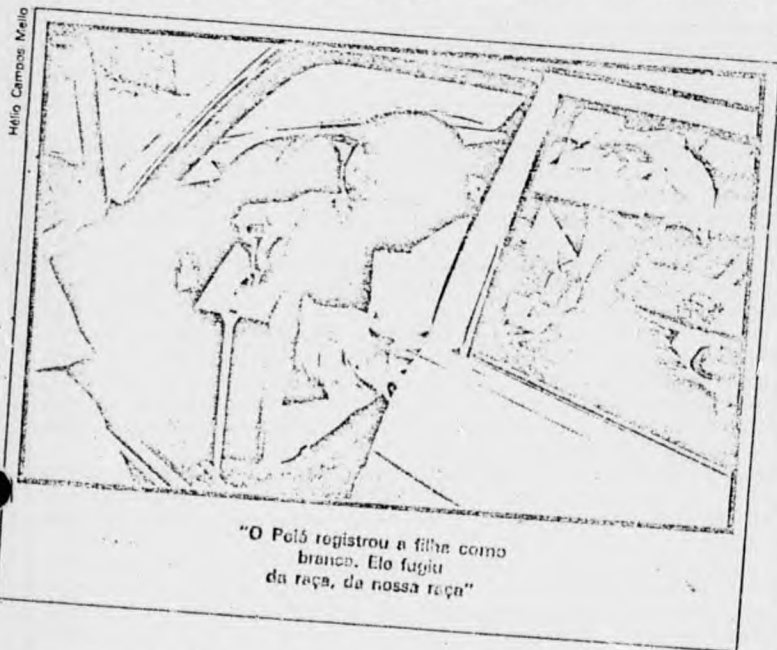
Clóvis. Eu queria dar uns exemplos a respeito de candomblé, de umbanda. As religiões africanas, quando foram trazidas para o Brasil, se transformaram em religiões de resistência do negro no sistema escravagista. Então

poderia fazer o ato de candomblé, foi tão forte que Exu se transformou praticamente num orixá. Mas, ao mesmo tempo, a Exu foram incorporados certos símbolos dos oprimidos do mundo todo. Então você vê o seguinte: que Exu começou a ser confundido com o demônio. O demônio foi sempre o símbolo do perseguido na história da Idade Média, o demônio era solicitado com frequência para resolver os problemas dos oprimidos. Agora, houve depois um processo de diferenciação: Exu foi incorporado a umbanda, mas a umbanda foi institucionalizada; então, na quimbanda, o Exu virou símbolo central exatamente do oprimido, do perseguido. Quem frequenta a quimbanda? A classe mais oprimida, o subproletariado, o marginal. Então a gente tem que ver que há um processo de resistência. São patamares de resistência que as religiões negras oferecem ao negro que saiu da escravidão e que continua marginalizado.

Foi também o que ocorreu com o samba. Na medida em que a Zona Sul começou a chegar dentro do samba, começou a adaptar seu gosto, e como a escola precisava de dinheiro, começaram a subir preços e essas coisas; e voltando ao problema do *black-soul*, aí então a moçada foi afastada, afastado o jovem negro. Ele não se afastou, ele foi marginalizado do samba.

Zózila. A Quilombo deixou de ser uma escola de samba do 1º grupo do Rio de Janeiro, foi a primeira escola de samba que, de repente, se marginalizou, dentro de um processo consciente; que se automarginalizou, quer dizer, e já não quer mais participar dessa coisa paternalista, que é feita pela Rio-Tur. Ela já criou uma condição própria, o que desmonta aquele mesmo sistema de que o negro é desorganizado. Ele é superorganizado, a escola de samba já há dois anos vem saindo na avenida sem nenhuma subvenção da Secretaria de Turismo.

Lélia. Por exemplo, nós vamos verificar que há dois tempos culturais do carnaval do Brasil. Perceber que a força do carnaval baiano evidentemente está nos blocos e não nas escolas de samba. Um bloco em Salvador, o Ilé-Ayé, tem marcado a sua presença de maneira decisiva no carnaval baiano, e sempre tira o 2º lugar, jamais tira o 1º. Possui uma força inclusiva a nível ético, moral, de uma imagem do negro. No primeiro ano, saiu de uma forma quase mínima e deficiente, no ano seguinte já estava quase uma comunidade, quer dizer o negro de Salvador viu e quis participar. Não é uma manipulação simplesmente



"O Polô registrou a filha como branco. Ele fugiu da raça, da nossa raça"

candomblé em Salvador, com uma pessoa, assim, representante da alta burguesia paulista, inclusive com um colar de santo, dizendo que era negro. Com olho azul, cabelos louros e dizendo que era negro. É fácil notar que a cultura negra, brasileira ou afro-brasileira é aproveitada e manipulada, e transformada numa espécie de mito. O negro vira moda, pertencer a um candomblé é uma coisa de gente chique.

Adalberto. Acho que nós devemos perguntar se estas manifestações culturais estão sendo realmente invadidas por razão de nossa omissão ou

aqueles símbolos, aqueles valores, aqueles padrões religiosos se transformaram, adquiriram motivos diferentes. O que aconteceu com o símbolo de Exu: Exu na África era apenas um auxiliar de Ifá, e Ifá era um orixá, e Exu era apenas um menino de recados. Quando ele foi trazido para o Brasil, nos candomblés da Bahia, no momento em que a perseguição policial caiu em cima dos candomblés, o símbolo de Exu começou a crescer. Exu inclusive chegou a ser confundido com um orixá na Bahia. Chega um momento em que a evocação que era feita a Exu, para que pudesse haver o ato propiciatório através do qual se



Black-Rio: "Quando a Zona Sul descobriu o samba, a moçada aderiu ao soul". Candomblé: "Negro virou moda, passou a ser cliques frequentar terreiro"

te a nível econômico, não é uma manipulação a nível cultural, mas uma apropriação dessas manifestações o que acontece.

ISTOÉ. Acho que está na hora de telefonar e ouvir o Abdias sobre isso. Dá para apontar, no debate, duas tendências: uma no sentido de transformação dentro do sistema capitalista, e outra que aponta, como solução para o negro, mudanças básicas na estrutura da sociedade. O que você pensa, Abdias?

Abdias. A existência do problema negro é um tema que já está esgotado, o negócio é partir para a ação e abandonar toda esta discussão que parece divisionista entre nós. O resultado de hoje é exatamente assim, um consenso num sentido de ação e de uma articulação.

ISTOÉ. Você acha que a aproximação do Brasil com a África tem alguma significação para a ascensão social do negro no Brasil?

Abdias. Este tem sido o lado mais trágico da situação do negro brasileiro. Nós temos que reatar estes laços, não a nível oficial, que é um nível puramente de negócios, aí começaríamos trabalhando junto com os inimigos da África, com nossos inimigos. Temos que conseguir a nossa aproximação com o povo africano através dos nossos próprios canais, criados por nós,

porque com a inspiração das nossas forças culturais, com a inspiração da autodeterminação africana, do auto-respeito africano, de todas as coisas que a África está fazendo para se levantar desta grande queda de 500 anos de colonialismo, essa aproximação nos vai reforçar. Porque, na realidade, o nosso movimento é um movimento de caráter internacional, um movimento da nação negra africana que está espalhada por todos os continentes, vítima desta mesma opressão, desta mesma agressão. O negro brasileiro ficou muito só, sem ter uma forma de renovar a sua visão, de reforçar a sua força social, política e econômica. O negro brasileiro não tem ideia de como a nação negra, a família negra, é grande e está espalhada por todos os continentes. Há alguns privilegiados, alguns da alta elite econômica, ou da elite intelectual, sobretudo esses da elite acadêmica que vão à África simplesmente para dar informações distorcidas do negro. Esses são também os inimigos da nossa aproximação com a nossa própria origem. Há um grande interesse também da África pelo que se passa no Brasil, da forma como o negro aqui é tratado, há um grande interesse pelo que ele sente. Na Nigéria, no leste da África, em Uganda, o povo está querendo saber a alegria de receber um irmão do Brasil. O Brasil é que não dá o passo.

Abdias. No país, está sendo formula-

da uma discussão em torno de um partido socialista, como é que você vê o negro dentro deste aspecto político?

Abdias. Acho que o movimento negro autêntico, se quiser sair de uma camisa-de-força sem cair em outra, tem que ter os instrumentos de definição e de criação de suas próprias instituições, de seu próprio futuro. Nossa inspiração tem que ser a África, onde temos modelos muito mais antigos que qualquer outro modelo apresentado pelo mundo ocidental.

ISTOÉ. Como buscar uma identidade com a África de Idi Amin, por exemplo?

Zé Maria. Há três facetas pelas quais se pode apresentar o Idi Amin. Primeiro: ele é o protótipo do líder africano, demagógico, e porque está usando um tipo de populismo que, na América Latina, foi comum na década de 50. É um adversário sério para uma mudança radical na África e muito especialmente para uma unidade na África, no que toca à África Oriental. Bom, a segunda face a se considerar é o uso que foi feito pela imprensa internacional de caráter colonialista. Idi Amin apareceu nas primeiras capas das revistas de quase todo o mundo, no sentido de denegrir a liderança africana, a imagem dos dirigentes africanos, na base de "veja como são incapazes de governar". O



fato de a imprensa ocupar-se exaustivamente e exclusivamente de Idi Amin é contraposto ao silêncio que essa mesma imprensa dedica à liderança africana mais consciente, e, até posso acrescentar, uma liderança africana de um nível intelectual que nós não encontramos na América Latina. É uma liderança constituída por intelectuais de gabarito acadêmico, com obra produzida, escrita, que nenhum presidente da República do Brasil jamais escreveu. Como de um Kwame Nkrumah, de um Léopold Senghor, de um Sekou Touré de um Julius Nyerere. Portanto, essa é a segunda faceta que a imprensa européia colonizante dá a Idi Amin Dada. A terceira faceta, a que representa Idi Amin para uma grande massa de negros africanos ou negros na diáspora, essa imagem é que marca, e foi ela talvez que tenha dado a força de impacto a Zóximo, quando na Europa ele se declarou ugandense. Idi Amin Dada foi o homem, embora demagogicamente, que soube vomitar o insulto que os colonialistas fizeram durante séculos aos africanos. Esse povo guardou esse insulto no estômago, sem digeri-lo, e vem Idi Amin num desbocamento e devolve em vômitos e põe a nu as chagas européias. Devemos sempre salientar que o racismo, como um instrumento de dominação ideológica de

base racial, é um instrumento moderno, não um instrumento histórico, como a ideologia oficial pretende fazer crer. Embora a ciência contemporânea combata o racismo, destrua as suas bases pseudocientíficas, não cabe à ciência o papel mais relevante na luta contra o racismo, mas sim, cabe a uma luta política, que se deve traduzir pela transformação das instituições que produzem o racismo e outras ideologias de dominação, como o machismo, o consumismo, enfim, as várias formas de autoritarismo. É evidente que essa luta política tem que ser articulada a uma luta social ou, como querem alguns, a uma luta de classe. Porém, cuidado. Então nós temos países que, tendo mudado as suas estruturas econômicas, continuam produzindo, através de instituições mantidas em seus arcabouços arcaicos, o racismo em outras ideologias de dominação.

Neuza. Eu não quero dizer realmente que acabaria o problema racial com a simples mudança do sistema. A revolução é permanente, e o racismo é uma questão ideológica, não é a simples mudança de sistema que vai terminar com o problema racial. Fundamentalmente, é uma questão de capi-

talismo, e enquanto não terminar esse sistema, a gente vai ficar aqui discutindo. O fundamental, a gente está preocupado realmente, não sei se vou ser radical, mas a gente está preocupado com uma luta de perto com esse sistema, que não dá oportunidade ao negro.

ISTOF. Acho que a gente deveria discutir mais a questão do modelo. Com quem o negro brasileiro deve se identificar? Com o africano? Com o norte-americano?

Lélia. Até que ponto nós não teríamos um modelo brasileiro, um modelo enquanto elemento desencadador de uma motivação, enquanto elemento aglutinador de uma massa negra, enquanto elemento também denunciador de todo velamento, de todo encobrimento da história do negro no Brasil? Até que ponto nós não poderíamos nos reportar à contribuição do negro que viveu no quilombo? Parece muito importante evidentemente toda uma experiência africana, toda uma contribuição, todo esse ressurgimento africano enquanto experiência que nos remete a uma universalização da experiência do negro em termos de diáspora, mas nós temos também os nossos elementos, nós temos também uma recriação. Vejam vocês que candomblé, umbanda, quimbanda etc., religiões que são tão folclorizadas, são uma recriação, porque na África a gente não vai encontrar nada disso. Vamos perceber, em termos de realidade brasileira, em termos de uma história que se desenvolveu no Brasil, de um negro que foi oprimido, que está sendo oprimido até os dias de hoje, vamos perceber focos de resistência, focos de tentativas de criação de afirmação de si mesmo, a nível de religião, de uma resistência política, social e econômica e, digamos, em termos de integração étnico-cultural. No quilombo, vamos ver uma relação em nível até mesmo militar, a nível de luta armada. Os movimentos dos malês, por exemplo, em Salvador, a grande revolução de 1835. O modelo está aí para nós. Existe uma história que está aí para ser levantada, e eu faço um apelo aos meus irmãos que são pesquisadores nesse sentido, que produzam, que nos mostrem esses textos, que produzam esses textos, para apontar que o negro brasileiro tem uma experiência efetiva. Nós não temos de buscar em modelos americanos nem africanos uma solução para o negro brasileiro. A nossa história tem a sua especificidade, e me parece muito importante que nós nos voltemos e reflitamos sobre a experiência dos nossos antepassados.

MUKANDA SOBRE CAFUNDÓ

CARLOS VOGT e MAURIZIO GNERRE

A cultura negra
na língua e
nos costumes do
antigo povo
do Cafundó

A visão folclórica ou anedótica da presença do negro na sociedade brasileira confirma apenas que os negros existiram ou existem, mas não projeta nenhuma explicação sobre a natureza e a forma dessa presença, sobretudo depois de 1888. É evidente que a cultura negra sobreviveu no país sob as mais diferentes formas de manifestação (na língua, nos costumes, na música popular, na alimentação etc.), mas por aí não se chega a nada ou não se anda muito.

Talvez a descoberta de situações de nítida resistência cultural, espalhadas pelo meio rural brasileiro, possa contribuir de modo positivo para um conhecimento maior da história do negro no Brasil e modificar, conseqüentemente, a visão elitista ou conformada que, em grande parte, brancos e negros alimentam sobre a questão.

A existência de uma dessas situações foi recentemente divulgada pelo jornalista Sérgio Coelho e andou mesmo nas manchetes do país. Trata-se da Comunidade do Cafundó, situada a uns 30 quilômetros de Sorocaba, perto da cidadezinha de Salto de Pirapora, no vale do Alto Sarapuí, em São Paulo.

Em uma região de terra branca e vegetação rasteira vivem as duas grandes famílias de negros, os Almeida Caetano e os Pedroso Pires, umas quarenta pessoas, entre adultos e crianças. Donos de quase 28 alqueires dessas terras, os habitantes do "bairro do Cafundó", como eles chamam o

conjunto de casas de pau-a-pique em que moram, plantam arroz, feijão, milho, mandioca e cana-de-açúcar, num sistema econômico que se caracteriza pela produção de meios de subsistência e desconhece qualquer princípio de acumulação. É verdade que, às vezes, vendem os produtos das terras que cultivam na cidade vizinha ou a força de trabalho aos fazendeiros da região. Mas isso não descaracteriza a sua autonomia como grupo étnico e cultural, consciente de si enquanto grupo e preservado com base na propriedade das terras em que vive.

Língua própria. Talvez o elemento mais importante para esta consciência de comunidade seja a língua que os habitantes do Cafundó falam, além do português. No quadro de uma pesquisa que está sendo conduzida na Unicamp, por nós e pelo antropólogo Peter Fry, alguns dados desta língua já foram coletados, e sua análise preliminar apontou para o forte parentesco de seu vocabulário e o léxico de língua de Angola ou do Congo, pertencentes à família linguística bantu. É o caso, por exemplo, das palavras usadas para "beber" (*kunú*), "trabalhar" (*kurimá*), "matar" (*kwipa*), "ir embora" (*kuendá*), "casa" (*injá*), "letra" ou "escrita" (*nukandá*), "boi" (*ngombe*), "açúcar" (*uiki*), "pai" (*tutu*), que tanto em cafundó como em quimbundo, uma das línguas de Angola, são idênticas. Por outro lado, do ponto de vista gramatical, parecem prevalecer, nessa língua, os caracteres do português, o que leva a crer que esta mistura do português e de uma língua africana tenha, neste caso, seguido o caminho inverso das línguas

crioulas que se falam na África, já que a base gramatical é portuguesa, enquanto o léxico é africano.

Quanto à função social que esta língua desempenha na comunidade, pode-se dizer com certeza que uma delas, e talvez a mais forte, seja a de código secreto. Aliás, Otávio Caetano, 60 anos, um dos líderes do Cafundó, refere-se à língua usando a palavra, *código*, e é assim que também a caracteriza quando a chama "o nosso latim".

Mas não é só a língua o elemento de identidade do grupo. O próprio reconhecimento de indivíduos representativos da comunidade e que têm funções de liderança no grupo é também um fator importante neste sentido. Além de Otávio, que lidera os Almeida-Caetano, há ainda Silvino Pedroso Pires, 76 anos, que tem em suas mãos o único documento legal que atesta a sua posse, juntamente com mais oito habitantes, de uma parte dos 28 alqueires de terra. Exatamente os 7,75 alqueires em que se acham construídas as casas de pau-a-pique. Estas duas grandes famílias seriam descendentes de Ilgênia e Antônio, as duas escravas que, segundo uma das histórias orais do grupo, teriam recebido as terras do Cafundó como doação do senhor, Joaquim Leme. Parece que, originalmente, a extensão das terras recebidas em doação alcançava os 70 alqueires. Aos poucos, no entanto, foram sendo reduzidas até os limites que hoje se conhecem.

Fraude e morte. Como se deu este fenômeno de compressão drástica das terras é ainda não muito claro. De qualquer modo, o que aconteceu com

Aqui vivem os Almeida Caetano e os Pedroso Pires, umas 40 pessoas que compõem a comunidade negra do Cafundó. É um grupo étnico e cultural autônomo, cuja maior luta é defender a terra contra o ataque dos vizinhos, como já ocorreu em tempos passados



o "bairro" do Caxambu pode fornecer indícios significativos do processo de expropriação a que foram sujeitos os negros do Cafundó. Tal como ali, no Caxambu viviam várias famílias que também falavam a língua "africana", organizavam-se num sistema comunitário de produção e estavam expostas às manipulações oficiais da história do regime de propriedade em que vivemos. Levados a assinar um documento de arrendamento das terras para "um espanhol de Sorocaba", assinaram, na verdade, um documento de venda que passou, fraudulentamente, todas as terras, por um mero papel e um abuso de confiança, para as mãos de Francisco Ortiz. Chegou a haver morte no caso. Um morador de Caxambu, coincidentemente um dos mais ativos na disputa pela recuperação das terras, foi assassinado. A questão parece estar até hoje na justiça. Mas a comunidade do Caxambu não existe mais. Os negros partiram e se dispersaram por cidades vizinhas ou distantes, obrigados a repetir o ritual da diáspora que tem estigmatizado a sua história desde a Abolição.

Violência sofisticada. Parece que o fenômeno das doações de terras a escravos foi bastante comum nos últimos anos da escravidão no Brasil, criando, dentro do sistema de produção escravo, sintonias onde já se alojavam, mesmo para o negro, as forças mais sofisticadas da exploração do homem livre pelo capitalismo.

Depois de 1850, apesar das leis de emancipação que foram sendo promulgadas, a violência, que sempre fora inerente ao sistema, tomba sobre

o escravo de modo ainda mais fulminante e acentua o caráter constitutivo de sua própria presença como mecanismo de reprodução desta forma compulsória que o capitalismo tomara no Brasil.

A violência do sistema responde o escravo com atitudes que vão desde a fuga até a violência física contra o branco, que inclui, numa forma terrivelmente sofisticada, o suicídio, já que este, se privava o escravo de vida, também privava o senhor da mão-de-obra e do investimento feito sobre o escravo.

Quer por causa das leis de emancipação, quer pelo receio de uma guerra mais ampla entre brancos e negros, quer pela própria dinâmica do sistema que procura reorganizar as suas peças para prosseguir nas jogadas, quer pelo conjunto destes fatos todos, a verdade é que muitos escravos foram contemplados com doações de terras. O mais plausível é pensar que tais doações não se faziam, evidentemente, pela pura bondade individual do senhor, embora possa ter havido casos deste tipo, mas pela necessidade de manter vivo o sistema, reativando-lhe estratégias de produção mais eficientes e mais adequadas aos tempos que corriam.

As unidades de produção, representadas pelas fazendas de café, no Estado de São Paulo, não eram auto-suficientes, apesar da diversificação de culturas que cada unidade podia ter para atender às suas próprias exigências de consumo. Se, para sustentar os escravos, os fazendeiros tivessem que fazer vir das fazendas de Minas todos os produtos de sua alimentação, como arroz, milho, feijão etc,

as despesas com as forças de trabalho acabariam sendo maiores do que as desejáveis, num momento já crítico para a velha sociedade do café. Deste modo, as doações de terras a escravos apareciam como um interessante artifício para desvalorizar os custos de reprodução de força de trabalho, ao mesmo tempo em que situavam ideologicamente o negro no horizonte de uma liberdade que as próprias condições da doação se encurragavam de limitar.

A América Andina conhecia desde há muito tempo uma organização econômica de exploração do trabalho indígena parecida com esta, mas muito mais sistemática e mais diretamente ligada ao modo de produção. Trata-se do *Incasimungo* (em quíchua, "porta da casa", daí pequeno pedaço de terra; também nome e assunto do famoso romance de Jorge Icaza), que estipulava aos índios o dever de produzir o seu próprio sustento nos grandes latifúndios e o direito ao logro da liberdade de trabalhar a sua própria terra. De fato, ao negro, uma vez doado um pedaço de chão, cabia então produzir o seu próprio sustento, e algum eventual excedente que era vendido ao senhor.

Este cultivo não podia, evidentemente, interferir na sua jornada de trabalho na fazenda, de modo que era nos domingos e feriados que ele elaborava as condições de sua subsistência, sendo, pois, duplamente explorado: como força de trabalho gratuita nas lavouras de café e como instrumento de reprodução, a baixo custo, desta mesma força de trabalho.

No Cafundó e no Caxambu é possível que as coisas tivessem se passado assim e que tenha havido depois algum documento legalizando a situação, como ocorreu, por exemplo, com a antiga Fazenda do Pilar do Sul, perto de Salto de Pirapera, em São Paulo. Em 1886, seu proprietário, tenente Antônio de Almeida Leite, viúvo e sem filhos, deixou tudo em testamento para os escravos.

Hoje, das conhecidas concentrações, resta o Cafundó, mesmo assim ameaçado pelas pressões de fazendeiros vizinhos. Mas outras situações semelhantes à do Cafundó talvez possam ser caracterizadas em outras partes do país. Temos notícias de que em Minas Gerais, perto de Diamantina, algo de parecido está sendo estudado por pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora. É possível que no Norte do Espírito Santo, no Extremo-sul da Bahia e região da antiga capital de Mato Grosso, Vila Bela, fenômenos de resistência e de preservação cultural possam ainda ser registrados.

O original deste documento (com 2 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.



As empregadas domésticas deste país-continente mal sabem que bem fizeram à música popular brasileira. Não me refiro, como podem pensar os menos avisados e os eternos hidrófobos, ao apoio incessante que delas recebem, geração após geração, os antecessores dos Sidney Magal e seus sucedâneos nada perfeitos. Muito menos quero aludir à audiência leal e permanente que costumam dedicar, saudavelmente, aos programas sertanejos da madrugada do rádio na grande cidade. Elas gostam, elas merecem, assevera Silvio Santos, seu maior padrinho, ídolo essencial. Não possuem, afinal, outras alternativas.

Mas deixemos isso de lado. Preocupam-me as empregadas domésticas que, vira-e-mexe, preenchem espaço nas novelas da TV ou nos filmes do cinema — apenas porque é preciso dar emprego de vez em quando às atrizes negras. Invariavelmente são papéis sem sentido, meras exibições de corpos gigantes e cabezinhas sem qualquer idéia ou nenhum caráter. Pois foi por não pretender compactuar com essa espécie tola, inconsequente e conformista de personificação que Maria José Motta de Oliveira, famosa como Zézé Motta, 33 primaveras de idade, resolveu abandonar uma intensa e aplicada carreira teatral de quase vinte e se dedicar somente ao show e ao canto.

Dois décadas. Tomemos, porém, só os dois últimos anos. Logo se verá de que forma eles são reveladores.

O grito de basta. Em 1976, consagrada como a *Xica da Silva* do filme de Cacá Diegues, a formidável representação de Zézé recebeu todos os prêmios da crítica cinematográfica, do "Molière" ao "Governador do Estado de São Paulo". Em outras plagas, com o perdão do leitor pela rustida expressão, tantos lauréis significariam um passaporte rumo ao sucesso definitivo. Mas não por aqui. Continuou negra a pele de Zézé. Não lhe sobram outros papéis além das empregadinhas velhas de guerra. Ela ainda aceitou protagonizar uma copeira rebelativa na peça *Rendez-vous*, com Eva Todor, no Rio de Janeiro. Depois, contudo, quando a TV Globo solenemente a convidou a servir coquetéis num programa da série *Caso Especial*, Zézé deu o grito de basta: "Eu já estava decepcionada com *Rendez-vous*. Muita gente, que havia gostado da *Xica*, foi ao teatro para me ver de perto e descobriu que eu não dizia uma palavra. Pessoas humildes me procuravam no camarim e lamentavam minha mudez. Ai, quando a Globo me chamou, outra vez, para bancar a inútil, desisti de tudo".

Zézé me conta suas desventuras, sem mágoa ou ironia. Eu, todavia, não me poupo de uma pequena safadice: "Você tem algo contra as empregadas domésticas?" Tranquila, elegante, altiva, ela interrompe seu *beef tea*, o suco concentradíssimo de um quilo de carne, e me devolve a chicotada: "Nem contra as empregadas domésticas ou contra os jornalistas — e assim por diante. O problema é que, no cinema ou na televisão, as empregadas domésticas são sempre mostradas da pior forma possível, despersonalizadas, imprestáveis, servis. Nunca reagem à sua inferioridade. Não raciocinam. Não vivem".

E foi assim que a filha de Luís de Oliveira, impecável violonista da vida boêmia do Rio de Janeiro, decidiu começar tudo outra vez. Cantando. Apenas.

Costura e contabilidade. Saiba-se que, na verdade, soltar a voz sempre foi o grande sonho de Zézé. Desde menina ela alentou a fantasia de enfrentar o microfone — como Elizeth Cardoso, Cármen Costa ou Ângela Maria, por quem seus oito, dez anos, singularmente se fascinavam. Até compor ela fazia, nos tempos do João Evangelista, quando as mestras da escola não admitiam ficar sem o canto de Zézé nas festas que organizavam. Sua família, entretanto, exigiu que ela aprendesse um ofício (para não virar empregada doméstica, é claro). Zézé aprimorou-se na costura. Resolveu estudar contabilidade. E um belo dia acabou por se empregar nos Labora-

tórios Moura Brasil como acondicionadora de produtos. Tinha 17 anos. E até os 22 foi obrigada a resistir, bravamente, embulhando bulas ou enchendo caixinhas e mais caixinhas com envelopes de analgésicos ou pastilhas para a garganta.

Tudo tem seu preço. Zézé quis a liberdade. Mas não lhe permitiram ser cantora. Atriz, talvez. Ela, afinal, fizera um estágio no Grupo Tablado de Maria Clara Machado. E dessa forma sua vida transcorreu até *Xica da Silva*. Muitas pontas, como a empregadinha de *Beto Rockefeller*, a inesquecível novela da Rede Tupi no final dos anos 60. Muitas pontas e papéis menores, como a Condessa de Almaviva numa versão satírica das *Bodas de Figaro*, uma dama que não abria a boca e gastava o seu talento produzindo poses exóticas para o riso do público.

Zézé não se queixa. Sobranceiramente, não hesita em assegurar que tudo aquilo de que participou foi importante, apaixonante até. Não duvido. Se me obstino, porém, em acen-

No "Mar Revolto" ela conseguiu ser olanzenta, apesar de alguns exageros de expressão corporal. Mas o impacto maior é no disco, principalmente em "Troçado em Midos," da Francis Hino e Chico Buarque, e "Rita Dalano," de John Neschling e Gerald Camelo. É a volta por cima de uma estrela cansada da ser atriz da poquinhos papéis

tuar as dificuldades que ela enfrentou, juro que tenho as minhas razões. Tenho valorizar os méritos de sua opção. E ela se consubstanciou de maneira definitiva no LP e no *show* que transformaram Zezé Motta na mais instigante cantora brasileira desde a melhor de todas, Elis Regina.

Pernas delgadas. Fique claro, como um princípio de opinião, que não simpatizo totalmente com o repertório de Zezé. Para o meu gosto, ele se inclina demais na direção de Rita Lee e Luiz Melodia e suas redondâncias. Creio, também, que Zezé se concede demais no *show*, suas pernas delgadas e seus belos seios deixam de ser segredo a cada apresentação. Isso, todavia, é um problema de predileção pessoal. Pois Zezé Motta, tenho certeza, em nenhum momento faz tipo, em nenhum momento se exhibe com a intenção de induzir ou *épater*, como às vezes ocorre, por exemplo, com Gal Costa, para citar somente uma cantora que tem o mesmo empresário, o industrioso Guilherme Araújo.

No espetáculo *Mar Revolto*, que no domingo, dia 7, encerrou sua temporada paulistana, Zezé consegue ser eletrizante, apesar de um insólito exercício de expressão corporal que a leva a se lançar ao chão sem nenhum resultado prático ou estético. No disco, então, sua *performance* se transforma rapidamente de uma surpresa (pela facilidade com que coloca a voz, naturalmente empostada, nos graves mais densos ou nos agudos mais longínquos) no impacto de uma descoberta bastante afortunada. Digo descoberta porque não considero fato o LP que Zezé Motta gravou, no começo de 1975, com o ex-secomolhado Gerson Conrad. Para todos os efeitos, o crítico inclusive, o LP da WEA é o seu lançamento.

Eu poderia citar algumas amostras de seu talento, como as suas interpretações sensacionais para *Trocando em Múndos*, de Francis Hime e Chico Buarque de Hollanda ("Pede guarda! As sobras de tudo que chamam lat! As sombras de tudo que fomos nós! As marcas do amor! Nos nossos lençóis") ou *Rita Buiana*, de John Neschling e Geraldo Carneiro, um dos temas do filme *O Cortiço*. Zezé Motta, no entanto, me parece indescritível. Mais do que isso — e creiam-me, corro conscientemente o risco de descambar para uma adjetivação além da que já tenho o mau costume — faço questão de escrever que não estamos diante, apenas, de uma cantora extraordinária no timbre e na comunicabilidade; Zezé Motta é a maior estrela negra que a música deste país já teve.

CONFIDENCIAL



312

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

INFORMAÇÃO Nº 400/16/AC/78



12633

DATA : 28 JUN 1978

ASSUNTO : PREGAÇÃO DE RACISMO - CONVERGÊNCIA SOCIALISTA -
GRUPO AFRO-LATINO-AMÉRICA

ORIGEM : PRG 12633/78

REFERÊNCIA : INFÃO Nº 610/16/AC/77

DIFUSÃO : CH/SNI

ANEXO : A- PANFLETO DO NÚCLEO NEGRO DA CONVERGÊNCIA SO
CIALISTA
B- CÓPIA DA INFÃO Nº 610/16/AC/77

1. No documento citado na referência, expedido em 13 set 77, era informado que os órgãos de comunicação social, em especial a televisão e mais precisamente o programa "FANTÁSTICO" estava estimulando o surgimento de uma dicotomia racial no BRA SIL, de vez que a figura do negro era apresentada como um sofre dor nato e cuja capacidade intelectual, criativa e profissional era sufocada pelo "poder branco".

2. surge agora, dentro do movimento "Convergência socialista", uma ala auto-denominada "Núcleo Negro Pró-PS", nasci do em 14 Mai 78, no RIO DE JANEIRO/RJ e cujas finalidades são:

a. Garantir a participação do negro na formação do futuro Partido Socialista.

b. Lutar pelo fim do sub-emprego que leva o ne gro a condição permanente de biscateiros e domésticos.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

Continuação da INFORMAÇÃO Nº 400/16/AC/78 fls 02

c. Reorganização de entidades negras a nível nacional.

313

d. Reorganização da imprensa negra, "duramente reprimida pelo sistema".

e. Colocação na História do real sentido do papel do negro na sociedade.

f. Integração do negro na "lista dos setores oprimidos da população".

g. "Desenvolver a tendência negra socialista, combinando a luta geral dos trabalhadores com a luta do negro".

h. Mobilizar, integrar e organizar a luta negra nas favelas, bairros operários e conjuntos residenciais.

3. A evolução de tais procedimentos, se não contida de forma hábil e enérgica poderá tornar-se, dentro da própria Convergência Socialista, fator de perturbação e provocação, quando a intervenção do Estado for encarada como cerceamento das liberdades democráticas e de livre manifestação do pensamento, quando na verdade o que se pretende é impedir a proliferação no BRASIL da odiosa e inumana segregação racial, incompatível com a nossa formação sócio-política e histórica, palco da mais profunda e completa integração entre homens de todas as origens. M

* * *

CONFIDENCIAL

ATENÇÃO:

O original deste documento (com 1 folha) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

314
brasileira, arrancando definitivamente da memória de con junto da nossa sociedade os mitos que fazem com que os / negros se tornem objeto de exploração em todos os seto- / res, levando-nos para o folclore: na religião, sexo, co- / mida, música e dança.

Hoje quando são passados 90 anos da promulgação da lei que aboliu o cativeiro, queremos nossa integração na lista dos setores oprimidos da população que lutam / por um Brasil Socialista. Já que o 13 de maio foi apenas um momento específico da nossa luta pela emancipação de- / finitiva.

Nesse sentido nos engajamos no movimento pela / criação de um PS junto a Convergência Socialista, consti- / tuindo assim um núcleo negro que tem como estratégia de- / seenvolver a tendência negra socialista, a fim de poder- / mos combinar a luta geral dos trabalhadores com a nossa / luta específica.

Fazemos uma chamada a todos os negros verdadei- / ramente democráticos para uma atuação conjunta na comuni- / dade negra, isto é, nas favelas, bairros operários, con- / juntos residenciais, etc., a fim de mobilizá-la, organi- / zá-la e integrá-la na luta dos oprimidos em busca de uma / sociedade mais justa.

Rio de Janeiro, 14 de Maio de 1978

Núcleo Negro Socialista

NÚCLEO

NEGRO

SOCIALISTA

Nossa presença aqui, no Museu de Ar- / te Moderna, significa apoio a Coordena- / ção Organizadora e a todos os artistas / que participam desta manifestação cuja / característica marcante é o aspecto cri- / tico da história do negro no Brasil.

Desta maneira, nos solidarizamos co- / o trabalho desenvolvido pois para nós a / abolição não foi um presente do Império / Brasileiro, mas pelo contrário, houve- / ram interesses econômicos do Império / Britânico e pressão das lutas de liber- / tação dos escravos através: dos Quilom- / bes, compra de cartas de alforria e ou- / tras.

Por isso, o 20 de novembro de 1695 / (morte de Zumbi, líder dos Quilombos / dos Palmares) assim como 13 de maio de- / vem ser comemorados, criticamente, como / etapas do processo de emancipação do / negro que só poderá ser cumprida tendo / por objetivo uma transformação socio- / político e econômico da sociedade bra- / sileira.



DIA

No dia 14 de maio de 1978, durante a realização de uma plenária da Convergência Socialista, no Rio de Janeiro, (Movimento que visa a criação de um partido socialista onde se farão/representar todos os setores oprimidos da sociedade brasileira, garantindo a sua participação direta na organização desse partido) um grupo de negros socialistas se posicionou pelo PS, constituindo-se a partir / de então no núcleo negro junto a / Convergência Socialista.

Este núcleo, definiu seus propósitos conseguindo fazer-se representar na Comissão Executiva da Convergência Socialista.

Declaração

Núcleo Negro pró PS

Com o passar dos dias, fica mais claro para o conjunto dos setores oprimidos da nossa sociedade como é justa a mobilização pelo retorno das liberdades democráticas. A cada dia novos setores profissionais, revelam o engajamento na luta que se trava contra a ditadura. E isto só traz uma contribuição: o fortalecimento do movimento de massas e o isolamento do regime despótico do general Geisel e seu herdeiro.

Para nós trabalhadores, resta a alternativa de romper com as grades de nossa cadeia, ou seja, romper / com a tutela da burguesia e construir nosso próprio instrumento de luta que deverá ser: o Partido Socialista. Acreditamos que só assim se realizará nossa independência no campo da organização.

Dentro da perspectiva de ação do PS, nós um grupo negro nos definimos e também nos propomos a uma inserção dinâmica na comunidade em função e a partir de suas / necessidades infra-estruturais, como moradia, transporte, habitação, comércio, higiene, saúde, etc.; necessidade / de lutar pelo fim do sub-emprego que nos leva a condição permanente de biscoiteiros e domésticos, etc., como também lutar por melhores condições carcerárias, etc.; necessidade de organização e expressão que nos assegure a construção de nossas entidades a nível nacional e estadual, como também da imprensa negra que foram duramente / reprimida pelo sistema; necessidade da colocação na História, do real conteúdo do papel do negro na sociedade /

CONFIDENCIAL



315

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

INFORMAÇÃO Nº 610/16/AC/77



DATA : 13 set 77
ASSUNTO : PREGAÇÃO DE RACISMO - ENTIDADES LEGAIS E ILEGAIS
- MEIOS DE COMUNICAÇÃO
ORIGEM : AC/SNI
DIFUSÃO : CH/SNI
ANEXO : CÓPIA DA PÁGINA DE "INDEPENDÊNCIA OPERÁRIA" (01 fl)

1. As entidades subversivo-terroristas adeptas da linha do PC do B vêm, ultimamente, procurando uma nova forma de provocar tensões sociais e, com a complacência ou inadvertência de órgãos legais de telecomunicações, em especial a televisão, estão encontrando no aspecto racial, um campo altamente propício e fácil de ser inflamado.

2. Pode-se notar perfeitamente, em alguns programas da Rede Globo, em especial no "FANTÁSTICO", a excessiva preocupação em apresentar as virtudes do elemento negro, quer seja sob a forma de artista, atleta ou intelectual.

3. Embora a maioria dos apresentados sejam norte-americanos, onde a dicotomia racial é inegável, é fácil deduzir-se o transplante de idéias para nossa terra, de vez que são propostas criações de entidades defensoras da "cultura afro-brasileira", quenada mais seriam do que focos do "Black Power".

4. O mais notório dessa sucessão de eventos, é que a idéia do preconceito racial está partindo exatamente da parte

CONFIDENCIAL

316

daqueles, que por serem minoria, os negros, seriam as maiores vítimas desta segregação, pelo menos, na fachada ostensiva do movimento, procurando a criação de um sentimento generalizado anti-branco, por parte da população negra do BRASIL.

5. A publicação clandestina "INDEPENDÊNCIA OPERÁRIA Nº 28", edição de julho de 77, instiga claramente a revolta racial com chavões do tipo "Contra a Educação Racista", "Contra a Discriminação Racial" e "Por uma Autêntica Democracia Racial", preconizando a introdução nos currículos escolares da disciplina "História do Negro", além da criação de um periódico noticioso exclusivo da "comunidade afró-brasileira".

6. Num País essencialmente liberal e aberto a miscigenação e convivência inter-racial, como o nosso, com raríssimos casos comprovados de segregação, é altamente odioso e anti-natural, que uma minoria pertencente a raça negra seja contaminada por idéias alienígenas, procedentes quer seja dos bairros do HARLEM ou WEST SIDE, bem como da subterrânea propaganda comunista, que vislumbrou, através da livre manifestação do pensamento, essência da democracia, mais uma oportunidade para golpear as instituições e fomentar a tensão interna.

A evolução de tais procedimentos, se não contida de forma hábil e enérgica, poderá transformar-se em foco de constante atrito e exploração por parte dos revanchistas e interessados no caos do País.

* * *

CONFIDENCIAL

316

daqueles, que por serem minoria, os negros, seriam as maiores vítimas desta segregação, pelo menos, na fachada ostensiva do movimento, procurando a criação de um sentimento generalizado anti-branco, por parte da população negra do BRASIL.

5. A publicação clandestina "INDEPENDÊNCIA OPERÁRIA Nº 28", edição de julho de 77, instiga claramente a revolta racial com chavões do tipo "Contra a Educação Racista", "Contra a Discriminação Racial" e "Por uma Autêntica Democracia Racial", preconizando a introdução nos currículos escolares da disciplina "História do Negro", além da criação de um periódico noticioso exclusivo da "comunidade afro-brasileira".

6. Num País essencialmente liberal e aberto a miscigenação e convivência inter-racial, como o nosso, com raríssimos casos comprovados de segregação, é altamente odioso e anti-natural, que uma minoria pertencente a raça negra seja contaminada por idéias alienígenas, procedentes quer seja dos bairros do HARLEM ou WEST SIDE, bem como da subterrânea propaganda comunista, que vislumbrou, através da livre manifestação do pensamento, essência da democracia, mais uma oportunidade para golpear as instituições e fomentar a tensão interna.

A evolução de tais procedimentos, se não contida de forma hábil e enérgica, poderá transformar-se em foco de constante atrito e exploração por parte dos revanchistas e interessados no caos do País.

* * *

CONFIDENCIAL

QUINZENA do NEGRO

Criação de um jornal da comunidade afro-brasileira e uma moção a ser apresentada na SBPC exigindo a obrigatoriedade do ensino da História do Negro nas escolas: estes foram os principais pontos levantados na realização da Quinzena do Negro, realizada na auditoria de Psicologia da USP, de 22 de maio a 5 de junho.

O objetivo da Quinzena foi a discussão da situação do negro no Brasil, através da realização de um ciclo de conferências e debates.

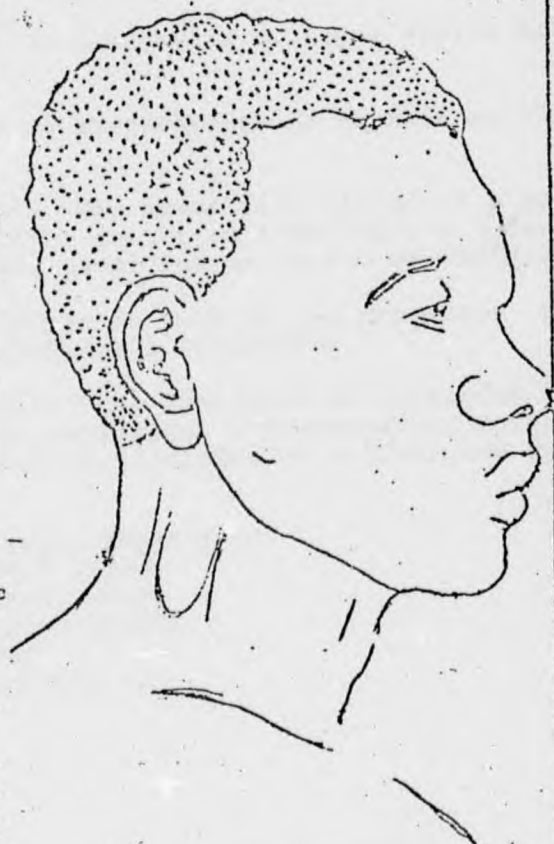
Foram mobilizados estudantes de várias instituições e estados, que expuseram trabalhos, suas posições frente à situação do negro, as dificuldades encontradas no campo da pesquisa no sentido de criar formas e soluções para o problema.

Apesar do ambiente academicista, conseguiu-se levantar alguns pontos no sentido de se organizar trabalhos a nível mais massivo. Assim, foi criada, como primeiro passo, um jornal da comunidade afro-brasileira apoiado por entidades massivas da comunidade, visto que nos meios de comunicação racistas controlados pelos burgueses trazem enormes prejuízos ao nível social, cultural e psicológico para a comunidade negra.

Segundo, será encaminhada à SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - a fim de pressionar o governo nesse sentido, uma moção exigindo a obrigatoriedade de se desenvolver o ensino da História do Negro em todos os níveis (e não somente no universitário) de forma realista em contraposição à forma racista, como se coloca hoje nas escolas.

Esta iniciativa é importante como retomada no processo de organização do Movimento Negro no Brasil, como um passo para a construção de um organismo que centralize as lutas dos negros brasileiros por todas as suas reivindicações específicas e por uma autêntica democracia racial.

CONTRA A EDUCAÇÃO RACISTA !
CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL !
POR UMA AUTÊNTICA DEMOCRACIA RACIAL !



CONFIDENCIAL

S. N. I.
AGENCIA CENTRAL

014312 - 5 JUL 78

318

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA DE SÃO PAULO

PROTOCOLO



INFORME Nº **3339** /119/ASP/SNI/1978

109622

DATA : 30 de junho de 1978
ASSUNTO : MANIFESTO - "MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL" - SÃO PAULO, SP
ORIGEM : ASP/SNI
AVALIAÇÃO: A-1
DIFUSÃO : AC/SNI

1. Em 07 Jul 78, às 18,30 hs, no Viaduto do Chã, em SÃO PAULO, SP, realizar-se-á um Ato Público contra o racismo, como primeira atividade do Movimento supra citado.
2. Seu objetivo será protestar contra os últimos acontecimentos discriminatórios contra negros, amplamente divulgados pela imprensa:
 - morte por torturas na delegacia de Guaianazes do negro Robson Silveira Luz;
 - impedimento de 4 garotos negros de participarem de torneio no Clube Regatas Tietê.
3. Em carta convocatória, a Comunidade Afro-Brasileira dirige-se a todos os setores democráticos que lutam contra as injustiças e o desrespeito aos direitos humanos, para participarem do ato de repúdio.
4. A medida foi tomada, pelo conhecimento do fato de que processos de discriminação racial são sempre abafados e arquivados.
5. Conscientes de que é impossível continuar aceitando as condições em que vive o homem negro no País: desempregado, subempregados, morando em favelas e sofrendo constantes persiguições da polícia, sem dar uma resposta, subscrevem:

JORNAL AFRO-LATINO-AMÉRICA SP
GRUPO DE ATLETAS NEGROS
ASSOCIAÇÃO BRASIL JOVEM
GRUPO DE ARTISTAS NEGROS
JORNAL ABERTURA
AFRO-LATINO-AMÉRICA RJ.

am.

o0o

TODA PESSOA QUE TOME CO-
NHECIMENTO DESTA DOCUMENTO
FICA RESPONSÁVEL PELA MANU-
TENÇÃO DE SEU SIGILO (R24S)

A Revolução de 64 é irreversível e
consolidará a democracia no Brasil.

bem situados donos de terra e do dinheiro.

Em acréscimo ao documento dos Bispos o Pe. AUGUSTO DAL VIT, relações públicas da CNBB, aduziu que a Igreja se empenharia cada vez mais objetivando a implantação da reforma agrária para favorecer, no futuro, o surgimento de uma ordem social-política mais justa.

- POSSIBILIDADE DE CONFLITO ENTRE ÍNDIOS E INTRUSOS DE CHAPECÓ/SC

Os conflitos entre índios e intrusos das reservas de Rio das Cobras/PR e Nonoai/RS, poderão se repetir a curto prazo no Posto Indígena de CHAPECÓ/SC, onde os silvícolas deram um ultimato aos intrusos para desocuparem a área, até 15 de agosto próximo.

Sobre o assunto, vale ressaltar as declarações de D. JOSÉ GOMES, Bispo de CHAPECÓ/SC, publicadas no dia 09 Jul 78, e que atua junto aos índios da reserva. Segundo o citado prelado os problemas entre índios e colonos se devem a "interesses escusos, politicagem, inoperância e omissão do Ministério da Agricultura e do próprio Ministério do Interior que, por lei, deveriam ter providenciado a limpeza da área". Acrescenta, entretanto, que a retirada de posseiros não é o "suficiente para melhorar o nível de vida dos Kaingangues e Guaranis, que vivem miseravelmente no Posto Xaçupé, como bóias-frias dos agricultores".

e. Opinião Pública

- MOVIMENTO NEGRO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Realizou-se em SÃO PAULO/SP, no dia 07 Jul 78, na área fronteira ao Teatro Municipal, junto ao Viaduto do Chá, uma concentração organizada pelo autodenominado "Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial", integrado por vários grupos, cujos objetivos principais anunciados são: denunciar, permanentemente, todo tipo de racismo e organizar a comunidade negra.

Esse ato público, inspirado em dois casos recentes, de suposta discriminação racial, como a morte de um negro em uma delegacia de SÃO PAULO e a eliminação de quatro atletas de cor, do C.R. TIETÊ, é fruto da "conscientização" promovida, de maneira acentuada, a partir de 1976, em grandes cidades e para a qual muito contribuiu a imprensa.

Segundo o sociólogo CLÓVIS MOURA, um dos participantes, o evento em questão foi a "primeira demonstração de coragem dada pelo negro" desde a "Frente Negra", de 1937.

Embora não seja, ainda, um "movimento de massa", os dados disponíveis, que têm sido objeto de várias informações difundidas por esta Agência, caracterizam a existência de uma campanha para estimular antagonismos raciais no País e que, paralelamente, revela tendências ideológicas de esquerda.

Convém assinalar que a presença no BRASIL de ABDIAS DO NASCIMENTO, professor em NOVA IORQUE, conhecido racista negro, ligado aos movimentos de libertação da ÁFRICA, contribuiu, por certo, para a instalação do já citado "Movimento Unificado".

CONFIDENCIAL

S. N. I.
AGENCIA CENTRAL

014953 13 JUL 78

PROTOCOLO

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

INFORMAÇÃO N.º 3500 / 119 / ASP/SNI/78

321



169622

DATA : 11 JUL 78
ASSUNTO : MANIFESTO. "MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL"-
REFERÊNCIA: Telex 214/19/AC/78 SÃO PAULO/SP.
ORIGEM : ASP/SNI
DIFUSÃO : AC/SNI
ANEXO(S) : Discriminados no último item.

1. Em 04 JUL 78, através de carta enviada ao Delegado Geral da Polícia Civil do Estado de São Paulo, os responsáveis pela iniciativa: ANTÔNIO LEITE, presidente da Associação Cultural Recreativo Brasil Jovem; MILTON BARBOSA, ligado ao Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas e EDUARDO DE OLIVEIRA ex-vereador do Município, participaram a realização do ato de repúdio.
2. O acontecimento encarado como um protesto veemente e corajoso de todas as formas de racismo, foi divulgado através de 30.000 panfletos distribuídos pela cidade.
3. Conforme Infe nº 3339/119/ASP/SNI de 30 JUN 78, aos 07 JUL 78 realizou-se em SÃO PAULO, o Ato Público organizado pelo Movimento Unificado contra a discriminação racial, criado em 18 JUN último.
4. A manifestação foi pacífica e contou com a presença de aproximadamente mil pessoas.
5. Constatou-se da programação
 - a. Afixação de faixas com os seguintes dizeres:

"PELA DEMOCRACIA RACIAL"
"PELA PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS NEGROS NO MOVIMENTO"
"CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL"
"CONTRA A OPRESSÃO QUE O NEGRO SOFRE".
 - b. Distribuição da carta aberta à população e o jornal VERSUS, nº 5 / (em anexo).
 - c. Leitura em coro da referida carta.
 - d. Distribuição de convite do centro de luta de três entidades negras para uma Assembleia do Movimento pela Libertação do Negro pelo próprio negro, cuja realização está prevista para o próximo dia 23.
 - e. Discursos de vários representantes da comunidade negra, dos quais destacamos:
 - 1) ABDIAS DO NASCIMENTO, professor de Culturas Negras no Novo Mundo, declarando que

"O Brasil é o único país que admite a existência do preconceito racial em suas terras. Tanto isso é verdade que foi preciso criar a Lei Afonso Arinos para proteger aqueles que sofrem atitudes racistas. Acontece que esta Lei, pelo que se tem notícia, nunca foi aplicada. Há mais de 20 anos que ela não é atualizada e, hoje, quem praticar no país atos de racismo, fica obrigado pela Justiça a pagar uma multa de Cr\$ 15,00".
 - 2) MÁRIO AMÉRICO, vereador municipal, considera o racismo como fenômeno geral e, sabendo que medidas já foram tomadas nos dois acontecimentos que originaram o manifesto, perguntava aos negros

CONFIDENCIAL



322

CONTINUAÇÃO INFÃO Nº **9500** /119/ASP/SNI/78

(Fls. 2)

ali presentes,

"o que nós queremos mais?"

enfim, não só se negou a aderir ao movimento alegando ser um homem público, como lamentou o nascimento dessa manifestação

"Pediria a eles que não prosseguissem nessa demons - tração pública, para o bem de nossa raça. E, se vi - er uma represália? Qual a segurança, a proteção // que vão ter? É uma luta desigual. Além disso, esse é um movimento que divide, que separa ainda mais os negros dos brancos".

3) A jornalista NEUSA MARIA DE ALMEIDA declarou:

"Nós queremos oportunidades e não comiserações.
O negro precisa fazer um esforço tres vezes maior do que o branco para conseguir um emprego."

4) ALDO BUENO, ator negro atualmente desempregado, afirmou:

"O negro só entra para certos papéis, o ator negro é o tipo específico para trabalhos específicos".

f. Distribuição de propaganda eleitoral de MILTON SANTOS e HÉLIO SANTOS candidatos à Câmara Federal e à Assembléia Legislativa.

g. Finalizando o ato público, os negros fizeram o gesto caracte - rístico do Movimento "BLACH POWER" (punho fechado para o alto).

- Este Ato, aparentemente de protesto contra as injustiças co - metidas nos contingentes da raça negra, esconde no fundo, um movimento observado de longa data (vide Infão 417/119/ASP / SNI/77 de 30 DEZ 76), através de atividades do professor FLO RESTAN FERNANDES e de CLOVIS SPITERGER DE ASSIS MOURA, mem - bros do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, uma das entidades promotoras do evento.

- Ultimamente, tem tomado grande vulto a Convergência Socialis - ta que propõe a fundação do Partido Socialista. Consta - se que nessa Frente Socialista, uma entidade que se propõe a lutar pela libertação e organização do negro no Brasil, deno - minada "AFRO LATINO AMÉRICA", também mais uma das promotoras do Ato.

- Um dos motivos que deu origem a este movimento, ou seja, os fatos ocorridos no Clube Regatas Tietê cujo mérito está sen - do apurado pela Divisão de Ordem Política do DOPS/SP, é pa - trocinado pelo conhecido advogado IDIBAL PIVETA, membro da Coordenação Regional da Convergência Socialista em S.PAULO.

- O jornal "VERSUS", porta voz da Convergência Socialista, a - liás, que foi distribuído nesta manifestação, tem dedicado / muitas páginas ao Movimento Afro Latino América com matérias de CLÓVIS DE MOURA e FLORESTAN FERNANDES, bastante conhecidos por suas tendências.

A edição distribuída nesta oportunidade, publica pequeno arti - go subscrito pelo Núcleo Negro Socialista do Grupo Afro La - tino América, que esclarece todo o movimento:

CONFIDENCIAL

-segue-



"Na verdade, vivemos momentos ~~de grandes~~ vitórias. A esquerda brasileira, em conjunto com os trabalhadores e o movimento negro, conseguirão um grande avanço no momento em que conseguirem combinar as lutas específicas com as lutas gerais.

Logo após o surgimento de uma Tendência Negra na Convergência Socialista, nasce da unidade vários grupos e entidades da Comunidade Negra, o Movimento Unificado contra a Discriminação Racial, um movimento amplo e democrático, que sem dúvida, vai unificar todos os setores mais consequentes da Comunidade Negra. Este será um movimento independente, onde os negros poderão se colocar, livres de qualquer escamoteação, seja de setores da esquerda ou da direita branca...

O apoio dos vários setores democráticos da sociedade ao movimento significa um avanço nas lutas pela democracia no país; sua independência vão marcar o amadurecimento // destas lutas."

- Na atual Reunião da Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência em seu primeiro dia efetivo de trabalhos, 10 JUL 78 sob a coordenação de EDUARDO OLIVEIRA E OLIVEIRA, disse que

"o problema do negro é um problema nacional, pois é de natureza política, e que, também, só politicamente poderá ser resolvido."

6. Conclusão

Pelos motivos apresentados, conclui-se que, realmente o racismo vem sendo encarado não só sob o ponto de vista social como político e, seus batalhadores estão utilizando este motivo, para fortalecer a Convergência Socialista, uma vez que também se sentem mais fortalecidos pela unificação de todas as entidades afro-brasileiras do País.

7. Relação dos Anexos

- um exemplar da edição especial do jornal "VERSUS" nº 5,
- carta aberta à população contra o racismo
- cópia xerox da carta enviada ao Delegado Geral da Polícia Civil do Estado de São Paulo, sr. TÁCITO PINHEIRO DE MACHADO, pelos / responsáveis do movimento
- cópia xerox da propaganda eleitoral
- cópia xerox de convite dirigido aos negros, para uma Assembleia a realizar-se em 23 JUL 78
- cópia xerox de carta convocatória para o ato público.

TODA PESSOA QUE TOCAR
NHECIMENTO DESTA DOCUMENTO
FICA RESPONSÁVEL PELA MANU
TENÇÃO DE SEU SIGILO (RSAS)

A Revolução de 64 é irreversível e
consolidará a democracia no Brasil.

A PALAVRA

ESPECIAL
VERSUS
PREÇO MÍNIMO Cr\$ 2,00.
324 No 5

SOCIALISTA:

- FRENTE DE
- REDEMOCRATIZAÇÃO
- ELEIÇÕES
- COPA DO
- TORTURADOR
- VIDELA
- MÉDICOS
- EM GREVE



CONVERGÊNCIA
SOCIALISTA

Editorial

LEGALIZAÇÃO JÁ!

Em 28 de janeiro realizamos uma reunião e resolvemos lançar um manifesto de formação de um movimento de unidade. Um movimento de convergência de todos aqueles que se reivindicam socialistas, e que desejam a formação do Partido Socialista. Denominamos o movimento que ali se iniciava de Convergência Socialista. De 28 de janeiro a 28 de junho passaram-se 5 meses. Meses de discussões, de lutas e experiências.

Orientados no sentido da unidade, achamos que a divisão dos socialistas só interessa aos reacionários e oportunistas, aos inimigos dos trabalhadores, da democracia e do socialismo. A luta pela unidade dos socialistas não era só uma necessidade, era e é também um dever. E a Convergência Socialista serviria para unir todos os companheiros de forma democrática, através da discussão e do trabalho na luta pela construção do partido que todos queremos.

Essa luta deveria ir se dando, aproveitando todas as brechas legais, criadas pela crise do sistema e pelo avanço do movimento de massas. No entanto, após 5 meses, vemos que não conseguimos unir todos os companheiros nessa luta comum. Uns por não considerarem este, o momento oportuno de nos lançarmos num movimento aberto pela construção do Partido Socialista. Outros por alegarem divergências das quais não temos conhecimento.

Se não conseguimos unir a todos, conseguimos unir muitos. Hoje, a Convergência é um movimento nacional, que tem apoio e simpatia em diversas camadas da sociedade. Estamos organizados em alguns estados e nos organizando em outros. Integrando jovens e velhos companheiros: estudantes, trabalhadores, intelectuais, negros, mulheres... Esse crescimento, sem dúvida foi produto de condições objetivas, da existência de uma corrente não organizada pró-socialista a nível nacional e da reanimação das lutas populares. E também da justiça e da amplitude de nossas respostas políticas.

Reivindicamos o acerto político de termos compreendido o momento certo e a necessidade de lançarmos o movimento de construção do Partido Socialista, e criado formas dos trabalhadores construírem seu próprio partido.

A LUTA DOS TRABALHADORES E A CONJUNTURA.

A nossa luta sofreu mudanças de qualidade nestes meses. Por diversos fatores, entre os quais é fundamentalmente o processo de greves que se iniciou no ABC e se estendeu por outras regiões. Impulsionando uma esquadização, uma politização da sociedade. O sistema que já estava em crise, e por isso, cada vez mais isolado, em decomposição, tem o seu fim acelerado com a volta dos trabalhadores a cena política. Os mais interessados na luta pelas liberdades democráticas e pelo fim do governo ditatorial.

Hoje estamos muito mais fortes para levar essa luta adiante. Com a greve do ABC, muitos operários se aproximaram do nosso movimento. Alguns já nos conheciam por termos participado do 1º de maio unitário, realizado em Santo André, quando alguns dos oradores se colocaram como socialistas e da Convergência, e quando foram vendidos mais de 1000 jornais, propagandizando as nossas posições.

Com as greves, outros trabalhadores vieram nos conhecer através da nossa atuação no dia-a-dia da luta. Milhares e milhares de boletins, colocando o nosso apoio ao movimento, foram distribuídos. Esse fato é fundamental para compreender a mudança de qualidade, a mudança da composição social que sofreu o nosso movimento nesses tempos.

OS SOCIALISTAS E A FRENTE

Diante da situação explosiva da sociedade como um todo, as contradições inter-burguesas aparecem à luz do dia e de forma cada vez mais violenta. A burguesia busca saídas que mantenham sua hegemonia e o regime capitalista. A Frente Nacional pela Redemocratização é uma delas. Embora positiva na medida em que expressa o momento da crise, o isolamento do governo militar e defende algumas questões democráticas importantes, é negativa por criar uma opção de governo burguês, que mesmo sendo mais democrático não resolverá os reais problemas do povo brasileiro. Além disso busca iludir às classes médias e trabalhadoras, para que acreditem que as liberdades democráticas e os interesses dessas classes dependem mais das conchavos e da boa vontade das classes dominantes, que da mobilização e organização dos trabalhadores e das massas exploradas.

Mesmo que realizemos algumas lutas de comum acordo com os setores burgueses e pequeno-burgueses contra o regime militar e pelas liberdades democráticas, é tarefa dos socialistas defender a independência política dos trabalhadores na luta pelos seus reais interesses e pela sua emancipação. Tarefas que só poderão ser realizadas pelos próprios trabalhadores e que frente burguesa alguma poderá conquistar.

Nos socialistas, defendemos um governo dos trabalhadores que são a maioria da nação. A combinação de uma situação que indica o fim do governo militar e as liberdades democráticas de um lado, e o nosso crescimento do outro, determina novas tarefas.

NOSSAS TAREFAS

As tarefas que temos assumido em todo esse tempo são o princípio de nosso lançamento como partido. Estamos nos organizando em diversos estados e em diversos setores e estruturando uma tendência socialista dentro do MDB. Após 4 anos, os socialistas voltam a aparecer abertamente, não só na luta de classes como a nível de superestruturas: não só em sindicatos e jornais, mais também no parlamento e em discussões com dirigentes de outros classes e setores sociais.

O deputado federal J.G. de Araújo Jorge considerou, em discurso na câmara, a Convergência Socialista como um fator muito mais importante para os trabalhadores e para as liberdades democráticas que a Frente Nacional pela Redemocratização, já que lutávamos pela construção do Partido Socialista. Os candidatos socialistas e operários, que apoiaremos nas próximas eleições, são parte da grande luta pela construção do partido e pela defesa dos interesses democráticos e classistas.

Devemos aproveitar todas as contradições inter-burguesas, todas as brechas do sistema, para dar novos passos na construção dos organismos dos trabalhadores e na construção do seu partido. Para isso devemos ao mesmo tempo manter e reforçar a luta das forças democráticas contra o regime militar, apoiar e participar das lutas dos trabalhadores pelos seus interesses imediatos, e lançar a luta pela legalização do Partido Socialista.

Hoje estamos elaborando um anteprojeto de programa e de estatutos do partido, que deverão ser discutidos, enriquecidos e modificados pelo conjunto do nosso movimento. Após essa aprovação, discutiremos novamente com todos os grupos socialistas que conhecemos, objetivando nossa unidade pela construção do nosso partido.

Chamamos todos os companheiros socialistas a se integrarem nos diversos comitês ou formar novos comitês da Convergência. Diante de acontecimentos como as greves operárias, a tentativa de reorganização da burguesia através da Frente Nacional pela Redemocratização, as investidas do governo com reformas políticas, e a proximidade das eleições parlamentares, união de todos os socialistas em um só movimento é fundamental. Com as perspectivas de uma mudança na sociedade, nossa resposta deve ser uma só. Renovamos nosso chamado à unidade.

Julio Tavares

Coordenação Nacional da Conv. Socialista

ABRA OS OLHOS COM A FR

É bom abrir o olho com essa Frente... Quem está nela? Até que ponto ela responde aos anseios dos trabalhadores? Que setores ela representa? É bom abrir o olho...

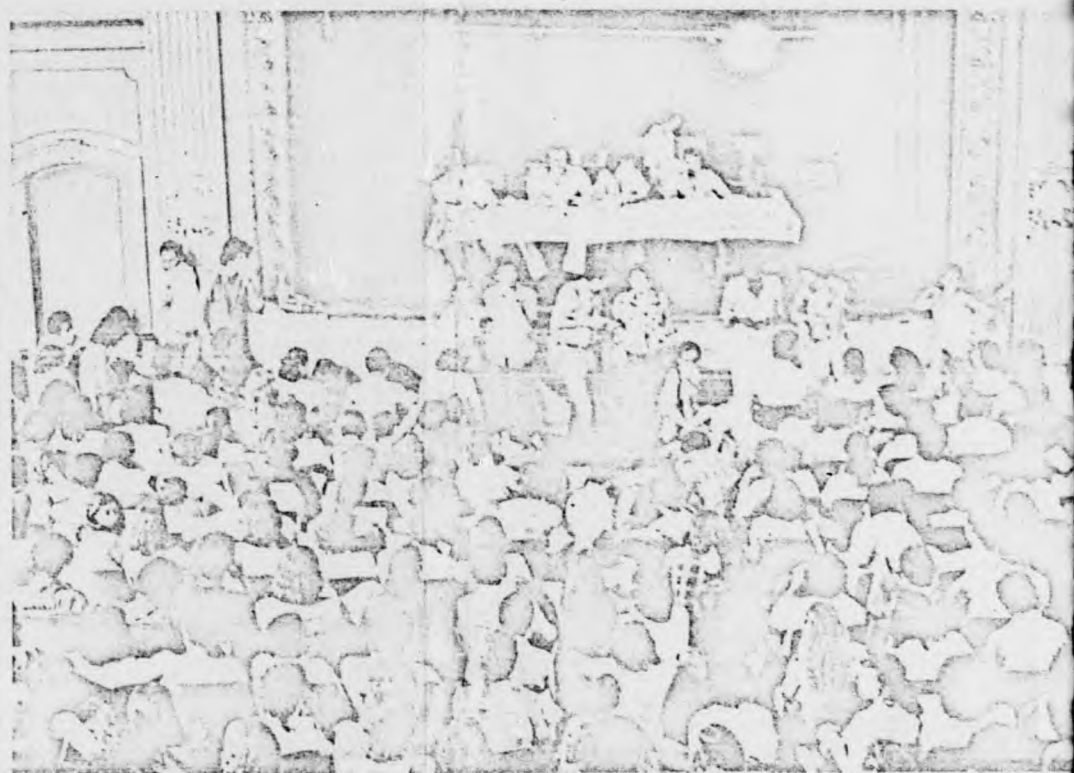
O regime autoritário imposto ao povo brasileiro está em decomposição, vivendo a sua crise mais profunda e perdendo seus aliados. Até o exército está dividido em alas. Tudo isso leva a um acentuado processo de isolamento do governo e desgaste do sistema.

Tendo essa situação como pano de fundo é que surge a Frente Nacional pela Redemocratização. E o que é importante, surge para canalizar para um projeto burguês, o descontentamento e o ânimo dos trabalhadores. Não é atoa que a Frente só toma forma após a greve do ABC. Seus integrantes, apesar das diferenças, estão unidos por um programa que co-

lece alguns pontos democráticos, que vai do fim do governo militar até um projeto de governo burguês. Na realidade é uma saída que está estruturando a burguesia para se contrapor à crise do regime e o ascenso do movimento de massas. Uma volta controlada ao estado de Direito.

Assim, se essa Frente é positiva de um lado, já que coloca algumas reivindicações democráticas e o fim do governo militar, é negativa de outro quando não tem um programa claro de luta e quando indica um novo governo burguês, uma nova forma, mesmo mais "democrática", de exploração. E nos estamos pelo fim do regime de exploração. Estamos por um governo dos trabalhadores. Não podemos deixar de proceder a clássica separação: trigo de um lado, joio de outro. Não podemos deixar de dizer aos trabalhadores que alguns destes que hoje estão na Frente defenderam como necessária a intervenção armada contra os trabalhadores em 64! Apoiaram publicamente todas as medidas antipopulares dos governos ditatoriais! Fizeram parte deles! Diremos e diremos claramente.

Como os membros das herdades democráticas, e os dos que estão contra o regime militar, chamamos todos a incluir no seu programa a legislação de exceção pela anistia ampla, geral e irreversível de todos os bandos vres e diretas em todos os atos do regime militar; Assembleia Constituinte com a participação legal e inclusive do Partido Comunista; Por um amnício e por uma nova legislação de direito de greve e a total dos sindicatos do estado, essenciais sem os quais não se mostrará capangas dadeiros interesses da mar



USP AGORA OS FUNCIONÁRIOS

A política do arrocho salarial, vigente em nosso país, atinge níveis insuportáveis também ao funcionalismo público. Por este motivo, os funcionários da USP se mobilizaram na luta por uma remuneração mais justa, reivindicando aumento salarial de 20%.

Um abaixo-assinado com mais de 2.000 assinaturas, contendo as reivindicações da categoria foi encaminhado ao reitor que no entanto não recebeu a comissão de entrega, preferindo recepcionar o rei de uma tribo da Nigéria.

Disseram os funcionários: «É, o reitor só recebe reis...»

Mas a luta continua e os companheiros funcionários da USP, mesmo

sem o auxílio da direção pelega da ASUSP — Associação dos Funcionários da USP —, paralizaram suas atividades no último dia 26 de junho, quando ficaram em assembleia permanente e realizaram uma passeata com mais de 500 pessoas no campus.

A luta não parou e vai continuar até a vitória. Vitória que também implica na substituição da atual direção da ASUSP e eleição de outra verdadeiramente representativa, que lute pelos interesses da categoria.

Nos da Convergência Socialista nos solidarizamos com a luta dos funcionários da USP, mais um setor que se mobiliza contra a política de compressão salarial.



O jorn
um in
ra a
dos
Traba
ferr
buid
organ

ABRA OS OLHOS COM A FRENTE

É bom abrir o olho com essa Frente... Quem está nela? Até que ponto ela responde aos anseios dos trabalhadores? Que setores ela representa? É bom abrir o olho...

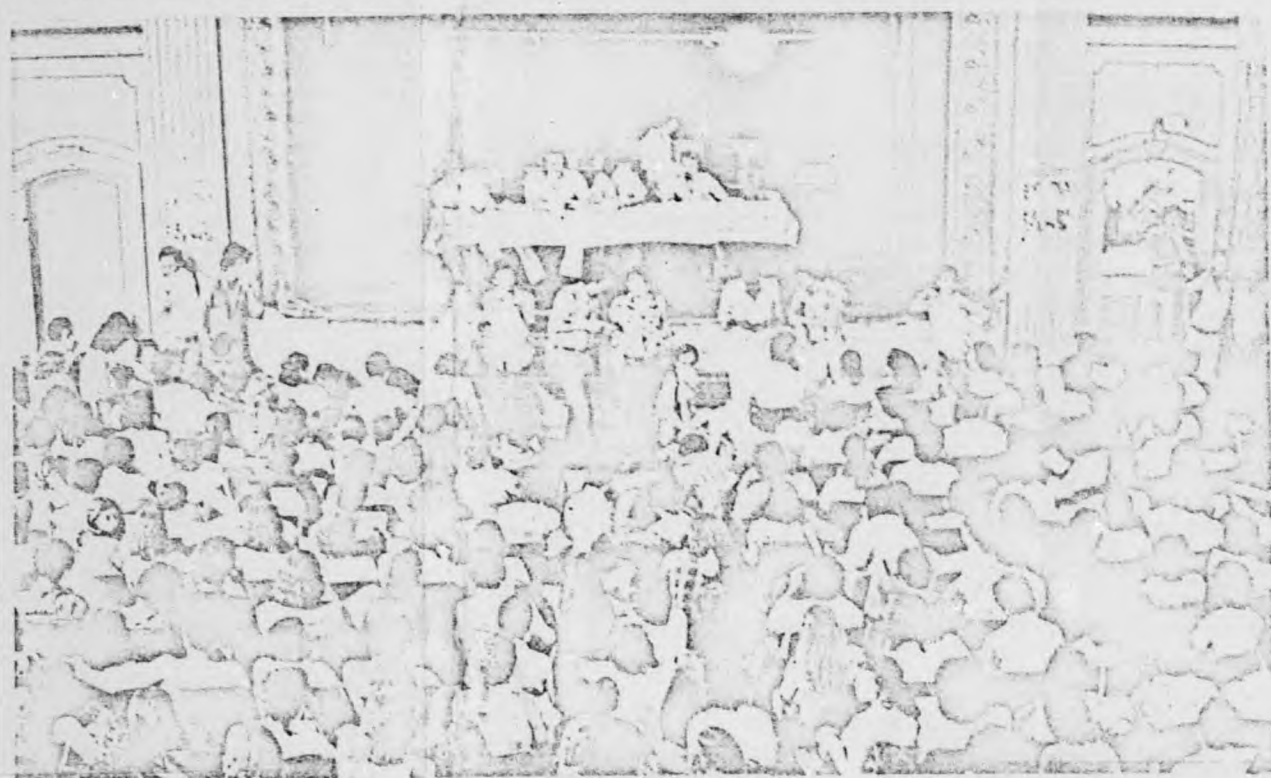
O regime autoritário imposto ao povo brasileiro está em decomposição, vivendo a sua crise mais profunda e perdendo seus aliados. Até o exército está dividido em alas. Tudo isso leva a um acentuado processo de isolamento do governo e desgaste do sistema.

Tendo essa situação como pano de fundo é que surge a Frente Nacional pela Redemocratização. E o que é importante, surge para canalizar para um projeto burguês o descontentamento e o ânimo dos trabalhadores. Não é atoa que a Frente só toma forma após a greve do ABC. Seus integrantes, apesar das diferenças, estão unidos por um programa que co-

loca alguns pontos democráticos, que vai do fim do governo militar até um projeto de governo burguês. Na realidade é uma saída que está estruturando a burguesia para se contrapor à crise do regime e o ascenso do movimento de massas. Uma volta controlada ao estado de Direito.

Assim, se essa Frente é positiva de um lado, já que coloca algumas reivindicações democráticas e o fim do governo militar, e negativa de outro quando não tem um programa claro de luta e quando indica um novo governo burguês, uma nova forma, mesmo mais «democrática», de exploração. E nós estamos pelo fim do regime de exploração. Estamos por um governo dos trabalhadores. Não podemos deixar de proceder a clássica separação: trigo de um lado, joio de outro. Não podemos deixar de dizer aos trabalhadores que alguns destes que hoje estão na Frente defenderam como necessária a intervenção armada contra os trabalhadores em 64! Apoiaram publicamente todas as medidas antipopulares dos governos ditatoriais! Fizeram parte deles! Diremos e diremos claramente.

Como os membros da Frente dizem querer as liberdades democráticas, como nos socialistas queremos estas liberdades, e como consideramos que todos os que estão contra o governo militar podem lutar juntos, chamamos todos os participantes da frente a incluírem no seu programa e lutarem pelo fim de toda a legislação de exceção e atos institucionais; pela anistia ampla, geral e irrestrita; pela volta imediata de todos os bandos e exilados; por eleições livres e diretas em todos os níveis; pelo fim imediato do regime militar; pela convocação de uma Assembleia Constituinte Democrática e Soberana, com a participação legal e livre de todos os partidos, inclusive do Partido Comunista e do Partido Socialista; Por um aumento geral de salários de 100%; por uma nova legislação trabalhista que assegure o direito de greve e a total independência e liberdade dos sindicatos do estado burguês. Esses são pontos essenciais sem os quais qualquer projeto democrático se mostrará capenga, não respondendo aos verdadeiros interesses da maioria da nação.



USP AGORA OS FUNCIONÁRIOS

A política do arrocho salarial, vigente em nosso país, atinge níveis insuportáveis também ao funcionalismo público. Por este motivo, os funcionários da USP se mobilizam na luta por uma remuneração mais justa, reivindicando aumento salarial de 20%.

Um abaixo-assinado com mais de 2.000 assinaturas, contendo as reivindicações da categoria foi encaminhado ao reitor que no entanto não recebeu a comissão de entrega, preferindo recepcionar o rei de uma tribo da Nigéria.

Disseram os funcionários: «É, o reitor só recebe reis...»

Mas a luta continua e os companheiros funcionários da USP, mesmo

sem o auxílio da direção pelega da ASUSP — Associação dos Funcionários da USP —, paralisaram suas atividades no último dia 26 de junho, quando ficaram em assembleia permanente e realizaram uma passeata com mais de 500 pessoas no campus.

A luta não parou e vai continuar até a vitória. Vitória que também implica na substituição da atual direção da ASUSP e eleição de outra verdadeiramente representativa, que lute pelos interesses da categoria.

Nós da Convergência Socialista nos solidarizamos com a luta dos funcionários da USP, mais um setor que se mobiliza contra a política de compressão salarial.



O jornal socialista é um instrumento para a emancipação dos trabalhadores. Trabalhe com esta ferramenta, distribuindo, discutindo e organizando!

O CAMINHO SOCIALISTA NAS ELEIÇÕES

- 1) A saída: umPS de massas.
- 2) Por candidatos comprometidos com a classe trabalhadora.
- 3) Propaganda socialista + propostas de unidade.
- 4) Pela formação de comitês pró-PS.
- 5) O grande objetivo: uma nova sociedade!

Estamos vivendo um ano que promete muita discussão e vida política. A sociedade se politiza rapidamente, abrindo brechas para a participação dos trabalhadores e socialistas na vida nacional. Uma dessas brechas é o processo eleitoral. Os burgueses e pequenos-burgueses se preparam para esse processo, elaboram as suas propostas umas duvidas e populistas, outras até bem intencionadas, mas ultra-esquerdistas. E os socialistas? Não podemos ficar à margem. Devemos aproveitar não só para eleger uma bancada, mas também para levar às grandes massas as nossas posições sobre uma série de assuntos como anistia, Constituinte, novos partidos.

Devemos participar dessas eleições levantando um programa que além de colocar a luta pelas liberdades democráticas, coloque também os problemas mais concretos dos trabalhadores e a saída socialista para nossa sociedade. Apoiaremos candidatos socialistas e os trabalhadores na luta pela construção do nosso partido. Os candidatos operários, mesmo que não lutem pela construção do partido socialista, mas que lutem por pontos que impulsionem a luta pela independência da classe devem ter o nosso apoio. No entanto, a nossa participação não será apenas nas urnas, mas somando o voto a luta concreta pela organização dos socialistas.

A propaganda do socialismo se dará na formação de comitês pró-PS. Estes devem ser organismos de discussão e ação, de como implementar as lutas econômicas e democráticas e, sobretudo, de como impulsionar a construção do PS e da nova sociedade socialista.

O QUE SIGNIFICAM AS MEIAS REFORMAS DE GEISEL?

A burguesia está descontente com o regime? Está. As lutas populares avançaram? Avançaram. O que o regime pode fazer? Propor algumas reformas e elas estão aí, na mesa, para serem provadas por todos. Elas possibilitam um espaço político maior. Mas, esta é a nossa palavra, estão muito longe do que o povo brasileiro necessita.

No dia 25 de junho, o presidente da República fez um pronunciamento a toda a nação, anunciando as reformas. Falou do fim dos atos institucionais, da volta do habeas-corpus e contra a segurança nacional, prometeu garantias de uma atuação mais livre para os parlamentares e para os juizes, e criou uma nova fórmula que facilita um pouco a criação de novos partidos. São muitos os fatores que levaram o governo a propor estas reformas, mas o principal é a mudança da relação entre as classes sociais.

Desde algum tempo, vários setores da burguesia, que apoiavam o governo, começaram a discordar da forma como estavam sendo conduzidas as suas negociações. Não satisfeitos com a maneira como Geisel estava dividindo o bolo, num momento de crise econômica, começaram a reclamar e a exigir melhores condições de influir na direção da sociedade. Estas atitudes começaram a preocupar o governo, pois elas põem em risco os seus planos de manter a ditadura, realizando apenas pequenas mudanças e impondo a candidatura do general J.B. Figueiredo como o novo ditador.

Mas o principal motivo para esta proposta de reformas foi o aumento das mobilizações populares. As manifestações de todos os setores sociais por liberdades democráticas, mas principalmente as atuais greves dos trabalhadores da Grande São Paulo, que já estão estourando em outros pontos do país, levaram o governo a acelerar a apresentação do seu projeto de reformas e inclusive a incluí-las algumas coisas que ele não pretendia (o habeas-corpus para presos políticos, por exemplo). O objetivo deste projeto é impedir uma explosão violenta da insatisfação popular e ao mesmo tempo esvaziar as oposições burguesas como a Frente Nacional pela Redemocratização.

Estas reformas sem dúvida trazem algumas facilidades para a atuação e organização dos socialistas. Os trabalhadores em geral, mas na verdade não satisfazem as nossas verdadeiras necessidades. Continuamos com nossos sindicatos atrelados, sem o CGT, e principalmente, sem a liberdade de constituir um partido verdadeiramente dos trabalhadores. Portanto, devemos aproveitar estas aberturas que o governo é obrigado a conceder porque não tem outra saída, para ampliar nossa organização lutas sindicais, quanto políticas, intensificando nossa luta por sindicatos livres, comitês de fábrica, pela criação do CGT e por um partido dos trabalhadores: o Partido Socialista.

A T E N Ç Ã O: O original deste documento (com 01 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

O NOVO DONO DO FUTEBOL É UM TORTURADOR?

Videla, o campeão mundial da tortura, fez da Copa do Mundo um instrumento de promoção política. Hellen Nunes, presidente da Arena, no Rio, e da CBD, não conseguiu esta façanha, porque nossa Seleção perdeu. Será que os jogadores, agora, viraram marionetes nas mãos destes super-cartolas?

A gente pode pensar muita coisa em torno da última Copa do Mundo. Em primeiro lugar, vamos dizer que, mais do que nunca, ficou claro como água que a ditadura argentina armou um tremendo carnaval em torno da Copa por objetivos inteiramente políticos. Sentindo-se acuada pelas denúncias de seu caráter repressivo e criminoso, Videla e Cia. usaram o futebol — um esporte maravilhoso que apaixonou os povos de todo o mundo — para “limpar a imagem” da ditadura.

Era até gozado ver como as imagens da televisão, filmadas pela TV oficial argentina, mostravam não só o que acontecia dentro das quatro linhas do gramado como a cara de Videla e dos outros membros da Junta Militar. Ao mesmo tempo os locutores argentinos descarregavam em cima do povo deste país irmão uma tremenda conversa fiada que tentava misturar futebol e política, sempre acenando com os “objetivos nacionais” e outros bla-bla-blas. Como se os trabalhadores argentinos pudessem esquecer que este regime aí fez tudo para destruir os seus direitos, adquiridos em tantos anos de luta, todos os trabalhadores e líderes políticos progressistas assassinados, presos, perseguidos, e exilados!

Há outra coisa a se dizer. Esta não é a primeira vez que o esporte é usado para objetivos políticos. Hitler promoveu uma Olimpíada só para provar que “os arianos eram superiores”. No fim, terminou humilhado por um grande esportista negro norte-americano que se tornou a maior figura daquela Olimpíada, Jesse Owens. Já no Brasil, nós temos as lições dos tempos de Medici, que fazia tudo para provar ser “o maior torcedor” da Seleção Brasileira... Até parecia que ele era o rei da bola, tanto se promovia às custas do futebol. Hoje, aliás, nosso futebol está nas mãos de

um almirante, o seu Hellen Nunes, que é apenas o presidente da Arena no Rio... E que entregou a direção de nosso time para o incompetente Capitão Coutinho... E demais, não?

Mas há uma outra coisa que nós, socialistas, queremos dizer a respeito do futebol e dos outros esportes. Para nós, tem muita coisa errada em tudo isto. Cada vez mais se fala e se badala o futebol profissional. Cada vez menos o povo, no Brasil, tem um lugarzinho que seja para praticar esporte. Numa cidade como São Paulo, todos os campos que eram usados pelos varzeiros estão desaparecendo. Além do que, do jeito que vai a vida, com tudo sumido da mesa do trabalhador, quem é que tem animo para praticar esporte? Para os socialistas, o esporte é um direito que o povo deve ter. Numa nova sociedade, construída em cima desta podridão toda, vai se colocar na ordem do dia o acesso de todos à prática do esporte. E não esta coisa de só se ficar da arquibancada olhando os outros jogar.



326

Expediente:

Editores: Maura Veiga e Cristina Ribeiro
Colaboraram nesta edição: Júlio, Marcos, João, Percy, Ruberval, Gleise, Rosa, Luiz (texto), Carlos (arte) e Rosa (fotos).
Diretor Responsável: Marcos Faerman
VERSUS é uma publicação da Editora Versus Ltda. Redação e Administração: rua Oscar Freire, 2271 — Pinheiros, São Paulo/SP CEP 05409. Composto e Impresso na Empresa Jornalística AFA, av. Liberdade, 764 — tel.: 278-9010, julho 1978

MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Hoje, uma realidade nova começa a se apresentar. Dia 7 de julho, os negros saíram às ruas em ato público contra a discriminação racial. No Viaduto do Chá, às 18:30 horas, sob a direção do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial.

Na verdade, vivemos momentos de grandes vitórias. A esquerda brasileira, em conjunto com os trabalhadores e o movimento negro, conseguiu um grande avanço no momento em que conseguiram combinar as lutas específicas com as lutas gerais.

Logo após o surgimento de uma Tendência Negra na Convergência Socialista, nasce da unidade de vários grupos e entidades da Comunidade Negra, o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial, um movimento amplo e democrático, que, sem dúvida, vai unificar todos os setores mais consequentes da Comunidade negra. Este será um movimento independente, onde os negros poderão se colocar, livres de qualquer escamoteação, seja de setores da esquerda ou da direita branca. Um movimento de coragem, que conseguirá marcar com seu ato público o repúdio da Comunidade negra contra a morte de Reilson Silveira da Luz, assassinado pela polícia de Guianazes por causa de sua raça, contra o impedimento de atletas negros treinarem no Clube de Regatas Tietê e todas as formas latentes de racismo que se manifestam, diariamente na sociedade brasileira.

O apoio dos vários setores democráticos da sociedade ao movimento significa um avanço nas lutas pela democracia no país; sua independência vai marcar o amadurecimento destas lutas.

Alto Latino América.
Núcleo negro socialista

A GREVE GERAL DOS MÉDICOS

«Nossa luta não é uma luta contra o povo. É uma luta reivindicatória contra os donos dos hospitais, pelos nossos direitos.»

A classe média brasileira, que até há dois anos ainda vivia sob a ilusão do «milagre brasileiro», começou a demonstrar os primeiros sinais de seu despertar para as péssimas condições de vida, decorrentes desses anos todos de ditadura e super-exploração das classes trabalhadoras, de um regime entregue aos interesses do imperialismo.

Após a movimentação de estudantes, artistas, professores, advogados, intelectuais, e as recentes greves dos operários que paralizaram e continuam paralizando as máquinas de numerosas fábricas de todo o país, chegou a vez dos jovens médicos residentes dos hospitais brasileiros.

O que é um médico residente? «Somos profissionais habilitados a exercer a medicina, após seis anos de estudos; e apesar de ser a residência médica um aperfeiçoamento, um treinamento, repelimos a ideia de sermos considerados simples estudantes, toda vez que nossa atividade rende lucros aqueles para quem trabalhamos», conforme declarou o médico residente, Dr. Guilherme.

Marginalizados do sistema trabalhista, os médicos residentes trabalham de 60 a 100 horas por semana, chegando em muitos casos a jornadas de 36 horas consecutivas. Recebem um salário médio de Cr\$ 3.000,00, o que representa menos da metade do salário

de um médico contratado, quando na verdade trabalham três vezes a mais. Não têm direito à Previdência Social, 13º salário, e o período de residência não é considerado como tempo de serviço para fins de aposentadoria.

Além de ser uma forma de exploração de mão-de-obra barata, a residência serve para formar especialistas que irão atender às necessidades das classes economicamente privilegiadas. No entanto a população brasileira não necessita de especialistas, e sim de assistência médica primária, voltada aos problemas básicos da saúde pública: as doenças infecto-parasitárias e a desnutrição, decorrentes da fome que aflige o povo brasileiro. O lucro é a consequência direta dessa política onde o estado, através do INAMPS (antigo INPS), transfere para as empresas particulares todos seus encargos de atendimento na área da saúde.

As Lutas — As reivindicações começaram na Associação de Residentes do Hospital das Clínicas de São Paulo, que com o apoio do Sindicato dos Médicos, exigiu um piso salarial de cinco salários mínimos, com base na legislação trabalhista. Mesmo após repetidas negativas da superintendência do Hospital, os médicos residentes se mantiveram firmes em suas reivindicações, e ameaçaram paralisar as atividades. Paralelamente denuncia-

ram as graves irregularidades administrativas no hospital, e após momentos de muita tensão com assembleias constantes, os residentes conseguiram seu propósito: cinco salários mínimos.

Este movimento vitorioso serviu para ativar as diversas associações de médicos residentes dos outros hospitais, que se integraram a luta pelas mesmas reivindicações. Não sendo atendidos, resolveram em assembleias, paralisar as atividades: era o começo das greves dos médicos. Em represália, 316 médicos da Santa Casa de São Paulo foram demitidos. Apesar disso, os médicos se mantêm firmes em suas reivindicações, e em assembleia convocada pelo Sindicato dos médicos de São Paulo, resolveu-se convocar greve geral de todos os médicos residentes do Estado, para o dia 29 de junho.

Todo nosso apoio às justas reivindicações dos médicos residentes!

Por uma medicina voltada ao atendimento das necessidades básicas da população!

Este é o momento de estendermos nossas lutas não só para outros hospitais, mas também a todos os companheiros trabalhadores de Saúde, realizando assembleias gerais por hospitais, todos juntos: médicos, enfermeiros, assistentes sociais e funcionários em geral.

contra o racismo

Hoje estamos na rua numa campanha de denúncia!

Campanha contra a discriminação racial, contra a opressão policial, contra o desemprego, o sub-emprego e a marginalização. Estamos nas ruas para denunciar as péssimas condições de vida da Comunidade Negra.

Hoje é um dia histórico. Um novo dia começa a surgir para o negro!

Estamos saindo das salas de reuniões, das salas de conferências e estamos indo para as ruas. Um novo passo foi dado na luta contra o racismo.

Os racistas do Clube de Regats Tietê que se cubram, pois exigiremos justiça. Os assassinos dos negros que se cuidem, pois a eles também exigiremos justiça!

O MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL foi criado para ser um instrumento de luta da Comunidade Negra. Este movimento deve ter como princípio básico o trabalho de denúncia permanente de todo ato de discriminação racial, a constante organização da Comunidade para enfrentarmos todo e qualquer tipo de racismo.

Todos nós sabemos o prejuízo social que causa o racismo. Quando uma pessoa não gosta de um negro é lamentável, mas quando toda uma sociedade assume atitudes racistas frente a um povo inteiro, ou se nega a enfrentar, aí então o resultado é trágico para nós negros:

Pais de família desempregados, filhos desamparados, sem assistência médica, sem condições de proteção familiar, sem escolas e sem futuro. É este racismo coletivo, este racismo institucionalizado que dá origem a todo tipo de violência contra um povo inteiro. É este racismo instituciona

lizado que dá segurança para a prática de atos racistas como os que ocorreram no Clube Tietê, como o ato de violência policial que se abateu sobre Robson Silveira da Luz, no 44º Distrito Policial de Guaianazes, onde este negro, trabalhador, pai de família foi torturado até a morte. No dia 1º de julho, Nilton Lourenço, mais um negro operário, foi assassinado por um policial no bairro da Lapa, revoltando toda a comunidade e o povo em geral.

Casos como estes são rotina em nosso país que se diz democrático.

E tais acontecimentos deixa mais evidente e reforça a justiça de nossa luta, nossa necessidade de mobilização.

É necessário buscar formas de organização. É preciso garantir que este movimento seja um forte instrumento de luta permanente da comunidade, onde todos participem de verdade, definindo os caminhos do movimento. Por isto chamamos todos para engrossarem o MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL.

Portanto, propomos a criação de CENTROS DE LUTA DO MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA DISCRIMINAÇÃO RACIAL, nos bairros, nas vilas, nas prisões, nos terreiros de candomblé, nos terreiros de umbanda, nos locais de trabalho, nas escolas de samba, nas igrejas, em todo o lugar onde o negro vive: CENTROS DE LUTA que promovam o debate, a informação, a conscientização e organização da comunidade negra, tornando-nos um movimento forte, ativo e combatente, levando o negro a participar em todos os setores da sociedade brasileira.

Convidamos aos setores democráticos da sociedade que nos apoiem, criando as condições necessárias para criar uma verdadeira democracia racial.

- CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL!
- CONTRA A OPRESSÃO POLICIAL!
- PELA AMPLIAÇÃO DO MOVIMENTO!
- POR UMA AUTÊNTICA DEMOCRACIA RACIAL!

"Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial"



São Paulo, 4 de julho de 1978

Ilmo. Delegado de Polícia do Estado de S. Paulo
Sr. Tácito Pinheiro de Machado

NESTA

Tendo em vista os ultimos atos de discriminação racial ocorridos nesta cidade, vimos-nos na obrigação de demonstrar publicamente nosso repúdio, uma vez que constituem verdadeiros, desrespeitos aos direitos humanos.

Como V. Sas. deve estar ciente, o jovem Robson Silveira da Luz faleceu há um mês em razão de ferimentos recebidos numa delegacia de Guianases, por causa de sua cor, segundo noticiário publicado na imprensa.

Novamente nossa comunidade foi atingida, quando recentemente, quatro garotos foram impedidos de continuar treinando voleibol no clube de Regatas Tiête, por serem negros. Em virtude destes fatos, nós os mais velhos e chefes de família há muito trabalhando junto à comunidade Negra, no sentido de preservar sempre sua dignidade resolvemos acompanhar nossos filhos para que essa manifestação pacífica de acordo com preceitos morais da Nação.

Sem mais subscrevemo-nos,

atenciosamente

Movimento Unificado contra a discriminação racial

Edward de Oliveira

Atílio

Cláudio Barbosa

MILTON SANTOS e HELIO SANTOS, apesar do nome, não são parentes, têm, entretanto, um objetivo comum: Uma participação efetiva do negro na vida nacional.

Tendo para isso lançado em 1976 diversos candidatos negros a vereador no interior do estado: Campinas, Limeira, Itú, são exemplos desse trabalho que está em franco crescimento.

adesões: Av. Camilo Castelo Branco, 202 — Cep. 04130 — São Paulo — Capital.

Marque com os candidatos um contato pessoal — fone. 275-0031.

VOCÊ É UMA FORÇA PARTICIPE!

PARA DEPUTADO FEDERAL



M
D
B

M
D
B

MILTON SANTOS

N.º 343

MILTON SANTOS

Formado em Letras pela Universidade Católica de Campinas. É professor na Rede Estadual e Municipal de Ensino e Suplente de Vereador na Capital, tendo obtido nas últimas eleições 20.236 votos.

HELIO SANTOS

Professor Titular de diversas faculdades situadas na Capital e no ABC, bacharel em Contabilidade e Administração de Empresas, Pós-Graduado pela Fac. de Economia da USP. Suplente de Deputado Estadual com 11.680 votos.

PARA DEPUTADO ESTADUAL



M
D
B

M
D
B

HELIO SANTOS

N.º 1527

MILTON SANTOS e HELIO SANTOS, apesar do nome, não são parentes, têm, entretanto, um objetivo comum: Uma participação efetiva do negro na vida nacional.

Tendo para isso lançado em 1976 diversos candidatos negros a vereador no interior do estado: Campinas, Limeira, Itú, são exemplos desse trabalho que está em franco crescimento.

adesões: Av. Camilo Castelo Branco, 202 - Cep. 04130 - São Paulo - Ca. ita.

Marque com os candidatos um contato pessoal - fone: 275-0031.

VOCÊ É UMA FORÇA PARTICIPE!

PARA DEPUTADO FEDERAL



MILTON SANTOS

N.º 343

MILTON SANTOS

Formado em Letras pela Universidade Católica de Campinas. É professor na Rede Estadual e Municipal de Ensino e Suplente de Vereador na Capital, tendo obtido nas últimas eleições 20.236 votos.

HELIO SANTOS

Professor Titular de diversas faculdades situadas na Capital e no ABC, bacharel em Contabilidade e Administração de Empresas, Pós-Graduado pela Fac. de Economia da USP. Suplente de Deputado Estadual com 11.680 votos.

PARA DEPUTADO ESTADUAL



HELIO SANTOS

N.º 1527

A LIBERTAÇÃO DO NEGRO É OBRA DO PRÓPRIO NEGRO :

Entre em contato e PARTICIPE :

CENTRO DE LUTA dos Associados do CECAN-R. Maria José, 450 B. Vista, das 19 às 22 hs.

CENTRO DE LUTA AFRO-LATINO-AMÉRICA-R. Oscar Freire, 2271, Pinheiros - das 14 às 18hs.

CENTRO DE LUTA ACBB.- Av. Consolação, 1151 - das 19 às 22 hs.

ASSEMBLÉIA: DIA 23 de JUNHO de 1978 (19 horas na ACBB)

MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA DISCRIMINAÇÃO RACIAL

O original deste documento (com 2 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

CARTA CONVOCATÓRIA PARA O ATO PÚBLICO CONTRA O RACISMO



331

Nós, Entidades Negras reunidas, resolvemos criar um Movimento no sentido de defender a Comunidade Afro-Brasileira da exploração racial e desrespeito humano a que a comunidade é submetida.

Não podemos mais calar. A discriminação racial é um fato marcante na sociedade brasileira, que barra o desenvolvimento do negro, destrói a sua alma e sua capacidade de realização como ser humano.

O Movimento Contra a Discriminação Racial foi criado para que os direitos dos homens negros, também, sejam respeitados. Como primeira atividade, este Movimento realizará um Ato Público contra o racismo, no dia 7 de julho às 18,30 horas, no Viaduto do Chá. Seu objetivo será protestar contra os últimos acontecimentos discriminatórios contra negros, amplamente divulgados pela imprensa:

- No dia 28 de abril, numa delegacia de Guianazes, mais um negro foi morto por causa das torturas policiais. Esse negro chamava-se Robson Silveira Luz, trabalhador, casado e pai de filhos.

- No Clube de Regatas Tietê, quatro garotos foram, covardemente, barrados do time infantil de voleibol, pelo fato de serem negros. O diretor do Clube deu entrevistas, nas quais confirmou suas atitudes racistas, tal a confiança de que não será punido por seu ato.

Nós também sabemos que os processos desses casos não darão em nada. Como todos os outros casos de discriminação racial, serão apenas mais dois processos abafados e arquivados pelas autoridades deste país, embora um dos casos tenha a agravante da tortura e conseqüente morte de um cidadão negro.

Mas o Ato Público marcará fundo nosso repúdio. Para tanto, convocamos todos os setores democráticos, que lutam contra as injustiças e o desrespeito aos direitos humanos, e engrossaram as fileiras com a Comunidade Afro-Brasileira, nesse ato contra o racismo.

- Fazemos um convite especial a todas as entidades negras do país, a ampliarem o nosso movimento. As entidades negras devem desempenhar o seu papel histórico em defesa da Comunidade Afro-Brasileira. Lembramos que quem oala consente.

Não podemos mais aceitar as condições em que vive o homem negro, sendo discriminado da vida social do país, vivendo no desemprego, subemprego e nas favelas. Não podemos mais consentir que o negro sofra perseguições constantes da polícia, sem dar uma resposta.

- TODOS AO ATO PÚBLICO CONTRA O RACISMO
- CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL
- CONTRA A VIOLENCIA POLICIAL
- PELO FORTALECIMENTO E UNIÃO DAS ENTIDADES AFRO-BRASILEIRAS.

Assinam:

JORNAL AFRO-LATINO-AMERICANO

GRUPO DE ARTISTAS NEGROS

ASSOCIAÇÃO BRASIL JOVEM

GRUPO DE ARTISTAS NEGROS

JORNAL ABERTURA

AFRO-LATINO-AMERICA RJ.

F I M